

REVISTA DA SEMANA

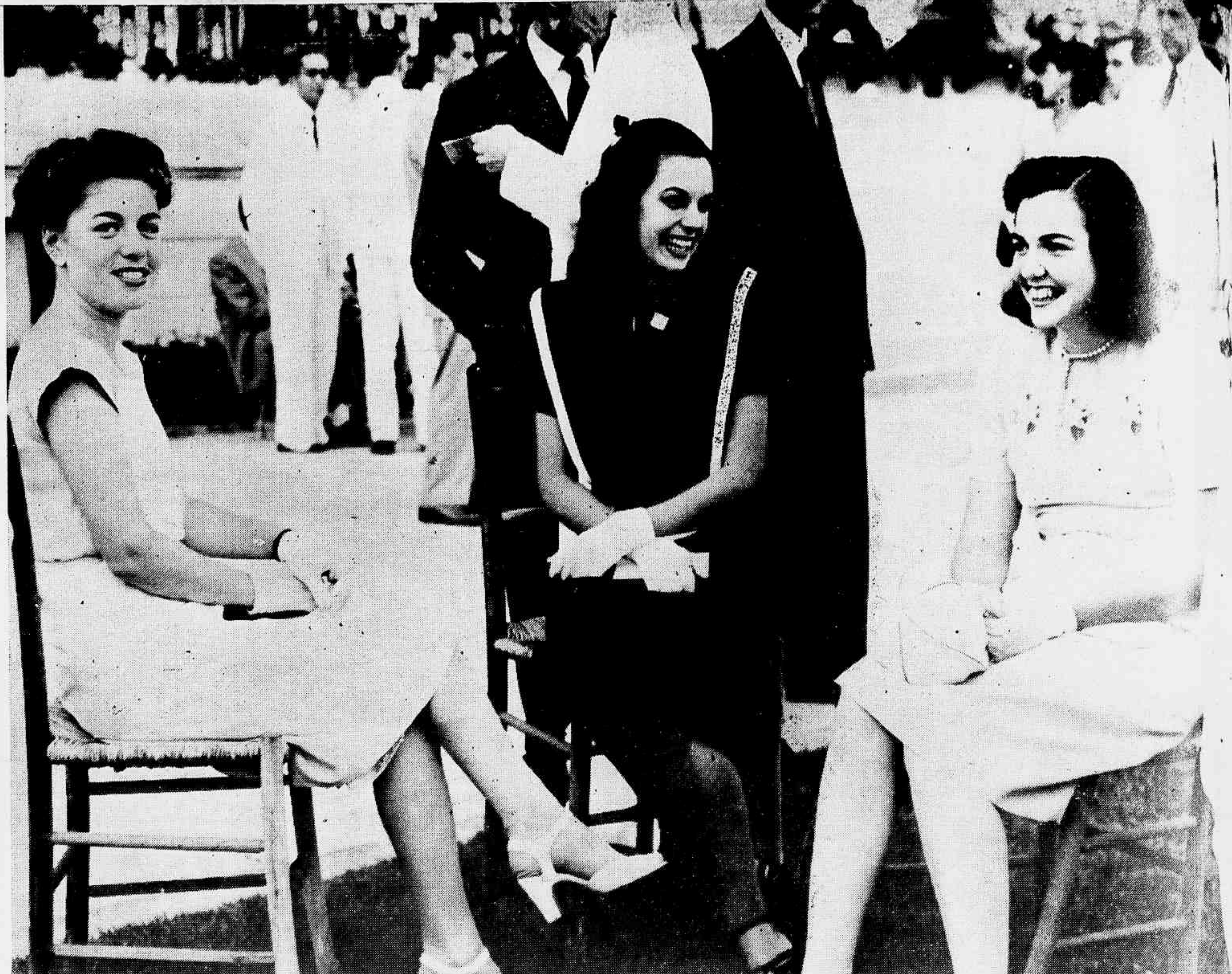
Nº 17-28-4-45



Neste número:

Dulcina em "Rainha Vitoria"

CR \$
1,50
EM TODO
O BRASIL



JOCKEY CLUB MUNDANO

Como sempre, apresentamos nesta página algumas fotos fixadas no Hipódromo da Gávea, na tarde de sábado último. Podemos verificar por estes flagrantes como esteve animada essa reunião, na qual, num ambiente requintado, desfilaram com graça e elegância as "turfwomen" cariocas.





RAINHA VITÓRIA

Em meio ao turbilhão de acontecimentos que vivemos esta semana, de par com as ocorrências políticas nacionais e as notícias da vigorosa arremetida russa contra a capital nazista, um registro de elevado sentido artístico surge para contrabalançar tanto movimento bélico... Foi a apresentação, no primeiro teatro da cidade, por parte de Dulcina e Odilon, da peça histórica "Rainha Vitória", de Laurence Housman. A exemplo do que nos deu em 1944, também este ano aquele ilustre casal de comediantes resolveu levar a efeito, em caráter solene e oficial, dentro da temporada da Prefeitura, uma série de grandes espetáculos de arte. E para começar foi encenada aquela peça histórica, em tradução correta de Bandeira Duarte e com um esmero de montagem realmente credor do aplauso do público. Mas o que sobremaneira se impôs nesses legítimos acontecimentos de requintada arte foi o desempenho notável de Dulcina, vivendo a parte de Rainha Vitória. Iniciando-se a peça com o despertar para o reinado, em 1837, ela vai terminar com o jubileu da rainha, em 20 de junho de 1897, após sessenta anos de glorioso reinado. Isso proporciona aquela festejada cruz patética o ensaio de apresentar ao público, no transcurso dos dez quadros da peça inglesa, uma admirável sucessão de "cabeças", que vai desde a meninice-moça ainda sem pensar em seu noivado com o Príncipe

(Continua na pág. 11)



Ao alto: grande massa popular, tão logo se teve notícia da assinatura do decreto de anistia geral para os prêsoes políticos, ocorreu às portas da Penitenciária Central, afim de esperar a saída de Luiz Carlos Prestes. Este flagrante foi colhido quando o povo se manifestava frente ao edifício da rua Frei Caneca. Em baixo: o ex-comandante da Coluna Prestes, após nove anos de encarceramento, volta à liberdade. O fotógrafo apanhou este instantâneo quando o líder das esquerdas deixava a prisão acompanhado pelo seu velho companheiro de lutas Trifino Corrêa.



Em cima: aspecto de um dos comícios realizados em praça pública, quando o povo reclamava anistia ampla e irrestrita para os prisioneiros políticos. Ao centro: a campanha pró-anistia culminou com o decreto que pôs em liberdade todos os presos políticos do Brasil. Eis um deles, chegando da ilha Grande, ao ser recebido por seus parentes. Em baixo: outro aspecto da chegada dos presos da ilha Grande a esta capital, onde foram libertados.

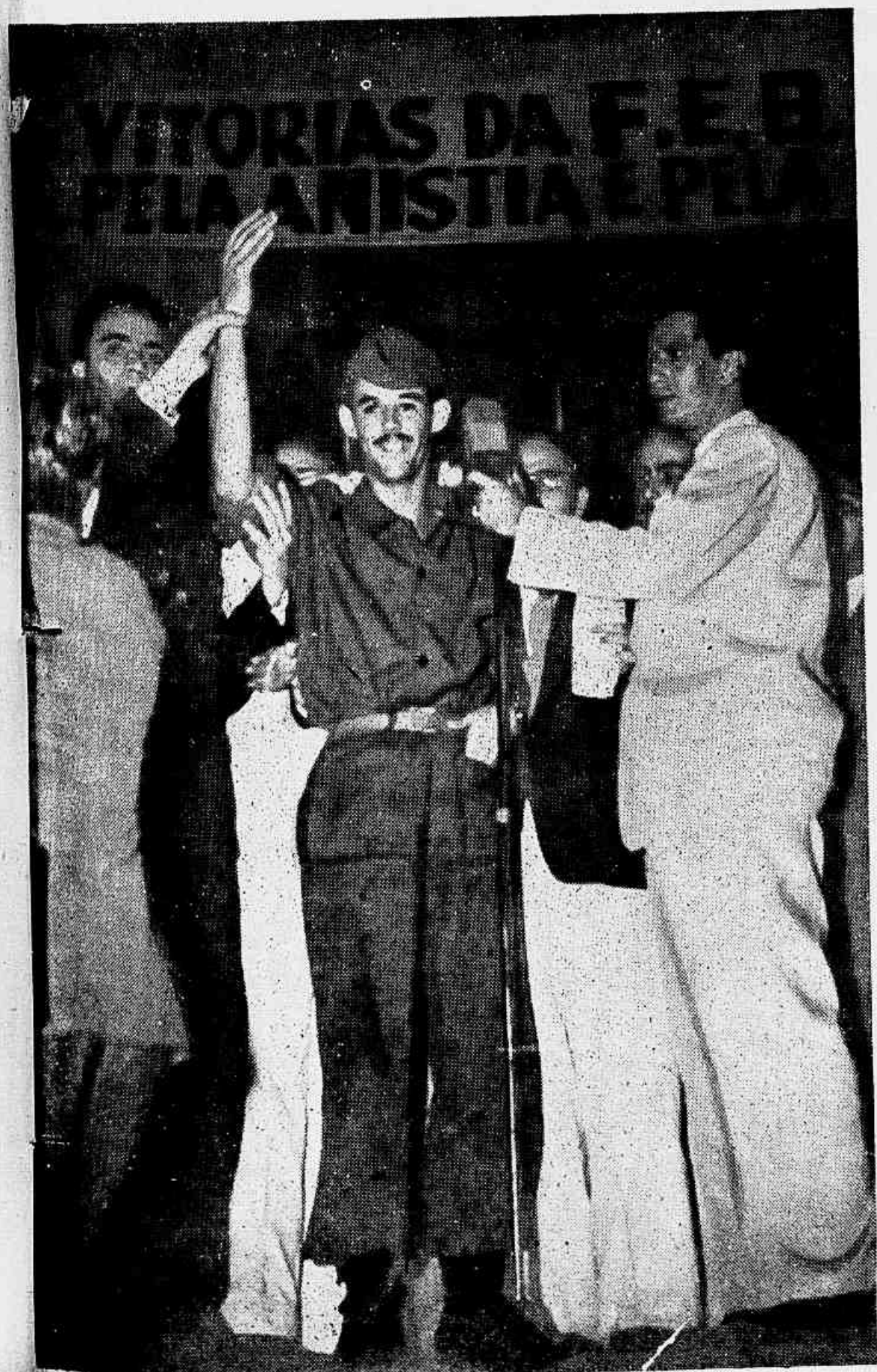


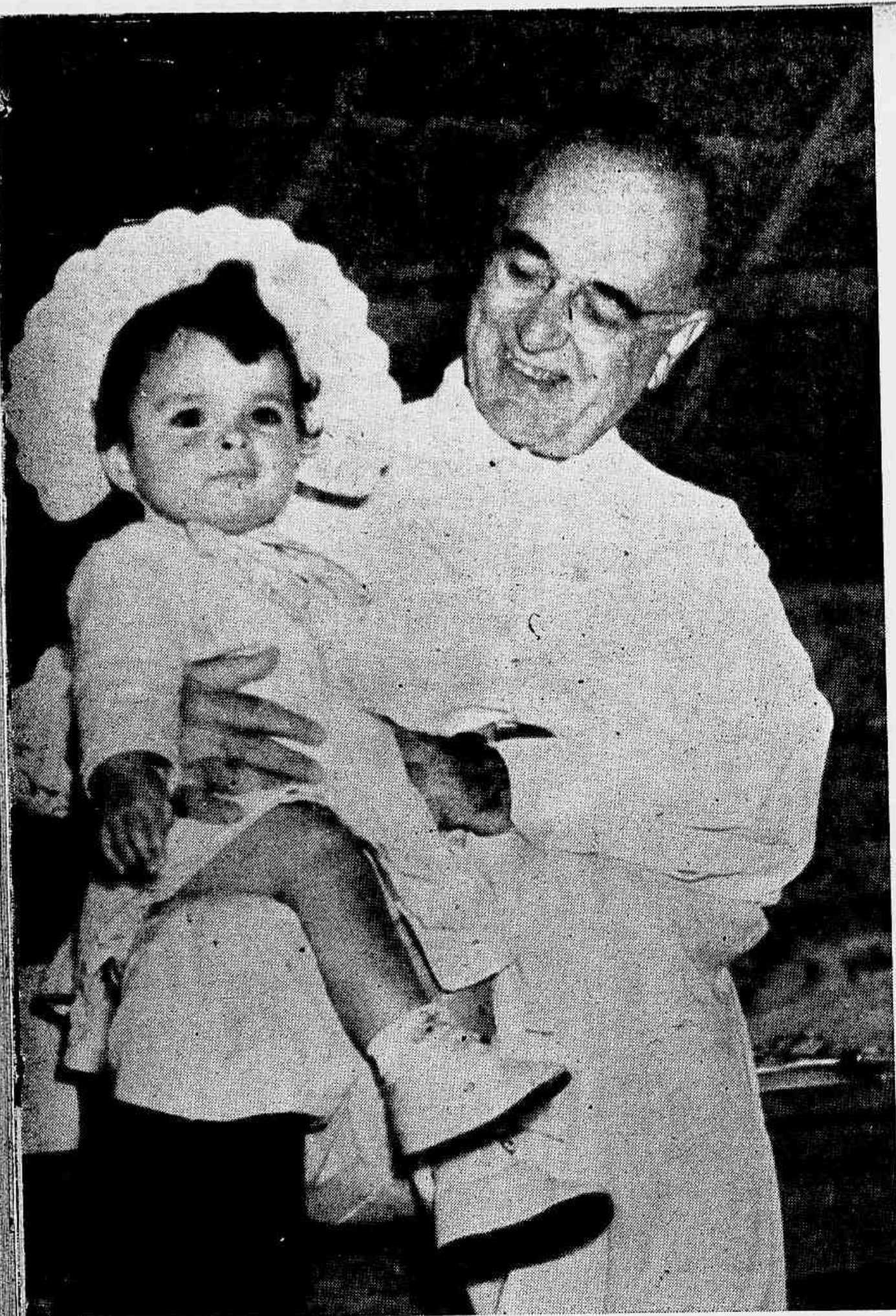


NOTÍCIAS E COMENTÁRIOS

Luiz Carlos Prestes apareceu pela primeira vez em público para assistir e tomar parte na passeata realizada em sinal de pesar pela morte de Roosevelt. Aqui vemos o leader anti-fascista entre o embaixador Adolf Berle Junior e o adido militar norte-americano, na janela da embaixada. Esta foi a única oportunidade que teve o povo carioca de avistar o Cavaleiro da Esperança, que ainda não compareceu a outras manifestações populares.

Revestiu-se de entusiasmo invulgar o "meeting" levado a efeito em homenagem aos soldados da F. E. B., tendo falado durante o mesmo vários oradores, que exaltaram as virtudes dos nossos heróis e salientaram a posição do povo brasileiro na luta contra o nazi-fascismo. Em cartazes de grandes proporções, carregados por populares, cham-se frases alusivas ao combate ao fascismo e saudações aos leaders democráticos. Em baixo: três aspectos do "meeting", vendo-se num deles um herói da Fôrça Expedicionária respondendo às saudações do povo.





O Presidente Getúlio Vargas passou este ano o seu aniversário em família. Aqui vemos o Chefe da Nação brincando com a sua netinha Celina, filha do casal Amaral Peixoto, na propriedade do interventor do Estado do Rio de Janeiro, próxima de Areal.



Primeira reunião da diretoria da Sociedade Amigos da América, realizada a semana passada nesta capital, sob a presidência do general Manoel Rabelo. Após o seu fechamento, ocorrido há mais de seis meses, esse grêmio democrático volta a funcionar com os mesmos objetivos.



Sessão solene realizada no salão do Instituto Nacional de Música, logo após a reabertura da Sociedade Amigos da América, e que marcou o reinício das atividades da liga democrática presidida pelo general Manoel Rabelo. Durante os trabalhos foram prestadas grandes homenagens póstumas a Roosevelt.



O sr. Domingos Velasco, ex-parlamentar e velho militante anti-fascista, definindo a posição dos políticos goianos, numa das reuniões da Convenção Democrática, que apóia a candidatura brigadeiro Eduardo Gomes à Presidência da República.



No Instituto Nacional de Música reuniram-se portugueses anti-fascistas do Rio de Janeiro, definindo em assembleia pública o seu repúdio às forças dos governos autoritários, pedindo o estabelecimento em Portugal de um governo provisório e de uma constituinte.

NESTE NUMERO

ANO XLVI --- N.º 17 --- 28-4-945

LITERATURA

Dilema (Dorothy Sayers)	23
Crepúsculo de Marte (Berilo Neves)	25
Figuras do Império (Escragnolle Doria)	26
A esfinge sem segrêdo (Oscar Wilde)	28/29
O outro crime (Robert Lee)	34
Livros Novos (J. L.)	40/41

REPORTAGENS

Rainha Vitória	3, e 10/15
Falcões Brasileiros nos Céus de Itália (Artur Estrela de Souza)	18/22
Um Jovem Fala de Poesia (Armando Migueis)	36
A Guerra em Marcha	37/39

FOTOGRAFICAS

Jockey Club Mundano	2
O Momento Político	4/6
Figuras e Fatos	24
Gráficas de São Paulo	30/31

CURIOSIDADES

A Preservação dos Monumentos Históricos	42/43
A Propósito da Conferência de S. Francisco	45

FEMININAS

Nos Bastidores Femininos	27
Modas Para as Manhãs Frias	32/33
Modelos de Grande Elegância	46/47
Outros Modelos	50 e 52

CARICATURAS

Dois em Uma	9
"Charge" de Raul	56
De Bom Humor	16

SECÇÕES

Aconteceu... ..	7
A Semana em Revista	8
De Rádio (Djalma Maciel)	17
De Música (Roberto Lyra Filho)	55

NOVELA

"Ressurreição" (Jesy Barbosa)	57/58
-------------------------------------	-------

NOSSA CAPA



Janet Blair, "estrêla" da Columbia, apresenta às leitoras da nossa revista, na sobrecapa desta edição, um modelo que certamente muito lhes agradará. É um vestido de lã, para meia-estação, de corte bastante original e elegante. Pode ser feito em mostarda, pistache, havana ou mesmo azul-marinho. Todo trespassado, como quimono, é amarrado do lado por um laço do mesmo tecido. Mangas bem armadas a "três-quartos". Um colar de três fios completa a elegância dessa "toilette". Outras novidades desta edição: flagrantes fotográficos culminantes da peça "Rainha Vitória", apresentada no Teatro Municipal por Dulcina-Odilon; "Falcões brasileiros nos céus de Itália", início de uma grande reportagem feita por um expedicionário brasileiro recém-voltado à Pátria, além de muitos aspectos dos maiores acontecimentos políticos da semana, outras páginas dedicadas à Mulher, e desenvolvida parte literária com os contos, crônicas e novelas do costume.

Continuamos também a inserção da novela radiofônica de Jesy Barbosa "Ressurreição", que tanto sucesso vem registrando.

Casada
ou
Solteira

Quando levar uma queda, um susto ou tiver raivas, quando receber uma notícia má, que cause tristeza e aborrecimento, sempre que se sentir nervosa, triste, zangada e mal disposta, lembre-se que certos órgãos internos das mulheres se congestionam e se inflamam com muita facilidade, bastando para isto um abalo forte, uma comoção violenta, um resfriamento ou alguma imprudência.

Aos primeiros sintomas de congestão e inflamação destes importantes órgãos útero-ovarianos use **Regulador Gesteira**. Faça sempre assim que evitará muitas doenças perigosas.

Use **Regulador Gesteira**

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, peso e dormência nas pernas, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira evita e trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

Aconteceu...

HÁ NOVENTA ANOS

Já então aconteciam em Minas Gerais fatos os mais pitorescos. Eis um deles, registrado pelo primeiro número do "Correio Paulistano", o mais antigo jornal diário do Estado de São Paulo, edição de 26 de junho de 1854:

"MACRÓBIO PATRIARCAL"

As províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais se concertaram para dar e sustentar a vida a um prodígio de longevidade e paternidade, que leva as lampas aos antigos patriarcas, Matusalem, os sultões da Turquia e quanto longevivo e procreador têm aparecido. Está a chegar à Corte o sr. Francisco Tomás da Silva, nascido na freguesia de São João Marcos em 1747! Vem da província de Minas, onde nasceu e reside, apresentar-se a S. M. Imperial D. Pedro II e pedir-lhe, em remuneração de seus serviços, meios de sustentar a sua numerosa família, que consta apenas de 14 filhos, casados todos eles, 160 netos, 70 bisnetos e cinco trinotos.

Este bom cidadão, na frase dos romanos, este homem abençoado por Deus, na frase da Bíblia, tem todas as suas faculdades em perfeito estado. Ainda ante-ontem fez uma viagem de Três-Córregos a Magé, isto é dez léguas, num só dia!

Isto é uma notícia publicada em 1854. O nosso amigo da história contava, na data em que vinha pedir ao imperador D. Pedro II meios para sustentar a sua pequena família, a idade de 107 anos, nada menos. E em sua idade, em vez de andar à lareira caturrando, metia a trouxa no cajado e largava-se pelos sertões agrestes das vastidões fronteiriças do Rio e Minas, a fazer um pequeno exercício de dez léguas a pé por dia!

Costumamos hoje ouvir sempre de nossos pais a afirmativa de que em seus tempos de moços havia mais saúde, mais força de vontade, mais valor.

Mas isso constitui uma herança perene em todas as famílias. Já os nossos avós recriminavam a moleza de papai e mamãe, alegando a história de seus velhos tempos, que falava dos moços em longas caminhadas ou viajando a cavalo quilômetros infatigáveis. E sempre com a peroração indispensável:

— "Ah! os moços de hoje! Como são fracos! Andam de automóvel, sentam-se o dia inteiro e não são capazes de uma boa caminhada!"

Mas quase nunca os pais têm razão. Em geral, quando eram moços, faziam a mesma coisa que nós.

Mas esse cidadão de Minas era de fato "um camarada do meu tempo". Que temperamental! Que resistência! Que classe! Aos cento e sete anos de idade contava nada menos de 249 descendentes e ainda estava com todas as faculdades físicas normais. Quatorze filhos, cento e sessenta netos, setenta bisnetos, cinco trinotos, e ainda em forma! Sim senhor! E note-se que Voronoff não havia ainda nascido.

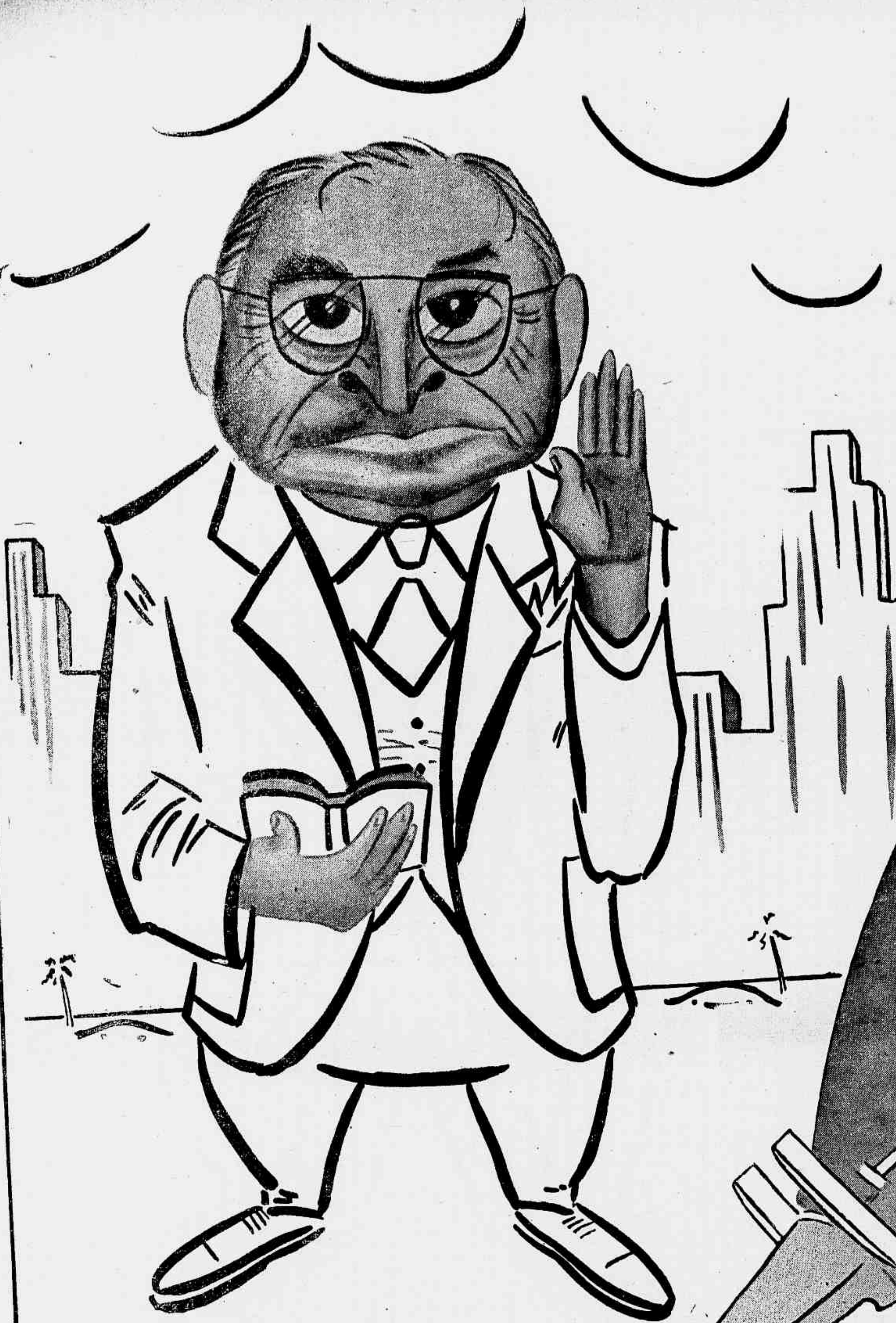
Um calçado da moda
para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 — RIO



Caricaturas de
MICHEL
Legendas de
ZÉ CARIOCA



REGISTRO

Desapareceu na luta
Essa figura impoluta
Que era o terror do inimigo.
Mas vem Truman e hoje vemos
Que se um amigo perdemos,
Ganhamos um novo amigo.

ARTES PLASTICAS

"Sempre digo e repito, em tôda parte
Que a educação é dada pela arte,
Pela arte imortal, serena, eterna.
E com esta idéia prêsa ao pensamento,
Fiz de minha cabeça um monumento,
Erguido em honra à estética moderna."





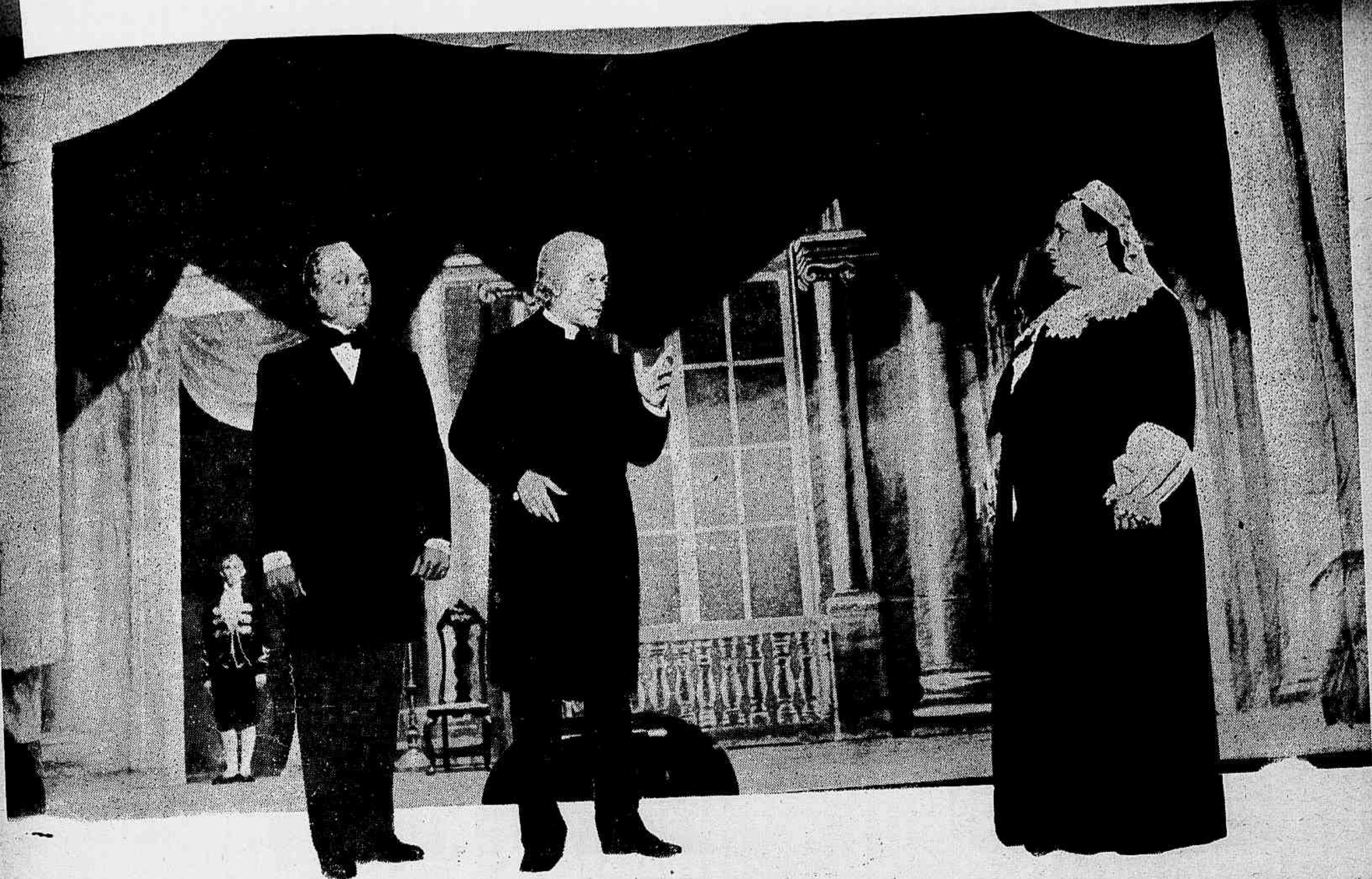
1
bidos
breve
druga
siste
gues
de e
mãe;
será
limite

Albe
rael
cina
tuar
ranc

trab
Man
rac
em
pre
do

das
ten
da
tér
ele
ce
Ri
de
ne
ne

D
d
m
l
o
o
m



1 Verificando-se o passamento do velho soberano inglês, vão a palácio o lord Conynghan e o arcebispo de Canterbury dar ciência à nova rainha. Ali são recebidos pela duquesa de Kent, mãe da jovem que dentro em breve será coroada a soberana da grande nação. É madrugada alta, todos estão recolhidos, mas o arcebispo insiste que seja despertada aquela a quem serão entregues os destinos de um povo. A velha duquesa vibra de entusiasmo e satisfação, presumindo tornar-se rainha-mãe; mas quando lord Conynghan a adverte de que será apenas mãe da rainha, sua alegria diminui. Ela se limita, então, a despertar a filha para a grande notícia.

(Continuação da pág. 3)

Alberto, até o seu encontro, na Escócia, com o judeu Disraeli. E que maravilhosos tipos esses compostos por Dulcina! Que deslumbrantes figuras nas quais iam se acenando as características da idade daquela grande soberana!

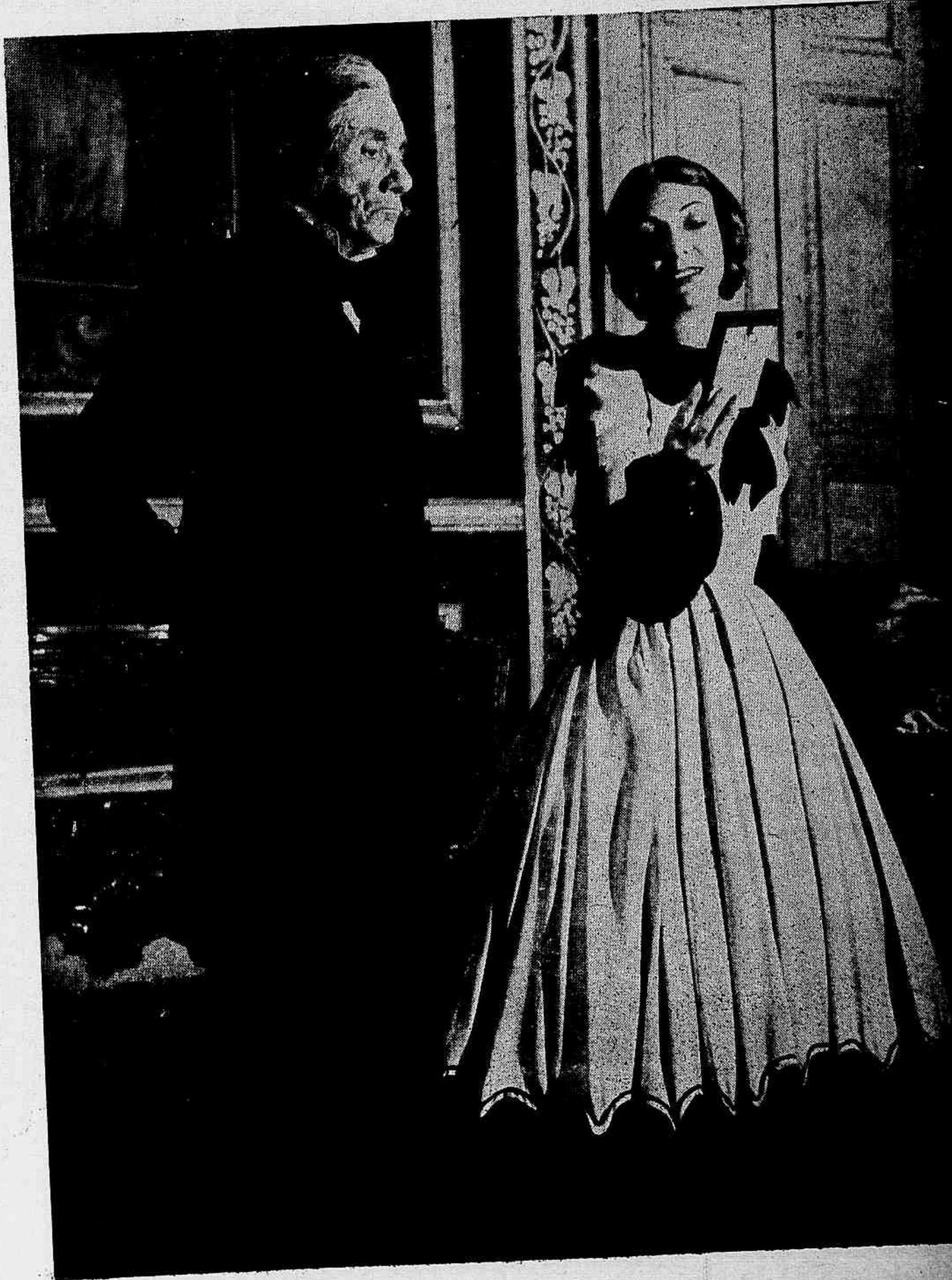
Mas não só Dulcina se impôs, porque outros apreciáveis trabalhos de composição se fizeram sentir, começando por Manuel Pêra em Disraeli, de fato um soberbo trabalho característico. Odilon, com sua proverbial correção, deu-nos em Príncipe Alberto, o marido da rainha, um trabalho irrepreensível. E assim todo o conjunto que se houve, no palco do Municipal, sob a direção provecta de Dulcina.

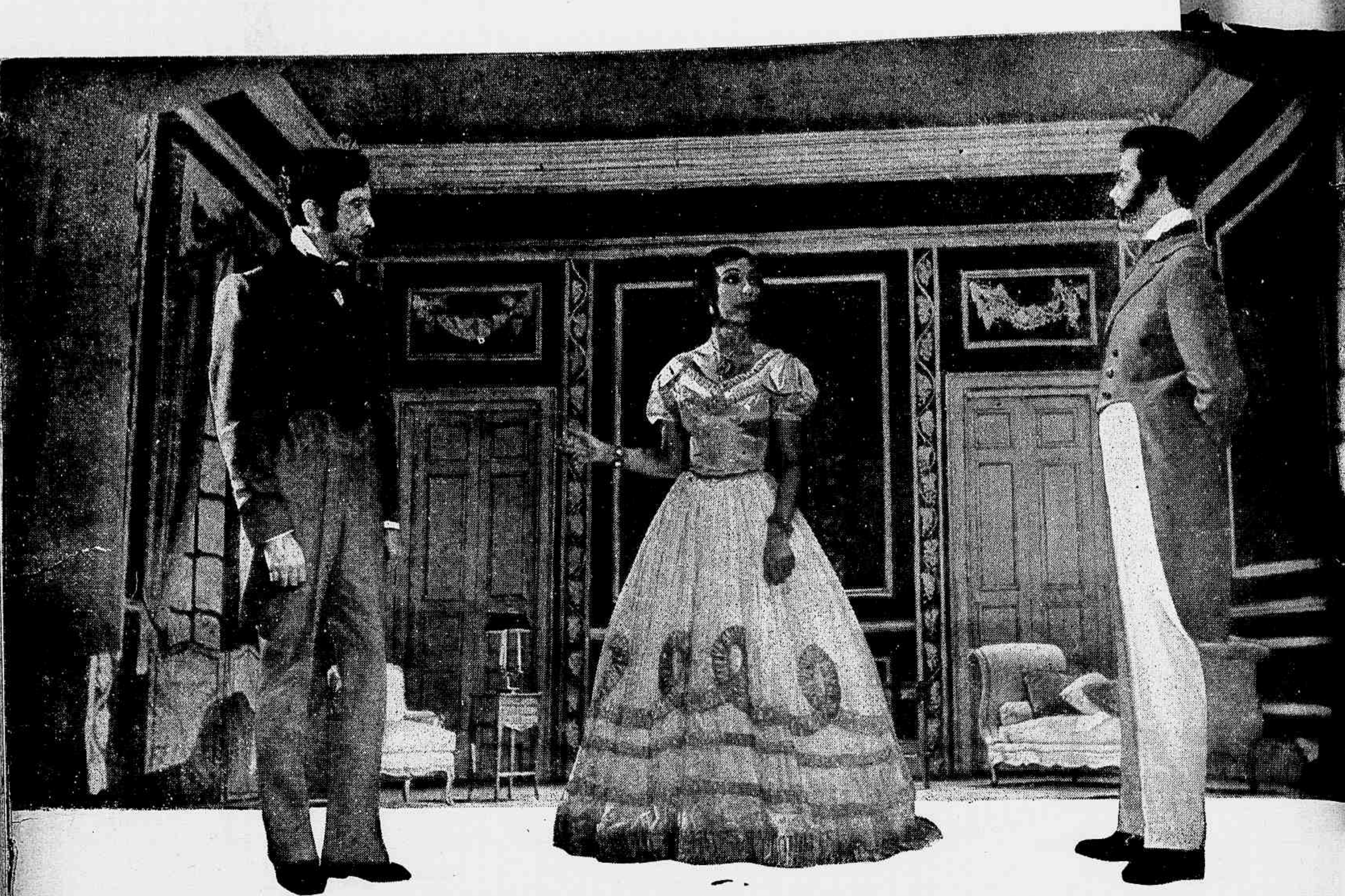
Aqui estão, nestas páginas, os flagrantes fotográficos das principais seqüências de "Rainha Vitória". Eles permitem ao leitor uma visão, mesmo desmaiada, da grandiosidade desse espetáculo, que honrou sobremaneira seus intérpretes e o público que o assiste. Vale por um testemunho eloquente da transição vitoriosa por que vem passando a cena dramática brasileira, quando agora mesmo vemos, no Rio, reunidos, nada menos de cinco homogêneos elencos desse gênero: Eva Todor, Jaime Costa, Déa-Cazarré, Iracema de Alencar e, finalmente, Dulcina-Odilon. Não é possível negar que nosso Teatro tem sido largamente favorecido nestes últimos tempos.

Na página ao lado, quatro expressões distintas de Dulcina no papel de Rainha Vitória, em outras tantas fases de sua vida, tal como aparecem na peça em aprêgo: ainda moça, ao saber que vai ser coroada rainha da Inglaterra; logo após integrada na sua função real, preocupada com o casamento; começando a envelhecer, agora já usando óculos, e, finalmente, envelhecida, oitogenária, quando se realizam as comemorações do jubileu, em 1897.

(Fotos de ARNALDO VIEIRA)

2 E a rainha Vitória passa a governar a Inglaterra, mesmo tão moça — dezessete anos, apenas — e sem preocupações sentimentais. Só por isso ela recebe a visita de lord Melbourne, que a convence da necessidade de contrair núpcias. São vários os candidatos, os nomes de jovens em condições de se tornarem o Príncipe Consorte, mas as predileções da soberana voltam-se para o príncipe Alberto, de origem alemã. Tem ele um irmão, o príncipe Ernesto, que também se habilita para a conquista da mão da rainha, mas inutilmente. E a rainha Vitória vai, assim, atender às imposições do trono, escolher o noivo entre os nobres da sua geração. Rainha tem mesmo de casar.

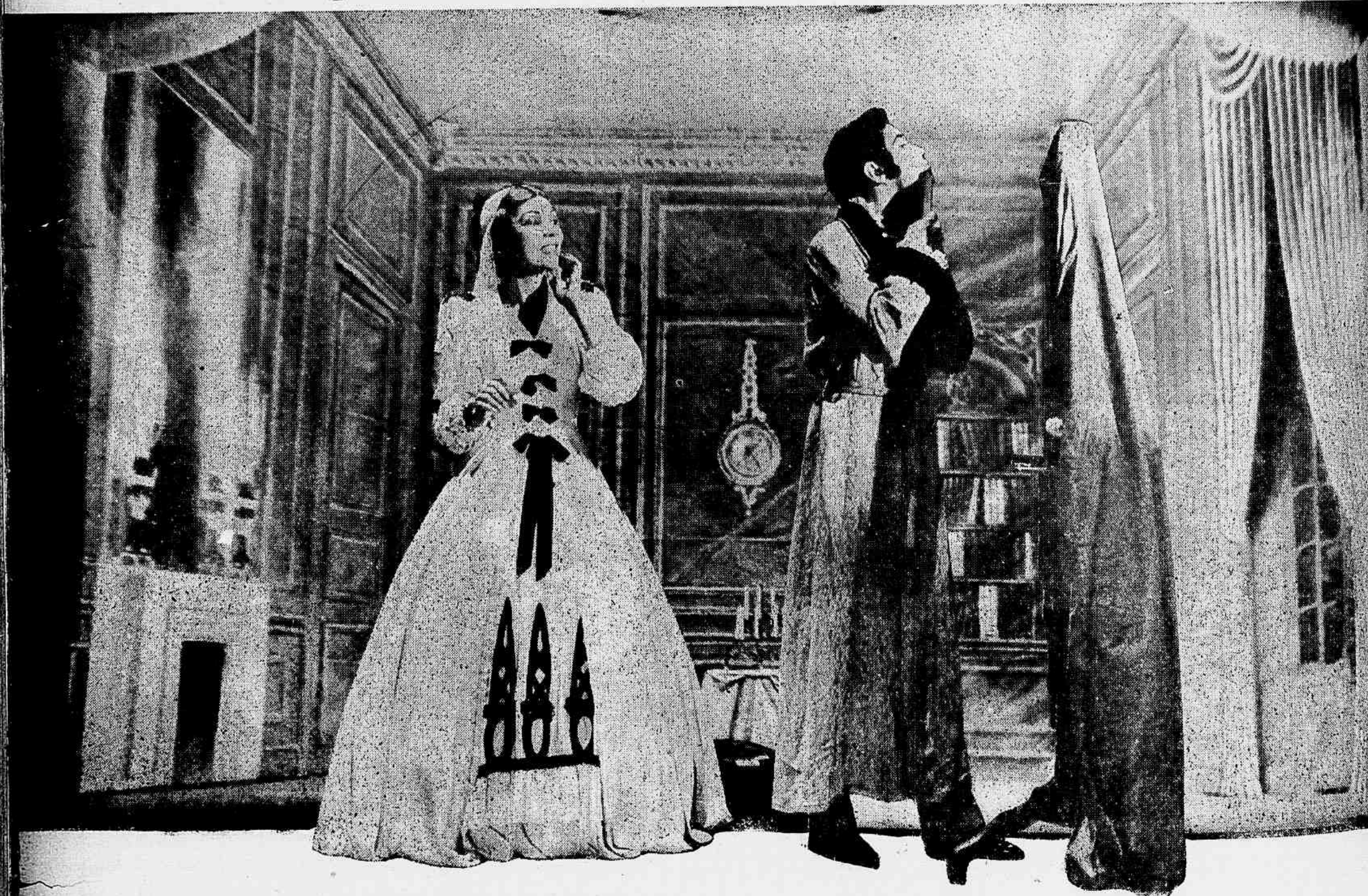




3 E aí estão os dois príncipes ambos entusiasmados e dispostos a levar a melhor na conquista do coração real. Ernesto acredita no êxito de sua irradiante simpatia e pensa que a rainha Vitória não lhe resistirá. Após uma troca violenta de palavras estabelecida entre os irmãos, surge a rainha e tudo se esclarece. Esclarece, mas a favor de Alberto, que sendo, embora, mais tímido e menos garboso na apresentação de sua estampa, é justamente o que melhor cala no espírito e no coração da rainha. Ernesto surpreende-se com a deliberação por esta tomada, mas não se expande muito. E cede terreno ao irmão, que será agora o marido da soberana britânica.



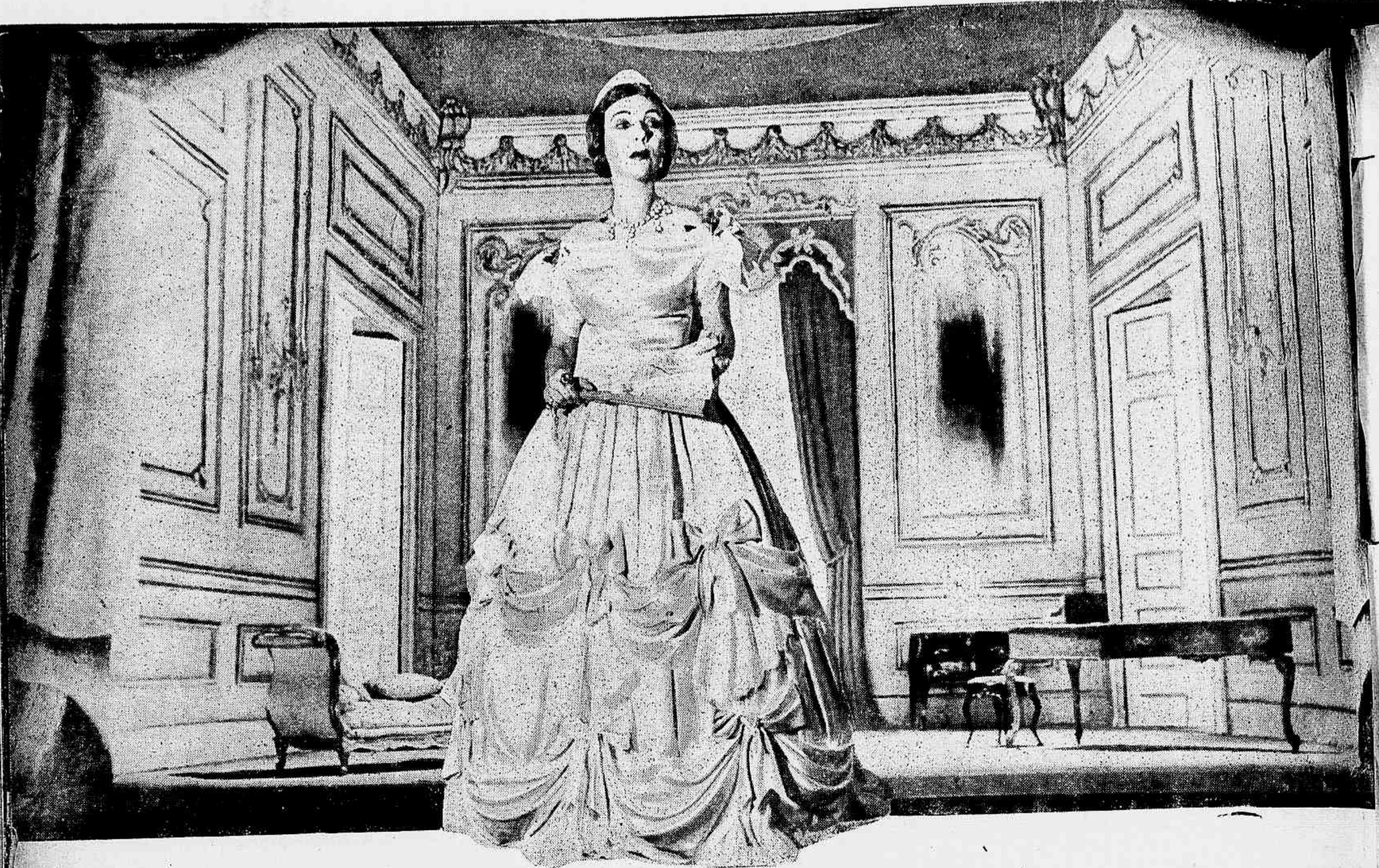
5 Sim, ele é apenas o príncipe consorte. Assim como soube a rainha impedir que sua velha mãe interferisse nos negócios de Estado, ela não deixa também que o marido, não sendo inglês, participe de suas atribuições reais. Prescinde do auxílio que Alberto lhe pode dar. Surgem as primeiras nuvens entre o casal. O marido quer ser útil, fazer alguma coisa, colaborar nas atribuições da esposa, enquanto ela proíbe, terminantemente, que isso seja feito. E o pobre príncipe, coitado, tem de contentar-se em descobrir pequenas irregularidades no serviço dos empregados de palácio... Quer impor medidas econômicas, vai denunciar os criados à rainha. E ela nem ligei



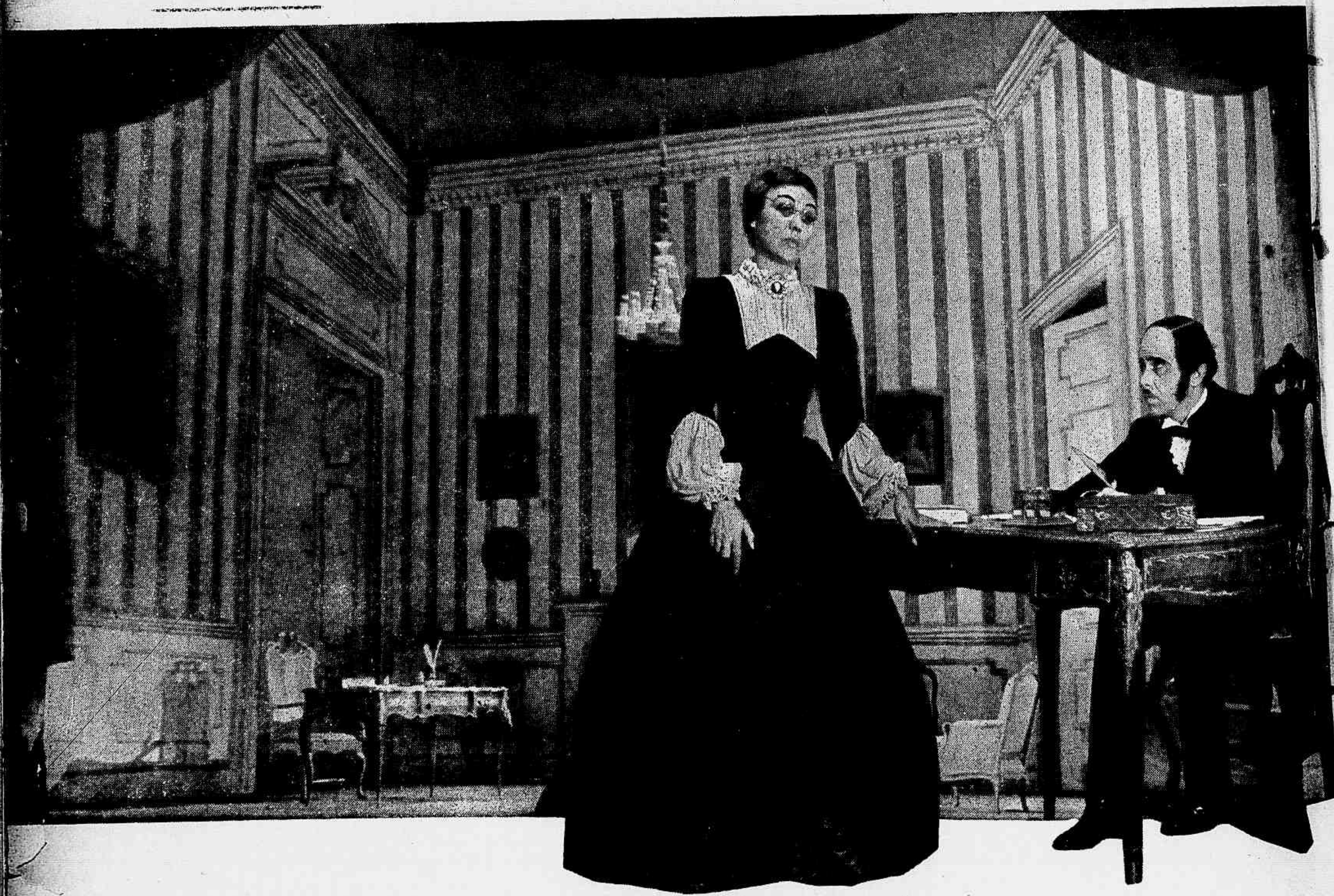
4 Casados, enfim! A rainha vive uma existência de surpresas deliciosas, nos primeiros dias de núpcias. Ela jamais viu um homem barbear-se, e gosta de ficar a seu lado, observando-lhe os menores detalhes da costumeira operação. "Carosíssimo, Alberto! Você precisa fazer a barba todas as semanas?", E ele: "Todas as semanas, não, querida. Todos os dias...". "Mas deve ser muito cansativo, pois não, querido?". E é assim, de surpresas, imprevistos e pequeninas emoções, o início da vida conjugal em palácio. Pior é que tudo vai mudar, sim... Alberto fará a barba diariamente e deixará de constituir novidade. E depois ela é a rainha, e ele...



6 Bem, mas se no aspecto oficial ela está em condições superiores o mesmo não acontece sob o prisma romântico. A soberana dá para enciumar-se... Enquanto Alberto insiste em ser útil à esposa. Ele descobriu, agora, uma ameaça de morte à rainha e põe seus homens em guarda. No dia aprazado, como de costume, saem em passeio. Dá-se o inevitável. Um tiro faz-se ouvir. Mas a rainha sai ilesa, enquanto o criminoso é preso. E desde então ela compreende que pode contar com a ajuda de Alberto. Mesmo não sendo inglês inspira a confiança da esposa-rainha. E quando voltam a palácio ela é outra. Acetará o auxílio do príncipe, mas... continua enciumada...



7 E' bem verdade que uma rainha pode sofrer de ciúmes. Ela não acredita que tanta mulher bonita, ali dentro, deixe de envolver o príncipe com seus olhares lânguidos e perigosos... Há certas damas da cõrte muito íntimas. Por duas vèzes deparou com lady Jane em companhia d'ele... E quantas cenas feitas em público! Como qualquer mulher do povo, ela, mesmo rainha, mesmo tendo a seus pés submissas e humildes as demais, sente a dôr nada agradável de quem se considera inferior. Pensa em vingar-se. Arranca, de uma feita, a flôr bonita que Alberto entregava a lady Jane, mas depois arrepende-se. E vai pedir desculpas, submissa também, à pobre moça...



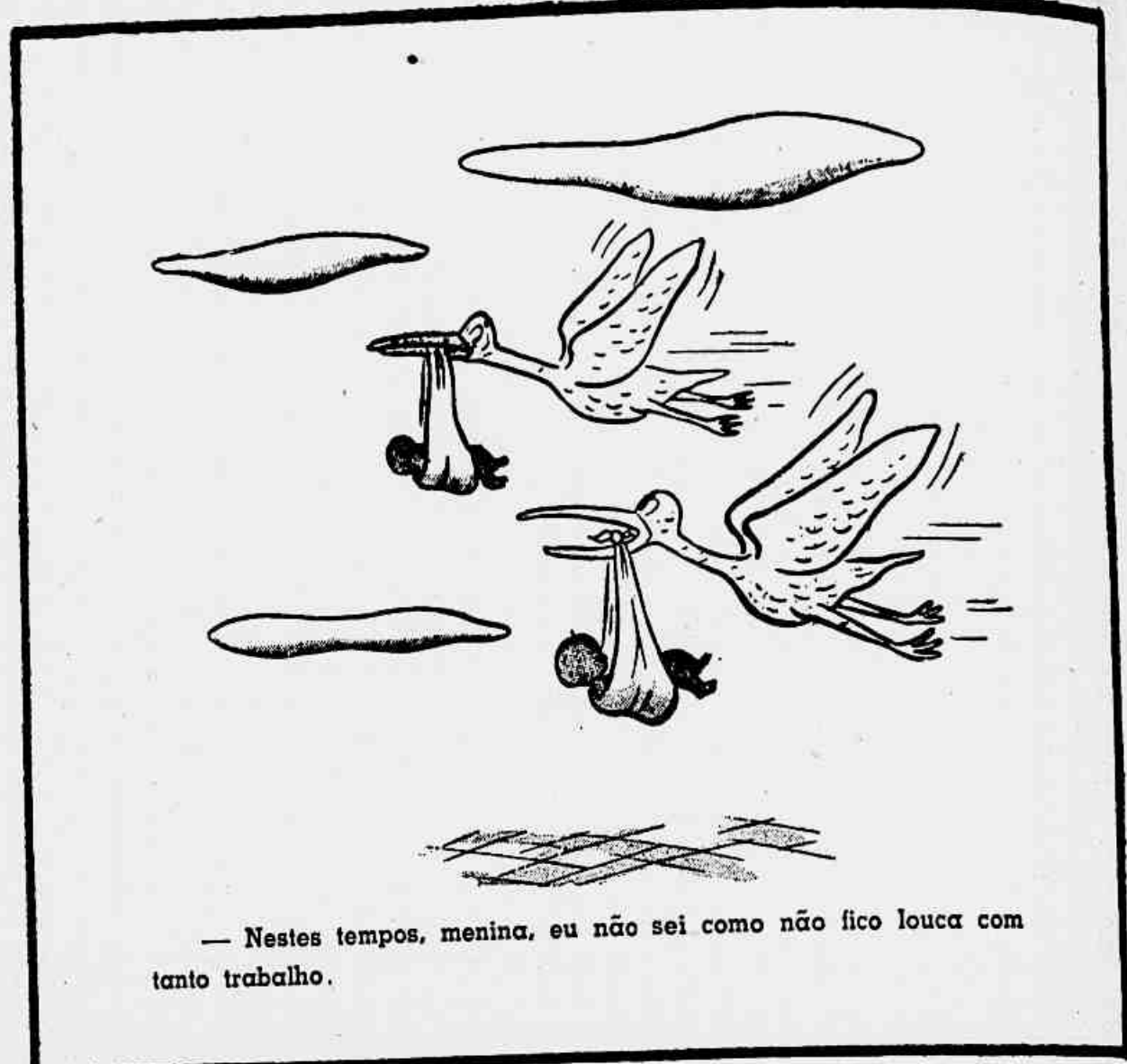
8 Puras e triviaes ocorrências da mocidade! Os tempos passam, a idade vai repondo tudo em seus lugares... E a rainha, agora preocupada com seus múltiplos afazeres de Estado, começa a envelhecer. Tem de usar óculos, a vista enfraqueceu, mas os nervos continuam experimentados, à prova de tôda a sorte de trabalhos em benefício de seu querido povo. E o príncipe? Ali o tem agora, com direlto a uma mesa de trabalho no mesmo gabinete, ajudando a espôsa no expediente rotineiro da corôa. Mas o príncipe está doente. Seriamente doente do coração, embora o ignore. Naquele mesmo dia, vítima de um colapso, morre-lhe nos braços, ali mesmo, na sala...



9 Mais de meio século de reinado converte a rainha Vitória num símbolo de resistência física e denodadas energias morais. Foram sessenta anos de glória, reconhecidos pelos seus mais aferrados inimigos. Quando Disraeli (lord Beaconsfield) vai visitá-la, ambos evocam o trabalho a que se tem entregue. E o próprio e valoroso judeu curva-se, reverente, diante da soberana a quem a velhice só dignificou. Ambos regeram os destinos de multidões, ambos resistiram ao tempo e às evoluções sociais. Cada qual defende o seu princípio de moral e de economia. E ali estão ambos, repousando no castelo real da Escócia, o famoso castelo de Windsor.



10 Cena final da peça de Laurence Houdsman "Rainha Vitória", traduzida por Bandeira Duarte para Dulcina e Odilon, que vêm de apresentá-la no Teatro Municipal (cena do jubileu da rainha). Principais intérpretes: Rainha Vitória, Dulcina; Príncipe Alberto, Odilon; Duquesa de Kent, Conchita Moraes; Lord Beaconsfield (Disraeli), Manuel Pêre; Lord Melbourne, Atila; Arcebispo de Carterbury, Armando Rosas; Lord Conyngham, Ribeiro Fortes; Príncipe Ernesto, Renato Restier; Lady Muriel, Aurora Abolm; Lady Grace, Luiza Barreto Leite; Lady Jane, Cléia Barros; Anson, Milton Carneiro. — A ação da peça inicia-se em 1837 e termina em 20 de junho de 1897 com o Jubileu. FIM



DE BOM HUMOR



DE RADIO

Lição de prudencia

DJALMA MACIEL

A coisa foi impressionante, segundo me contaram: — Assomando ao microfone, através do qual estava sendo comemorado o aniversário do seu programa-chanchada, o sr. Heber de Bôscoli arrasou a crítica radiofônica. Não teve meias medidas nem se ateve às regras de compostura de linguagem. Disse cobras e lagartos, insultou, desafiou. Logo ao dia seguinte abriu certo jornal matutino e lá estava a crônica de um confrade elogiando o petulante "clown" do "Trem da Alegria"! Passaram-se vinte e quatro horas: o mesmo columnista, que evidentemente não escutara a agressiva transmissão e dela fôra informado com atraso, dava tremendíssima cacetada no seu ídolo da véspera...

Daí em diante passei a considerar sob outro prisma o sr. Heber de Bôscoli. Palhaço, sim; aventureiro de microfone, "broadcaster" inescrupuloso — tudo isto é, sem a menor dúvida, mas burro, não. Se encontra quem incense a mentalidade nauseabunda que preside aos seus programas, tolo seria éle admitindo restrições posteriores aos encômios. Trabalhando em sentido negativo dos verdadeiros objetivos do rádio, conseguiu o trêfego rapazola inacreditável publicidade simpática; prossequindo nessa tarefa desmoralizadora de nossas ondas hertzianas, não é lógico que receba reprimendas. Seu grande golpe de inteligência foi este: conquistar a fôrça da crítica, para anulá-la ao primeiro ensaio de rebeldia contra os seus disparates. Talvez dêste modo se justifique ter ficado até agora livre das merecidas respostas o desaforadíssimo aranzel...

Pensando bem, o incidente resultará no benefício dos cronistas e em prejuízo dos fazedores de graças da espécie do sr. Heber de Bôscoli. Para que a função da crítica se torne, de fato, útil, é preciso fazê-la equilibrada, sem rancores, mas também destituída de entusiasmos exagerados, porque decentemente não se poderá atirar um piano de cauda na cabeça do artista de quinta categoria elevado, dias antes, à condição de gênio. O caso do "Trem da Alegria" ilustra e recomenda prudência. Não o tivessem endeusado tanto, como fizeram, e estariam hoje os prezados confrades em condições de redarguir, assim, ao inqualificável indivíduo:

— Olha, "seu" mosquito elétrico de microfone, junto àquilo que você disse um palavrão bem feio e lhe devolvo tudo! E fique sabendo, que se repetir leva não com um, mas com dez pianos!



Foi anunciada a próxima estréia de Lidia Matos numa das peças que a companhia das segundas-feiras apresentará no Fenix. Sem dúvida, a festejada rádio-atriz da Mayrink vai confirmar suas interessantes "performances" do rádio e também da tela, pois algumas vezes Lidia tem figurado em películas nacionais, muito satisfatoriamente.



A começar da esquerda: Nelson Gonçalves, cantor de incontestáveis qualidades, ora na Rêde Fluminense de Broadcasting; Levy Kleiman, Raul Brunini e Alberto Mendes, três simpáticos locutores da Rádio Globo, o primeiro e o último, respectivamente, chefe da redação e comentarista do Departamento de Esportes daquela emissora, que obedece à direção de Gagliano Netto e Jorge Amaral.



O autor deste trabalho, Artur Estrela de Souza, membro do 1.º G. Av. C., recém-chegado do "front", em foto feita quando elaborava esta reportagem.

MUITO tem falado a imprensa brasileira sobre os nossos expedicionários, essa legião de bravos que em terras de Itália deram o seu sangue em defesa da liberdade dos povos, ao lado dos soldados de outras terras, irmanados todos pelo mesmo ideal e pelo mesmo heroísmo. Entretanto, é forçoso reconhecer, nem todos os brasileiros têm plena consciência do sacrifício desses nossos compatriotas, do que eles sofrem e do que representam para nós a sua luta e seu desprendimento. No sentido de informar os leitores sobre a verdade do que se passa com relação aos nossos irmãos da F. E. B., temos nos batido por estas colunas, ora divulgando notícias do "front", ora repetindo os apelos dos expedicionários, que solicitam dos que ficaram na Pátria distante maior interesse e maior compreensão por tudo o que eles fazem nas linhas de combate.

Entre as unidades brasileiras que combatem na Itália conta-se o 1.º Grupo de Aviação de Caça, um punhado de heróis dos ares, que têm emprestado o seu valioso concurso aos grandes feitos das armas americanas nos céus cisalpinos. Numa reportagem exclusiva, contaremos agora, através das palavras de um combatente, toda a história dessa unidade de guerra, desde a sua fundação até os combates travados entre pilotos brasileiros e forças nazistas, sobre o solo italiano. Esta notícia devemos-la ao expedicionário Artur Estrela de Souza, membro do 1.º Grupo de Aviação de Caça da Força Aérea Brasileira, recém-chegado do "front".

E' ele que nos fala de sua gloriosa unidade:

"Ao regressarmos da frente de batalha, as pessoas conhecidas e mesmo desconhecidas querem sempre saber como vão os nossos expedicionários por lá; são-nos feitas então milhares de perguntas, a muitas das quais não podemos responder porque a guerra nos ensina a viver como soldados, agindo sempre com a máxima discreção.

Nesta reportagem os leitores poderão sentir o esforço de guerra em que se acham empenhados os nossos expedicionários da Força Aérea Brasileira, a sua boa vontade e o seu espírito de cooperação decalcado do lema "Ordem e Progresso", o seu desprendimento tipicamente brasileiro e a coragem com que eles se lançam à luta em defesa da civilização. Como elemento expedicionário da Força Aérea Brasileira, tanto me integrei na vida do 1.º Grupo de Aviação de Caça que a vida dessa unidade passou a ser parte da minha própria vida. Tive, como muitos outros combatentes, o meu diário de guerra, o qual foi destruído por ocasião do meu regresso; guardo entretanto com precisão em minha memória todos os acontecimentos verificados com o 1.º G. Av. C., e que são verdadeiros exemplos de bravura e dignidade para as gerações presente e futura. São essas páginas da vida de uma unidade de guerra que revelarei aos leitores da REVISTA DA SEMANA, através destas linhas. As minhas anotações vão ilustradas por algumas fotos do "Intelligence Service" do 1.º Grupo de Aviação de Caça da F. A. B., algumas das quais já haviam sido enviadas para

FALCÕES BRASILEIROS NOS CEUS DE ITALIA



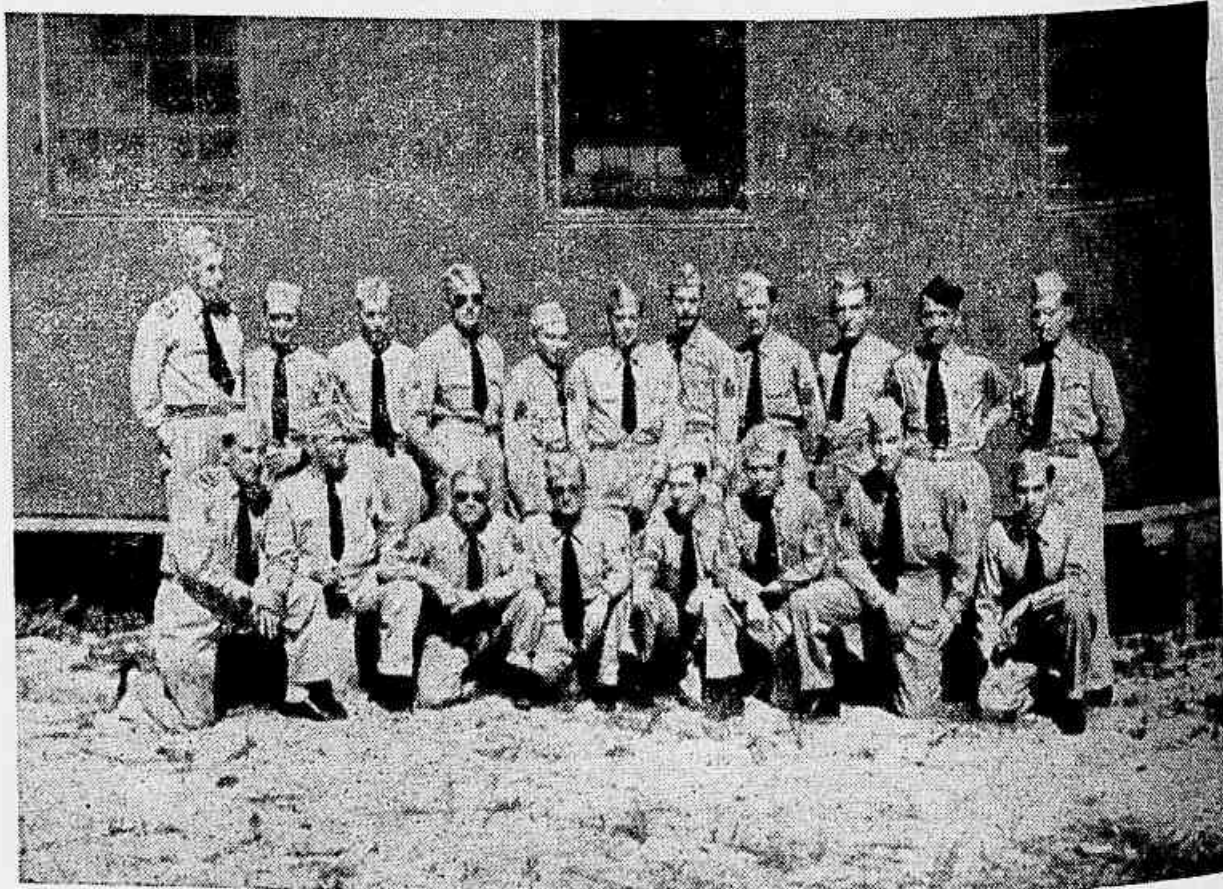
A história do 1.º G. Av. C. começa nos dias 2 e 3 de janeiro de 1944, quando os trinta e cinco primeiros homens da nossa unidade de guerra embarcaram para os Estados Unidos, afim de iniciarem os seus treinamentos. Ai estão alguns desses bravos brasileiros, no momento do embarque.



A chegada a Miami dos primeiros trinta e cinco do Grupo. O comandante da "School of Applied Tactics" e o ten.-cel. aviador Martinho recebem os nossos aviadores. Ai estão eles saudando o então capitão Pamplona. Aparecem também o ten.-cel. Martinho e o comandante do Grupo, ten.-cel. Nero Moura.



Os oficiais da F. A. B. iniciaram no dia 10 de janeiro de 44 o seu treinamento de guerra. Além dos exercícios práticos recebiam lições teóricas. A foto acima mostra um aspecto da primeira aula teórica ministrada aos oficiais do 1.º G. Av. C. nos Estados Unidos.



Grupo de oficiais e especialistas da F. A. B., que constituem a célula orgânica do 1.º G. Av. C., fotografados em frente à barraca nº 2.746 do 1.156 Squadron, num campo de treinamento do Estado da Florida. Grupo apanhado por um fotógrafo da aviação americana.



Depois de muitos dias de treinamento em uma base aérea a turma brasileira regressa à School of Applied, seguindo logo após para uma das bases americanas do Panamá. Ao chegar ali o efetivo do 1.º G. Av. C. já estava quase completo, e os exercícios prosseguiram.

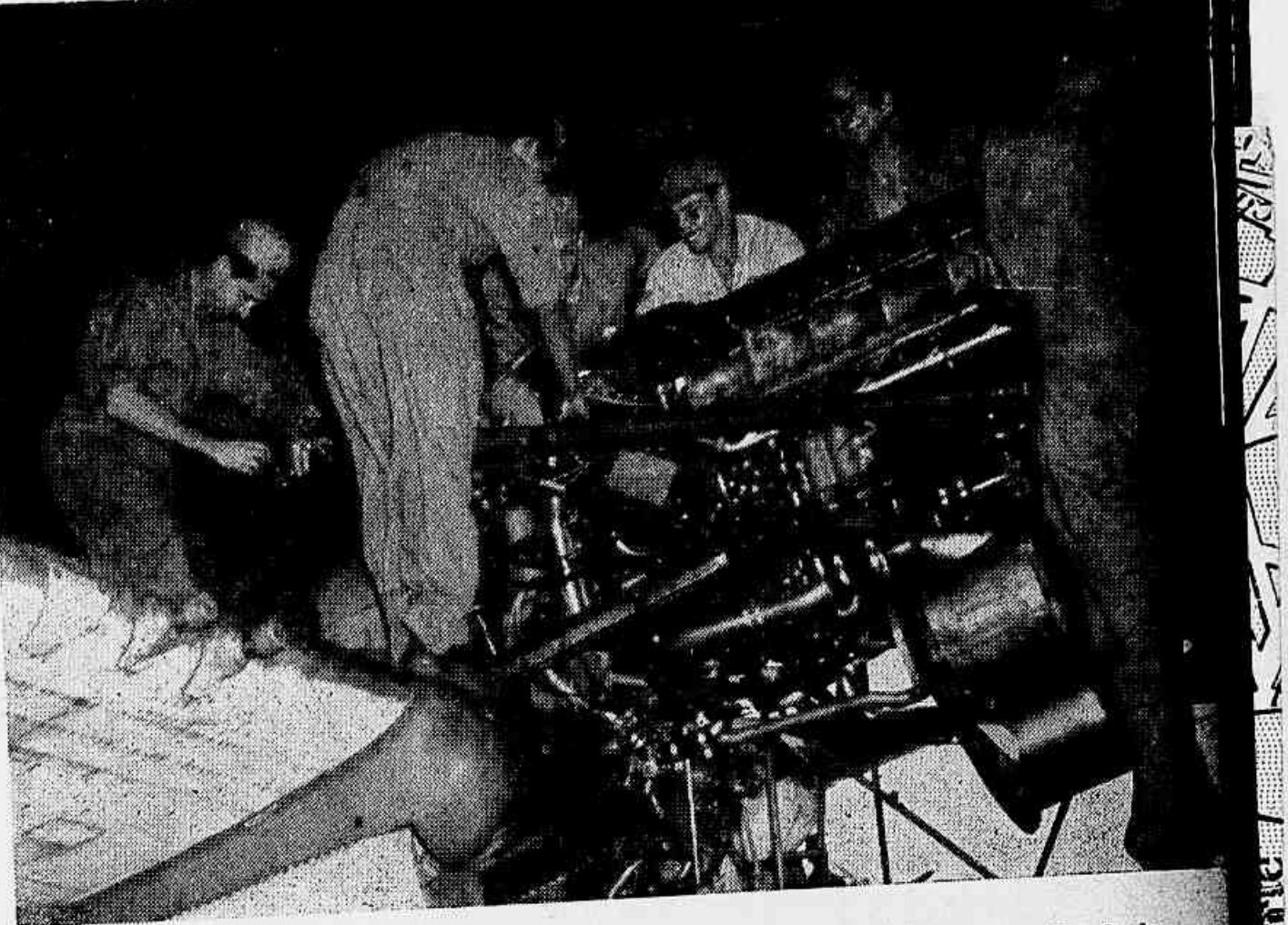
19 este semanário pelo correspondente de guerra N. Pithan e Silva.

DIANTE DA REALIDADE DA GUERRA ATUAL

A guerra atual exige de qualquer combatente, desde o mais famoso general até o mais novo recruta da infantaria, um conhecimento perfeito e exato da realidade, uma grande iniciativa e conhecimentos técnicos que lhe permitam a defesa pessoal eficiente. Esta noção devem possuí-la mais pormenorizada os especialistas da aeronáutica, os pilotos, os comandantes e todos aqueles a quem as forças armadas entregam a responsabilidade

de de tripular os seus aviões de bombardeio ou combate. Eis por que o 1.º Grupo de Aviação de Caça, unidade de guerra organizada em dezembro de 1943, e a quem caberia representar a Força Aérea Brasileira nos campos de batalha da Europa, devia estar sujeito ao mais rigoroso treinamento antes de entrar em ação.

De acordo com os planos traçados para o adestramento do Grupo, nos dias 2 e 3 de janeiro de 1944, em aviões de transportes da Força Aérea Norte-Americana, tipo D. C. 3, partiram com destino aos Estados Unidos, onde iriam se especializar segundo a tática do maior dos conflitos humanos, os primeiros trinta e cinco homens daquela unidade, sob o comando



O treinamento de guerra para os elementos do nosso Grupo teve início no dia 8 de março de 1944. Ali estão vários especialistas em conhecimentos técnicos em exercícios práticos, na base aérea de..., situada no Panamá.

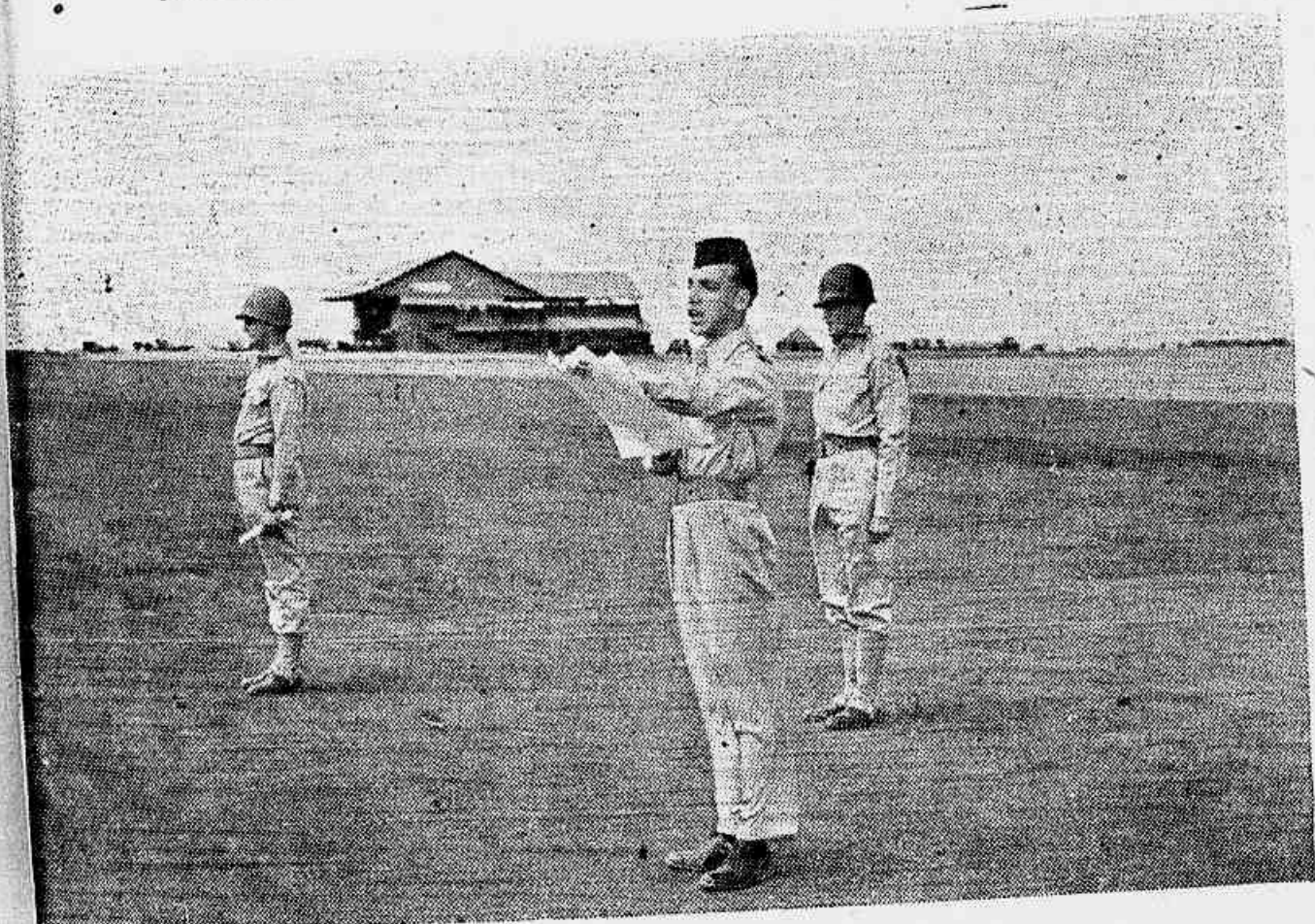
do tenente-coronel aviador Nero M. Moura, então major, chefe do gabinete do ministro da Aeronáutica.

No dia 5, pela manhã, chegaram os componentes do 1.º G. Av. C. a Miami, onde foram recebidos por uma comissão de oficiais norte-americanos e conduzidos a um dos hotéis encampados pelo governo. Ali permaneceram até o dia imediato, quando viajaram de ônibus para uma cidade do Estado de Florida, sendo recebidos pelo ten.-cel. aviador Martinho e o comandante da "School of Applied Tactics", estabelecimento onde eles deveriam se especializar. As instruções ali recebidas pelos primeiros do 1.º Grupo de Aviação de Caça tiveram início no

dia 10 de janeiro. Foi ali que os nossos patrícios puderam se ver pela primeira vez diante da realidade da guerra atual e, de acordo com a tática ensinada pelos modernos métodos de combate empregados no conflito, dedicaram-se ao aperfeiçoamento de sua condição técnica nas diferentes especialidades a que se dedicaram.

O QUE É A "ARMY AIR FORCES SCHOOL OF APPLIED TACTICS"

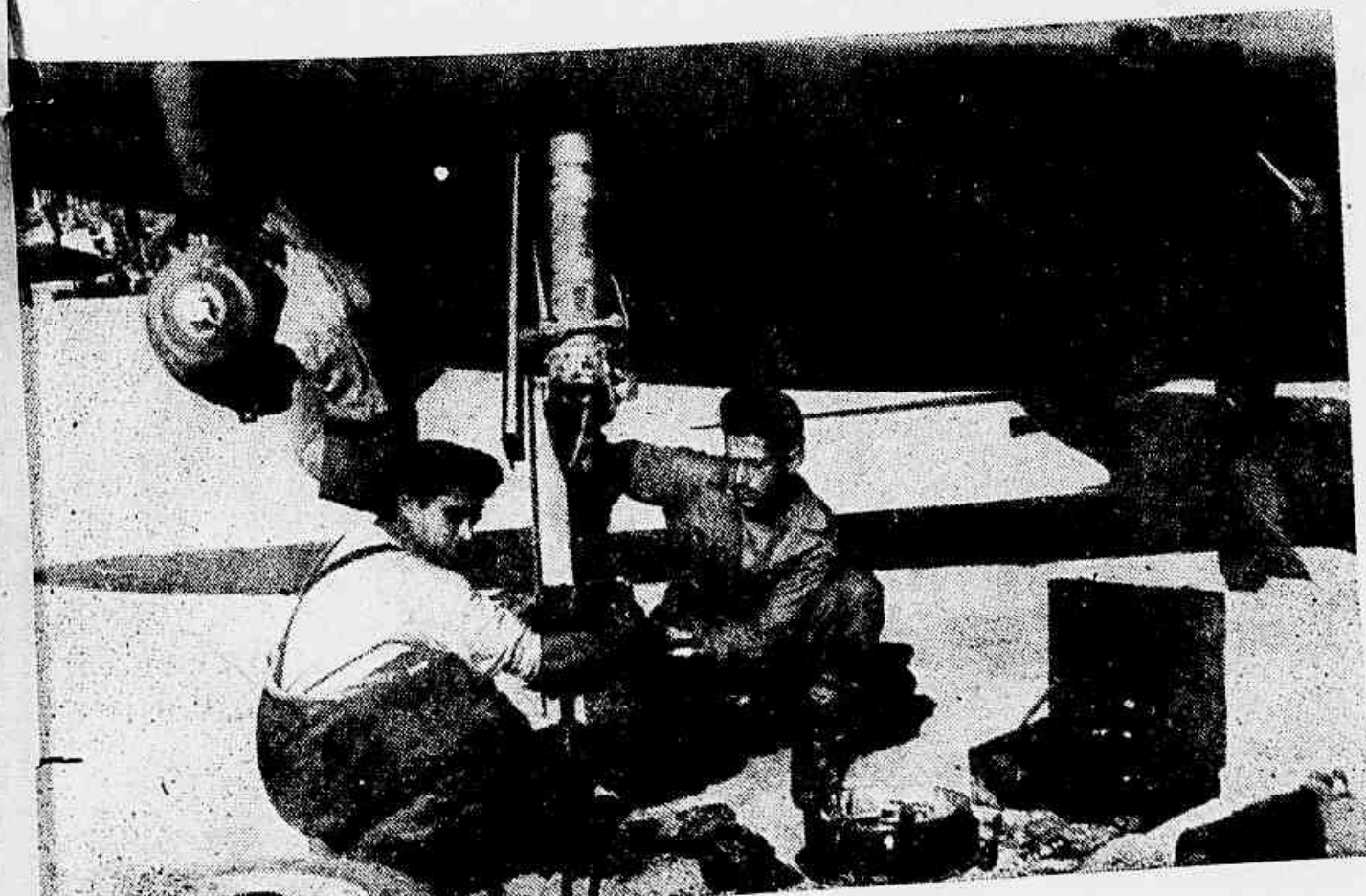
A escola onde estavam os elementos do 1.º G. Av. C. é um dos maiores estabelecimentos de ensino militar do mundo, e foi criada a 9 de outubro de 1942, sen-



No dia 11 de maio vivemos um dia festivo. Em presença de altas autoridades militares brasileiras e americanas, por determinação do ten.-cel. Nero M. Moura, o nosso oficial do Serviço de Inteligência, 1.º ten. Miranda Correia, faz a leitura da incorporação do 1.º G. Av. C.



Perdemos o nosso primeiro piloto de guerra no acidente ocorrido com um avião P-40, no dia 18 de maio. O 2.º tenente Gastaldoni morreu quando esse aparelho se espatifou de encontro ao solo. Os técnicos do 1.º G. Av. C. buscam entre os destroços peças aproveitáveis.



Aí vemos a dupla 3.º sgt. Barbosa-cabo Falkembach, que proporcionou a um sargento americano cinco dólares de lucro, substituindo a roda de um trem de aterrissagem em 6½ minutos. A nossa eficiência deu margem a grande número de apostas entre os americanos.



Ao dar-se a aposta dos cinco dólares, o sub-inspetor técnico do 1.º G. Av. C., 2.º sgt. Agostinho Campagner, passou a mão na testa e disse: "estes cinco mangos estão no papo". Ele tinha fé na eficiência da dupla Barbosa-Falkembach, e sabia do que eles seriam capazes.



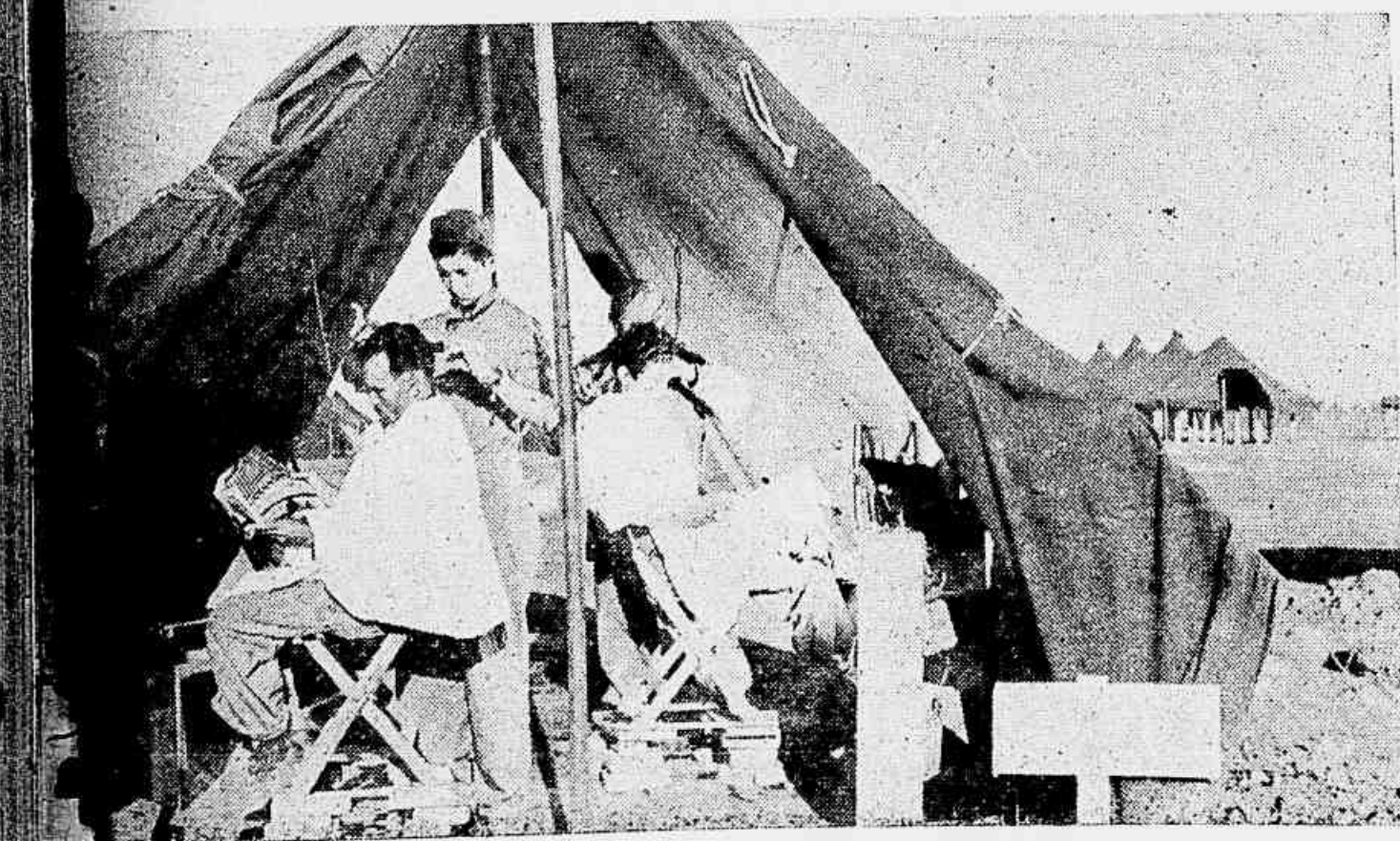
No dia 8 de agosto de 44, que assinalou nosso último treinamento num campo dos EE. UU., o ten.-cel. aviador Nero M. Moura, nosso comandante, assina o boletim de encerramento, assistido pelo cap. John Buyers, oficial de ligação da F.A.B. com as forças americanas.



A "turma das vitaminas", fotografada logo ao chegar à Itália: 1.º ten. Cauby de Paiva Guimarães, cozinheiro-mor Maximiano Pedro da Silva, segundos cozinheiros João Alexandre, Deraldino A. de Oliveira, Sebastião da Silva Alves, Daniel M. de Oliveira e José A. da Silva.



No sentido de harmonizar os serviços das forças americanas com os da F.A.B., servem no 1.º G. Av. C. vários "yankees". Na foto o especialista em nutrição Joseph Radeiro explicando ao cozinheiro-mor do Grupo o valor alimentar das vitaminas de uma lata de conservas.



No "front" há sempre, graças aos serviços auxiliares, um relativo conforto para os combatentes. A turma brasileira chegou à Itália com os cabelos grandes. Quando havia uma folguinha, os membros do 1.º G. Av. C. iam para o "salão" de barbeiro, para a necessária "poda".

do regulamentada em 2 de novembro do ano seguinte.

Essa escola opera através de sete departamentos: Operações de Combate, Comunicações, Estado Maior e Ensino Especial, Informações, Logística, Artilharia Anti-Aérea e Forças Terrestres. A coordenação dos trabalhos é ali feita por uma direção de ensino diretamente subordinada ao Comando da Escola. Para exercícios práticos e demonstrações, a A. A. F. S. A. T. dispõe da cooperação dos demais elementos da Força Aérea e serviços que com ela integram o "Army Air Force Tactical Center". Este centro de instrução tem como principal objetivo adestrar os Quadros das Forças Aéreas — pessoal selecionado para novos grupos de combate — nas táticas de guerra mais recentes, sob condições de operações tão reais quanto possível. Para cumprir essa missão o centro dispõe de instrutores e sub-instrutores credenciados, ex-combatentes, muitos dos quais estiveram durante mais de um ano nos teatros da guerra, participando de importantes operações e missões arriscadas aéreas e terrestres. E sob a orientação desses instrutores e sub-instrutores que é posta em execução uma outra finalidade do centro — o desenvolvimento contínuo das táticas aprendidas no teatro da luta. Os novos métodos empregados com êxito em todos os "fronts" são periodicamente incluídos nos programas de adestramento, de maneira que os alunos estão sempre em dia com os processos táticos mais modernos. Durante os treinamentos podem os sub-instrutores e alunos usar os mais modernos tipos de equipamento. Assim estão eles em condição de explorar novos métodos de emprego das lições recebidas, submetendo-os aos mais rígidos "tests" antes de usá-los nos campos de batalha. Eis por que a escola onde se especializaram os primeiros 35 homens do 1.º G. Av. C. da F. A. B. torna-se, em síntese, um verdadeiro "Laboratório de Tática Aérea".

O TREINAMENTO DO 1.º G. AV. C.

Para dizermos com exatidão tudo o que se relacione com o aprendizado do 1.º G. Av. C. nos Estados Unidos, convém fazer um ligeiro histórico da transformação radical por que passou o adestramento técnico dos soldados da grande nação nestes últimos anos.

1942 — Os Estados Unidos, constituindo uma nação essencialmente pacifista e democrática, apesar de seus cento e trinta e cinco milhões de habitantes, mantinha apenas um exército popular de mais ou menos cento e cinquenta mil homens, armados precariamente, quando o vulcão japonês despejou suas lavas mortíferas sobre Pearl Harbour. A grande república se viu então na contingência de enfrentar todos os perigos momentâneos com o seu diminuto exército e a sua armada também semi-destruída pelo furacão nipônico. As convocações militares foram imediatamente iniciadas, mas os Estados Unidos não possuíam ainda indústrias bélicas, e as centenas de milhares de cidadãos convocados necessitavam de armamentos e equipamentos, para um treino que deveria ser tão intenso quanto rápido, pois naquele momento a grande nação não lutava apenas contra as forças do Mikado, mas contra a Alemanha, Itália e Japão. Forçadas pelos acontecimentos, todas as indústrias de paz foram aos poucos sendo transformadas em indústrias bélicas, enquanto os filhos da Grande América eram enviados para os campos militares previamente escolhidos, recebendo como armamento um fuzil de madeira, como artilharia canhões de pau, e como carros de combate velhos caminhões, na frente dos quais se viam placas com os dizeres: "Isto é um tanque de cinquenta toneladas"... "Isto é um tanque de trinta toneladas", etc...

Foi assim que os Estados Unidos se empenharam na maior guerra da história, guerra que lhes foi imposta pelos países do Eixo.

Quando os primeiros elementos integrantes do 1.º G. Av. C. começaram o seu treinamento na América do Norte, foram encontrar não os Estados Unidos de 1942, mas a União Americana 1944, a primeira potência bélica do mundo, experimentada pelos vícios e vicissitudes da guerra, possuidora de cursos rápidos, eficientes, essencialmente práticos; e a turma brasileira soube inteligentemente assimilar o que havia de melhor.

Após o "cadre training course", seguiram os brasileiros para uma base aérea cujo nome deve permanecer em segredo, situada também no Estado da Flórida, onde chegaram a 30 de janeiro. No dia 1 de fevereiro eram integrados em suas funções. O frio era intenso e os deveres eram duros — mas tudo correu das maravilhas. No dia 8 de março de 1944 foi dado por terminado o treinamento da turma brasileira na referida base aérea. O dia 10 marcou o regresso à "School of Applied Tactics" e a imediata viagem para Miami, de onde os brasileiros seguiram para uma das bases americanas localizadas no Panamá; quando ali chegaram os brasileiros, o efetivo do 1.º G. Av. C. já estava quase completo. O treinamento de guerra teve início ali no dia 28 de março para todos os elementos da unidade da F. A. B. — oficiais, sub-oficiais, sargentos e soldados — que tiveram os mesmos sobress e dissabores e sempre se empregaram a fundo pelo Brasil, fazendo por elevar ainda mais o conceito que goza o nosso país entre as Nações Unidas como uma nação livre e ativa, como civis e livres são os seus filhos.

Finalmente no dia 11 de maio pudemos ter o prêmio de nossos esforços. Naquela data, em nossa base no Panamá, em presença de altas potências norte-americanas, por determinação do ten.-cel. aviador Nero Moura, comandante do 1.º G. Av. C., o nosso oficial do Serviço de Inteligência, 1.º tenente Miranda Correia, fez a leitura do boletim de incorporação da nossa unidade de guerra, seguindo-se um desfile dos soldados brasileiros e americanos.

Poucos dias depois registrou-se um fato doloroso para nós: num acidente ocorrido com um dos aviões P-40, com os quais eram feitos os treinamentos, perdemos o nosso primeiro piloto de guerra, o 2.º tenente Gastaldoni.

No dia 21 de junho recebíamos a honrosa visita do ministro da Aeronáutica do Brasil, que fez a entrega de condecorações aos nossos oficiais e aos oficiais norte-americanos. Em continência às autoridades presentes, destilaram então os soldados das duas nações lágrimas.

No dia 27 do mesmo mês, em um navio transporte de guerra, o 1.º G. Av. C. zarpou para os Estados Unidos, afim de terminar o seu treinamento de guerra na base aérea de Suffolk, adaptando os seus especialistas e pilotos aos aviões P-47, utilizados nos campos de batalha da Europa. Após nove dias de viagem, através do Canal, mar das Caraíbas e rio Hudson, chegamos ao ponto de destino. O treinamento teve início quatro dias após, sendo o 1.º G. Av. C. então felicitado pelo Brigadier General Commanding U. S. Army J. R. Hawkins, que nos saudou com as seguintes palavras:

"Vim a Suffolk para lhes dar as boas vindas da "First Air Force" e do "First Fighter Command". O general Hunter, comandante da "First Air Force" havia feito tenção de me acompanhar, mas infelizmente não pôde estar presente hoje. Pedi-me por isso para dizer-lhes que sentem muito não podê-los receber pessoalmente e que ele considera um prazer e um privilégio tê-los conosco aqui. Os senhores são agora membros do "First Fighter Command", que é um grupo de treinamento de primeira ordem.

Os senhores aqui chegaram com uma esplêndida tradição. O cel. Taylor, seu comandante no Panamá, nos escreveu a respeito de seus feitos durante o tempo dos treinos ali realizados.

Nas próximas semanas nós lhes daremos maior quantidade de treinamento. Não temos muito tempo. Muito tem que ser feito. Meu pessoal aqui em Suffolk está à sua disposição. Aproveitem a oportunidade para aprender tudo o que seja possível.

Daqui a pouco estarão no campo de batalha, onde não de tomar o seu lugar como parte das forças aliadas que liquidarão brevemente o Eixo.

Sinto-me feliz pela oportunidade que me foi dada de ajudar-lhes neste empreendimento.

Obrigado e boa sorte."

"SENTA A PUA"

Desde então o 1.º Grupo de Aviação de Caça "sentou a pua". Os nossos pilotos, especialistas, cabos e soldados auxiliares estavam tão adestrados para a guerra que todas as suas atividades eram motivo de apostas entre oficiais e sargentos norte-americanos da base. E todos se

surpreendiam com a eficiência técnica dos brasileiros; tanto os que haviam treinado conosco no Panamá, quanto os que nos conheciam em Suffolk.

De uma feita tive ocasião de assistir a duas dessas apostas: a primeira foi feita entre dois oficiais. Estava eu próximo à torre de observação, quando quatro de nossos pilotos, em companhia de um aviador norte-americano, aproximaram-se de um avião P-47; o americano entrou na nacele e, após palestrar por quinze minutos com os nossos, retirou-se, ao tempo em que os brasileiros colocavam os capacetes de vôo, dirigindo-se para quatro aparelhos daquele tipo, que se encontravam estacionados na pista. Nesse momento ouvi a conversa entabulada por dois oficiais americanos que se encontravam na terra. Um deles era o coronel Taylor, comandante dos esquadrões aéreos aos quais per-

tenciamos no Panamá. Eis o diálogo que eles travavam:

— Que vão fazer aqueles pilotos brasileiros?

— Tiro ao alvo.

— Como, se eles nem ao menos receberam treinamento nesse tipo de avião?

— Eu sei do que são capazes esses moços.

— Mas não é possível.

— Se é possível... Tenho certeza de que eles atingirão mais de 50% de eficiência no tiro.

— Duvido.

— Vale cinquenta dólares?

— Como não?

— Apostado.

Uma hora e cinco minutos depois chegava à sala de operações o resultado do exercício: 62% de eficiência.

A outra aposta de que falei verificou-se



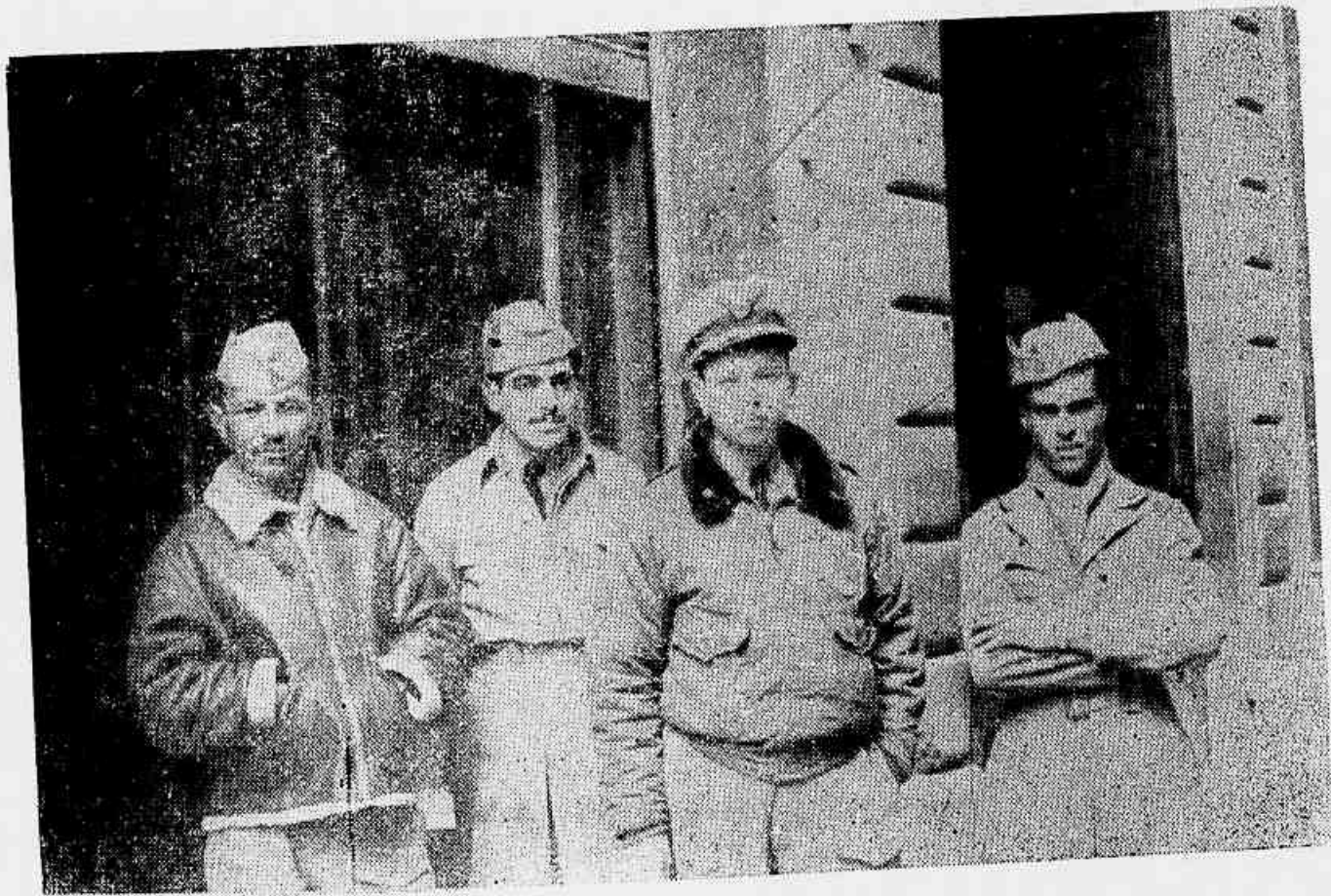
As nossas famílias precisavam receber o seu sustento. E os mestres pracinhas também queriam saborear o bom vinho da Itália. E as liras foram sendo pagas pelo Serviço das Finanças, sob o comando do então major Ovidio Alves Beraldo.



Aí está o 1.º sargento Pinho, hábil construtor de muitas das diferentes instalações do nosso acampamento na Itália. Ele prestou relevantes serviços, pondo tôdas as dependências em condição de serem utilizadas. Os serviços de carpintaria são valiosos em campanha.



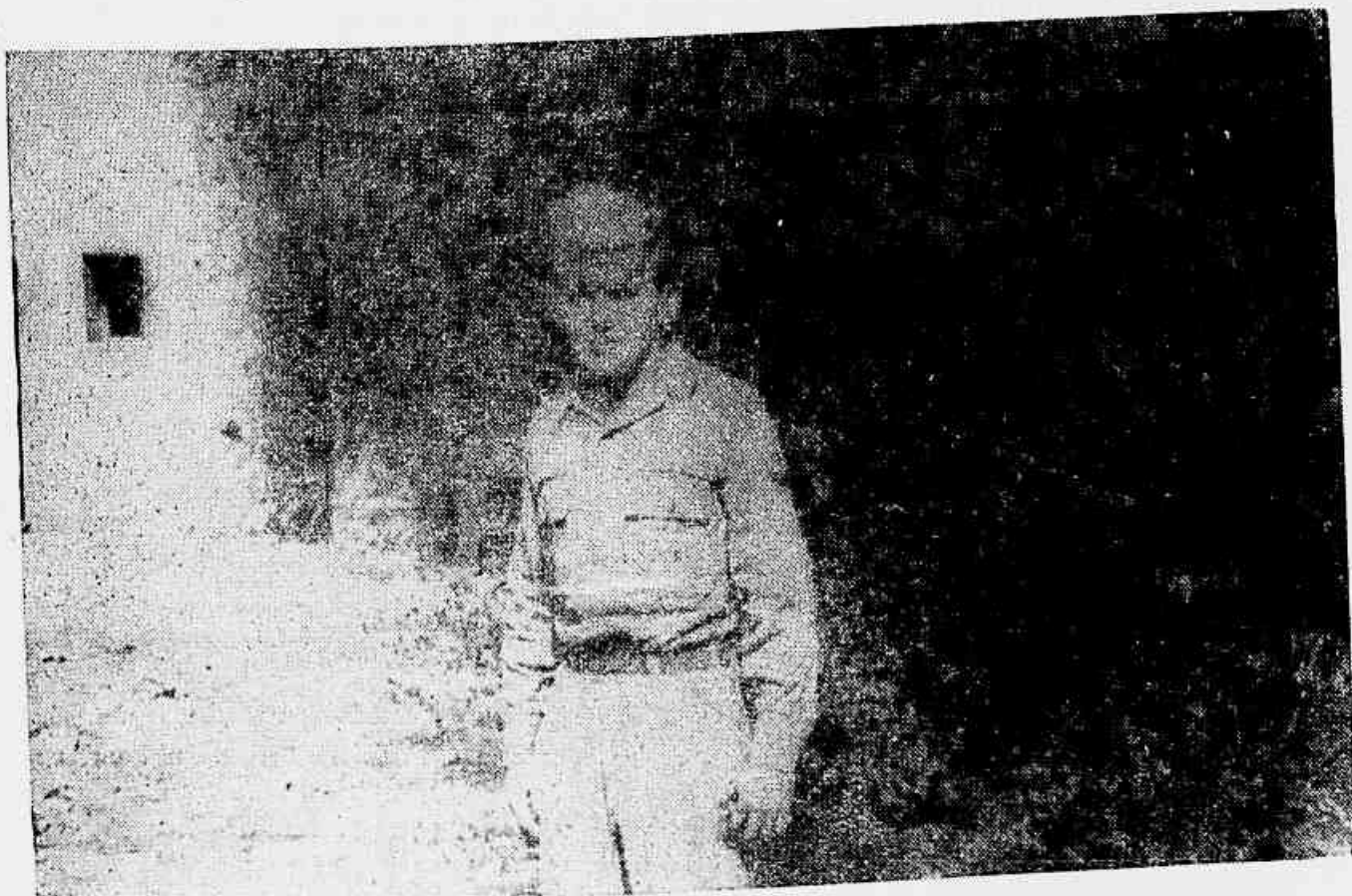
Outro trabalho de relêvo, em campanha, é o Serviço de Saúde. Aí está o 2.º tenente médico Cylon Q. de Souza, a postos à porta de sua barraca. Era ele que ministrava os primeiros socorros aos feridos. Qualquer caso requeria os seus serviços.



Asp. Paulo Guizan Gonçalves (ao centro) e, da esquerda para a direita, 3.º sgt. Antonio A. dos Santos, sgt. Oswaldo Rodrigues e cabo Haroldo S. Camara, membros do "Squadron Supply" (esquadrão de suprimentos), de quem com presteza recebemos os uniformes de inverno.



Grupo de oficiais e praças da "Casa das Ordens": 1.º tenente Eudo C. da Silva e major Ary Neves, respectivamente ajudante e comandante do escalão terrestre, 2.º sgt. Emilio Cruz, Joseph Brito Junior (int. americano), sgt. Augusto Lopes Vilas Boas, cabo José Pereira Nobre, sgt. Monclar G. Campos e sgt. Ivanoff Conceição.



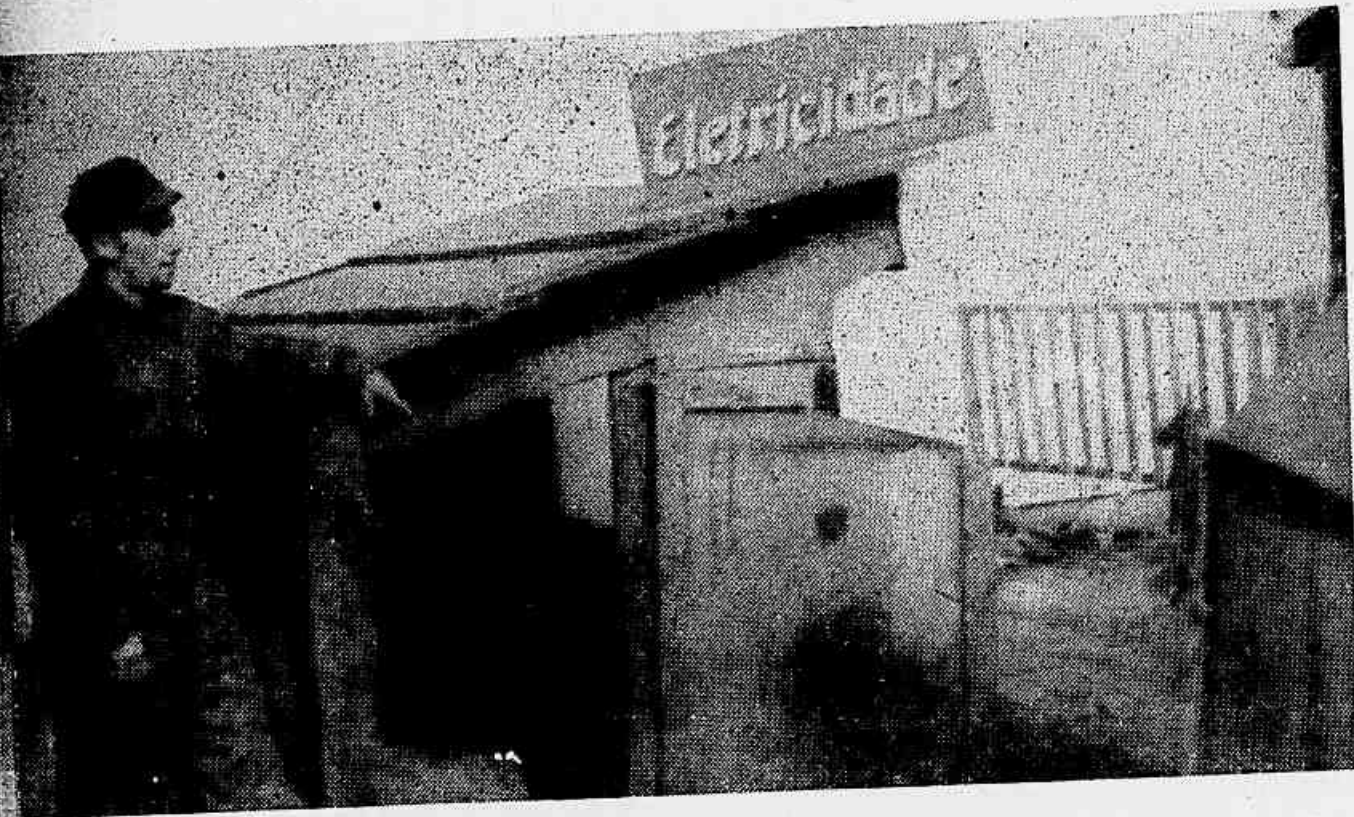
Cabo Otavio M. Lucena, uma das mais queridas figuras do Grupo. Era ele o encarregado da distribuição e recolhimento das cartas, bem como da sua entrega à censura, que era feita por oficiais. A sua presença era sempre desejada, e quase sempre ele trazia boas novas para nós.



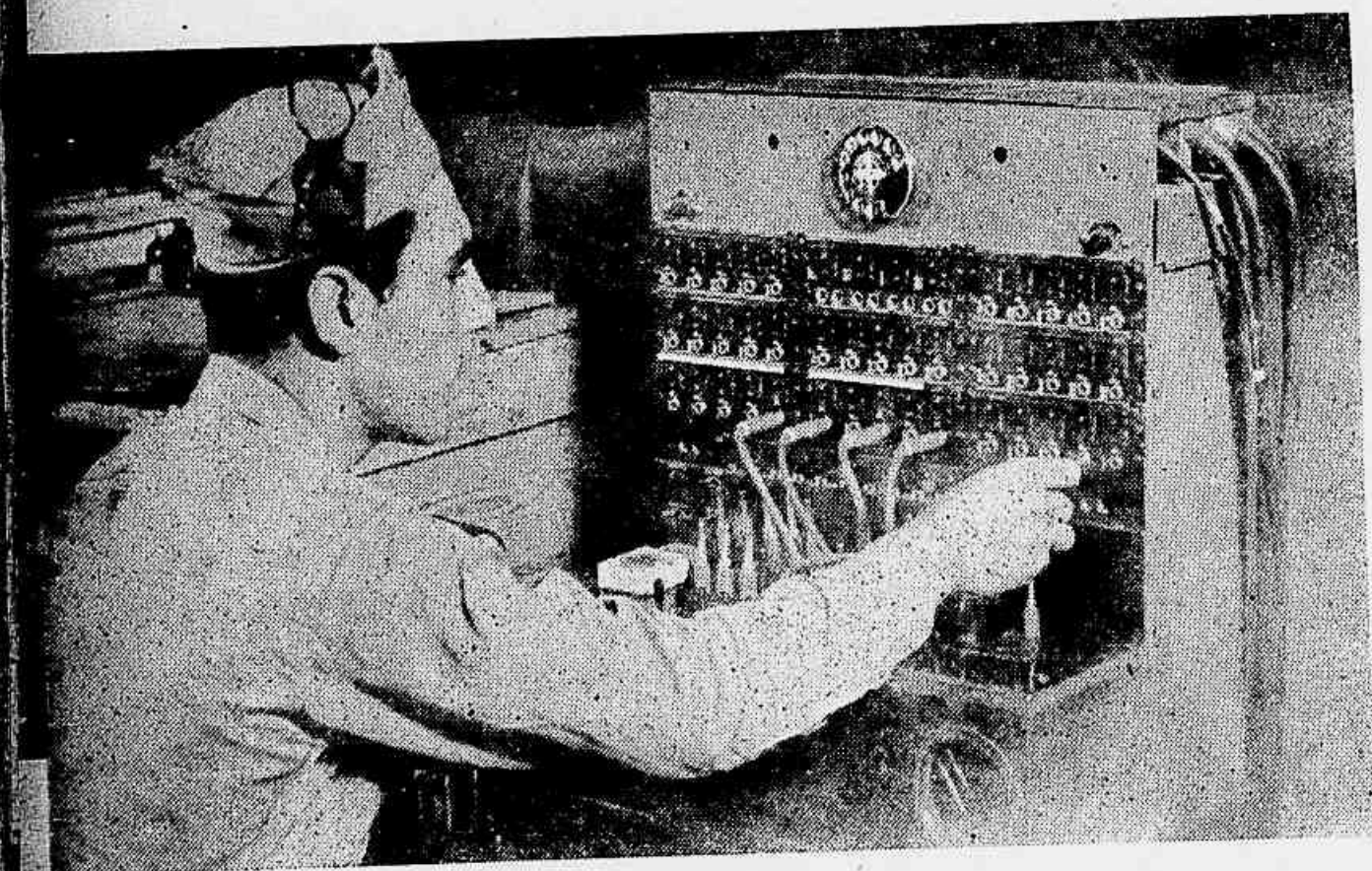
Alguns dos nossos que faziam parte do eficiente Serviço de Transporte: sgt. Juracy Gomes dos Santos, cabos Agenor da Silva, Carlos N. Teixeira, Paulo Ferrarini, e soldados Benedito Sanatore, Lucas J. Máximo, João S. Feitosa e Rudy Frisck.



Os motoristas e mecânicos de viatura também têm os seus afazeres. Aqui vemos, da esquerda para a direita, os cabos Agenor Alves da Silva, Bueno Ayres e Salomão de Souza Moura, quando revisavam um dos "jeeps" do 1.º Grupo de Aviação de Caça.



A guerra, apesar de seus horrores, é feita com relativo conforto. Havia necessidade de luz para o nosso acampamento, e o 3.º sgt. Sobrinho, electricista competente, não se descuidou.



As comunicações telefônicas com todos os centros de operações são indispensáveis em serviços de campanha. Elas são rápidas e eficientes. Vê-se na gravura o soldado Nagib Morais Sales, treinado por técnicos americanos fazendo uma ligação pelo telefone.

"Esta água é para beber, e não para banho", diz o sargento Agostinho Campagner ao seu companheiro de barraca, o sub-oficial Oscar Hertel.

O sargento Agostinho Campagner faz a sua "toilette" como pode. O capace de aço é improvisado lavatório.

pouco mais tarde, nesse mesmo dia. Vi então dois sargentos apostarem cinco dólares sobre o resultado do trabalho de um dos nossos mecânicos, que mudava uma roda num trem de aterrissagem. Um deles afirmava:

— Em dez minutos está pronto.
— Em trinta minutos, talvez — fez o outro.

E enquanto eu também observava o trabalho com atenção os dois sargentos "casaram" cinco dólares. Em seis minutos e meio estava feita a substituição da roda e o ganhador embolsou sorrindo a peleja de cinco.

Assim agiam os nossos rapazes. De sua eficiência muito se falou em toda a base, e todos se surpreenderam com o aproveitamento dos membros da F. A. B.

A nossa turma foi-se tornando conhecida, e em pouco tempo os rapazes brasileiros eram "os tais" de Westampton Beach... até as pequenas sabiam disso.

ÚLTIMOS EXERCÍCIOS E CHEGADA À ITÁLIA

Em 28 de agosto realizamos nosso último treinamento de guerra, acampando após no campo de ... após uma marcha de 15 milhas. Estávamos então em condições de seguir para os campos de luta da Europa, e o nosso comandante, ten.-cel. aviador Nero M. Moura, assistido pelo capitão John Buyers, oficial de ligação da Força Aérea Americana com os brasileiros, assina o boletim de encerramento do nosso treinamento. Em 10 de setembro saímos de Suffolk para uma outra localidade americana, e no dia 19, ao som de músicas alegres, num pôrto dos Estados Unidos, embarcamos em um navio-transporte de tropas com destino à Europa. Conosco viajavam milhares de negros americanos, aos quais os nossos rapazes deram logo a alcunha "Laurindos".

Chegamos finalmente à Itália, após uma longa travessia. Logo ao desembarcar pudemos ouvir os tiros da artilharia aliada que bombardeava as posições nazistas.

No dia 7 de setembro acampávamos, tomando nossa posição no "front" italiano ao lado de americanos e ingleses. E com esse acontecimento também o Brasil tomava posição, como potência, ao lado das Nações Unidas.

Agora era só pormos em prática o que havíamos aprendido.

A guerra estava ali, diante de nós, nua e sem máscara. E os ensinamentos recebidos soubemos aproveitá-los nas operações em que o 1.º G. Av. C. tomou parte posteriormente. E as notícias que têm chegado ao Brasil sobre aquele punhado de bravos são um atestado eloquente de seu valor e de seu heroísmo.

Dos combates em que a aviação brasileira tomou parte, falarei em outro número da REVISTA DA SEMANA. O que acabo de descrever é tão somente a primeira fase da vida do 1.º G. Av. C., a valorosa unidade da F. A. B. que combate hoje nos céus da Itália.

ELOGIO DE UM CAMARADA MORTO

Não poderia porém terminar estas notas sem dizer algo do 2.º tenente intendente da Aeronáutica Alfredo Amaral Barcelos, morto na Itália.

Sei que a morte do tenente Barcelos foi

do conhecimento do público, pois embora no estrangeiro sempre me interessel pelas notícias divulgadas por nossos jornais; não fora isso, absolutamente tocaria no assunto. Entretanto, para que os meus juizes não se enveredem por um caminho errado, sinto-me na obrigação de dizer alguma coisa sobre o inesquecível Barcelos do 1.º G. Av. C.

Em 1932, no Campo dos Afonsos, conheci o jovem Alfredo Amaral Barcelos como aluno recém-matriculado no Curso de Sargento Aviador, mantido pela Escola de Aeronáutica. As condições que me levaram a conhecê-lo foram as mesmas que levaram tantos outros dos meus companheiros.

Era o Barcelos o mais destacado aluno dos Afonsos, pela sua conduta, caráter e capacidade intelectual. Nessas condições ele terminou o curso no qual havia se empenhado com todo o esforço. Passei muito tempo sem vê-lo. Um dia, passando pela avenida Rio Branco, encontrei-o em companhia de alguns de seus colegas. Soube então que era aluno da Escola de Intendência. E os seus colegas responderam a uma só voz: "O primeiro aluno, aliás".

O Barcelos de 1932 ainda era o mesmo em 1943. Terminou o curso de Oficial Intendente e foi-lhe então concedido o prêmio de viagem aos Estados Unidos, onde fomos encontrá-lo em um curso de aperfeiçoamento, na Florida; pouco depois era incluído no efetivo do 1.º G. Av. C., passando assim a conviver conosco.

Conduta reta, caráter, honestidade, capacidade profissional e cavalheirismo sempre foram os seus dotes característicos.

Como oficial intendente, além de Chefe de Serviço do 1.º G. Av. C., exerceu a função de ajudante da nossa unidade, na base aérea do Panamá, até 19 de maio de 1944, data em que o substituiu o major aviador Francisco D. Sabrosa, então capitão.

Pela manhã de 9 de julho de 44 avisei-me com Barcelos, por questão de serviço, no "Technical Puppy". Ele mostrava-se um tanto nervoso, motivo que me levou a perguntar-lhe o que o preocupava.

Respondendo-me a princípio que nada se passava com ele, o meu bravo camarada terminou por dizer-me, com os olhos rasos d'água:

— "E", meu velho Estrela, já não suporto mais a ausência de minha esposa e de meu filho."

E às 14 horas desse dia Alfredo Amaral Barcelos encerrava sua existência com um tiro no coração.

Na história do 1.º Grupo de Aviação de Caça ele também será imortalizado pelos relevantes serviços prestados à causa comum.

Eram estas as palavras que se tornavam necessárias para esclarecer a morte deste bravo camarada.

E assim encerro aqui a história da vida do 1.º G. Av. C., antes do primeiro combate.

De sua ação no "front" italiano falaremos em outro número."

Leiam, no próximo número, a segunda resenha do expedicionário Artur Estrela de Souza, que já se encontra no Rio, após dezoito meses de ativo labor no "front".

Todos se empregaram a fundo na obra de ferir profundamente o inimigo. Sem distinção de posto ou de graduação, todos os elementos do 1.º G. Av. C. se lançavam à luta com um grito: "Senta a Pua!"



MEUS senhores e minhas senhoras, boa noite. Devo confessar, primeiramente, que o convite que me fizeram, e que aceitei, agradecido, me colocou numa situação difícil. Como escolher? Não sei bem, por que me falta a experiência, qual é a dificuldade que perturba o futuro conferencista, ao marcar a data de uma nova conferência, cujo assunto ainda não está determinado, mas parece-me que deve ser justamente a incerteza sobre o que deverá falar. É, portanto, falta de imaginação o que os atormenta. Meu caso é diferente: em primeiro lugar, porque não fui convocado para dizer-lhes algumas palavras sobre um assunto geral, mas para contar um caso ocorrido comigo, e não me faltam casos interessantes e dignos de ser relatados. Eis que surge, agora, o minha indecisão: qual dêles? Afinal de contas, refletindo bem, a falta de assunto dos escritores também é da mesma natureza. Pois não é, da mesma forma, uma multiplicidade de assuntos que se apresenta e dentre os quais ele não consegue escolher? Não se cria o assunto; e tudo se resume, afinal, em seleção, escolha. Assim como a arte se propõe a transmitir uma visão particular da realidade, polida, parada, ajustada para que tome uma configuração de acordo com o critério de beleza do artista, da mesma forma, todo aquele que toma a palavra para contar um caso sente a verdade do problema do artista e emaranha-se muitas vezes dos obstáculos, fazendo perder o interesse dos que o escutam com boa disposição.

E' preciso, antes de tudo, escolher. Depois, tornar a escolher. Logo o assunto, a história. Depois os detalhes, as minúcias, as cores a ser empregadas: violentas, enfáticas ou suaves? Ninguém pode contar uma história na sua integral. Imagine o amigo ouvinte se eu lhes descrevesse uma tragédia que se estende, no tempo, em uma perspectiva de vários anos. Para ser escrupulosamente verdadeiro, para não omitir coisa alguma teria que contar tudo o que aconteceu nas vinte e quatro horas de cada dia dos anos compreendidos, tudo o que se prendesse à história e, que não se prendesse, desde que abolida estaria a seleção? Que aborrecimento!

Vejo-me, pois, na contingência de escolher, escolher sempre, e para isso, sou forçado a empregar um critério pessoal, próprio, arriscando-me a desagradar alguns, mas filosoficamente devo lembrar que o moleiro da fábula de La Fontaine também não conseguiu agradar a todos.

Minha história começa há muito tempo e vem se desenrolando através dos anos, preparando o conflito final com a morte, o crime e o julgamento.

O fogo da artilharia cessou um instante. Imediatamente os enfermeiros aproveitaram a ocasião para apressar os chauffeurs das ambulâncias.

— Depressa! Vamos! Aproveitemos essa oportunidade!

Um rapaz louro, alto, estava estendido numa maca, tendo ao lado uma enfermeira.

— Ah!

Um leve gemido, dêle chamou a atenção dela, que se aproximou solícita:

— Não tenha receio. Já está em terreno seguro. Mais um pouco e estaremos no hospital. Lá será tratado como merece.

Ele quis agradecer mas os músculos não obedeciam ao comando da sua vontade, e sentiu que o resto estava como que morto. A carne pesando sobre ele, como se não lhe pertencesse. A moça, o mais depressa

que pôde, sem ofender o jovem, tirou os olhos daquele rosto que inspirava piedade e ao mesmo tempo, incontrolavelmente, repugnância: uma enorme ferida corria de cima a baixo da sua face direita.

A ambulância corria dentro da noite. Não fazia o ruído tradicional das ambulâncias: era tempo de guerra...

Na enfermaria as horas se arrastavam com lentidão. Não havia meio de fazer o tempo passar mais depressa. As conversas se esgotavam, os doentes cansavam-se dos jogos e o dia ainda não acabava. Mas de todas as partes do dia a mais cacele era a hora de repouso obrigatório. Após o almoço, a enfermeira entrava, cerrava as persianas e ia sentar-se à sua mesa ao fundo, ordenando que se deitassem e tentassem conciliar o sono.

— Mas eu não posso dormir...

— Nesse caso, fique aí deitado quieto que o repouso lhe fará bem...

— Mas...

Era inútil. Desde o ferimento perigoso que lhe desfigurara o rosto, ele perdera até a energia. Pensava que poderia protestar. Não era uma criança, mas que adiantava?

Entretanto, depois de certo tempo, os pacientes descobriram um meio de burlar a vigilância da enfermeira e fazer com que a hora de repouso se tornasse mais agradável. Pelo menos os mais afastados da mesa dela insinuaram um costume que desde então foi observado todas as tardes. Quando ela se absorvia no trabalho eles se reuniam no outro canto da enfermaria, junto à cama de Harry, e cada dia um dêles contava um caso que lhe houvesse acontecido. Estavam proibidos assuntos de guerra. Mais outra condição: o caso deveria apresentar um problema, resolvido de uma ou de outra maneira pelo narrador, e que os outros discutiriam após, resolvendo se ele agira ou não corretamente.

E' lógico que aquelas reuniões não passavam despercebidas da enfermeira, mas como eles de fato ficavam recostados, conversando placidamente, ela fingia não ver nada.

Um dia porém eles se entusiasmaram, pareciam discordar, discutiam em voz alta. Ela, então, levantou-se e aproximou-se do grupo.

— Que é isso? Na hora do descanso? Porém eles nem lhe deram atenção. O debate era cerrado.

Harry, meio recostado na cama, apoiava-se num cotovelo e dizia:

— E' o problema mais trágico...

— Tolice, disse um sargento de infantaria que perdera uma perna em combate.

— E' notório o seu desprezo pela vida humana, retrucou Harry.

— Peço que acrescente que nesse desprezo incluo a minha, ou ariscar-me-la a parecer antipático...

— Preocupa-lhe isso?

— Lógico.

Um outro paciente alvitrou:

— De qualquer maneira, vocês estão saindo fora do ponto em questão.

— Sim, disse outro, queremos saber, afinal, a opinião de todos. Vamos por partes.

Harry assentiu:

— Pois bem. Um por um. Começemos por Harry, que parece não querer dizer nada.

Um outro oficial ferido, que se mantivera em silêncio até então, sorriu tristemente e disse, com ar pensativo:

Numa enfermaria de um hospital inglês um grupo de combatentes feridos discutem a morte, depois de terem estado tão perto dela. Um dêles sabia de um caso...

DILEMA

Novela de DOROTHY SAYERS

— Não disse nada porque o caso me fez pensar, lembrou-me uma história que ouvi contar e...

— Conte-nos.

— Pois bem. Vocês discutiam o velho problema da vida humana, se o homem tem o direito de deixar outro morrer... Eu me lembro de um caso em que um homem deixou, e quero que vocês me digam se tinha ou não razão.

Um capelão que recebera uma granada no braço interveio:

— Não pode haver dúvidas quanto à resposta.

Harry sorriu e disse:

— Queria conhecer sua opinião particular.

— Já lhe dei. Acho que a vida humana é sagrada e que ninguém, ninguém tem o direito de...

— Fala o padre ou o homem?

— Meu filho, eu não vejo a distinção.

— Mas eu vejo...

Novamente o oficial interveio:

— Você está saindo do assunto novamente, Harry.

A enfermeira estancara, interessada, e esquecera de chamar a atenção dos pacientes.

Harry retomou o fio da narrativa:

— Pois bem, vou contar o caso de que lhes falei. Aconteceu há muitos anos, mas vocês devem lembrar-se, pelo menos do nome: o caso Levingston.

— Levingston? O explorador?

— Esse mesmo. Levingston voltara da África com notas preciosas para a medicina, sobre a moléstia do sono, notas que revolucionariam a terapêutica dessa moléstia. Pois bem. De volta à Inglaterra, tendo contraído uma febre maligna, faleceu. Morto ele, as suas notas foram enviadas à esposa, que chamou um jovem médico para que a ajudasse a pô-las em ordem, pois ela não sabia nada de medicina. Uma noite, porém, a casa em que ela morava pegou fogo. Um mordomo, bêbado, deixara uma vela perto da cortina. Ela fugiu e foi salva. O médico, que já saira também, lembrou-se tarde de mais das notas e entrou na casa em chamas para apanhá-las. Porém lá ainda estava o mordomo, prestes a morrer num desabamento. Ele teve que decidir: as notas ou o homem.

— E qual foi sua decisão?

— Levou as notas. O homem morreu.

A enfermeira ficara muito pálida ao notar que um pouco afastado do grupo, de pé, estava o dr. Thompson. Ia recriminá-la

(Continu na pág. 51)





O PRESIDENTE DA S. B. A. T. EM VISITA A OSCAR STRAUSS — Nosso confrade e escritor teatral Geysa Boscoli, presidente da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, realizou recentemente uma rápida viagem a Cuba, via Estados Unidos, onde foi assistir a um congresso de autores. Na sua permanência em Nova York teve ensejo de visitar o consagrado compositor Oscar Strauss, autor de renomadas melodias vienenses. A gravura foi feita por ocasião dessa visita, vendo-se de pé aquele nosso patricio e, sentado, o famoso compositor.

FIGURAS E FATOS

NO AEROPORTO DE SALVADOR, BAHIA — O dr. João Pacheco de Oliveira, ministro do Supremo Tribunal Militar, ao ser recebido no aeroporto do Ipitanga, em Salvador, Bahia, rodeado de admiradores e pessoas amigas, que lhe foram levar cumprimentos por ocasião de sua visita à exma. genitora e à sua terra natal, a Bahia.



A graciosa menina Maria Helena, dileta filhinha do sr. Dario Lorenzi, gerente do Banco do Brasil em Cáceres, Mato Grosso, e de sua esposa, dona Edy Dulce Lorenzi — num flagrante batido por ocasião dos últimos festejos carnavalescos naquela adiantada cidade do próspero Estado.



Primeira turma de concludentes do Curso Técnico de Datilografia, pela Escola Pratt de Piripiri, Estado de Minas, que tem como diretora a sra. Edmée Rocha de Carvalho, que também aparece na gravura. Trata-se de um eficiente curso comercial instalado nas vizinhanças de Belo Horizonte.



Sr. Severino Pereira da Silva, elemento de grande destaque em nossa sociedade e prestigioso industrial, cujo aniversário natalício transcorrerá no próximo dia 6 de Maio.



CREPÚSCULO DE MARTE



DEPOIS de matar os homens Marte agoniza, todo couraçado de ferro, com a boca espumosa, a face contraída e o punho a sustentar, ainda, a espada fendida ao meio pelo raio da misericórdia divina... O crepúsculo desce sobre o enorme cenário das batalhas. Os corvos levantam o vôo, alertados pelo cheiro apetitoso da carne morta. As cavalarias desfilam, já em ordem de parada triunfal, com as flâmulas ao vento e os corações ao largo. Retumbam, como no segundo plano de um teatro, as carretas da artilharia. E os aviões descem, das intimidades flamantes das nuvens, para a quietação burguesa dos aeródromos. O mundo perde alguns lances teatrais, porém as mãos levantam para o céu as mãos, ainda trêmulas de pavor...

Esta foi a suprema festa da Morte, de que há notícia nos fastos do Universo. As parcas refolicaram-se no sangue dos inocentes; palpam o frio coração das virgens, beberam a lágrima santa dos órfãos... Cavaram-se mais fundamente os abismos da bestialidade humana. Houve um país que exercitou, nas escolas, o ofício científico da matança. A eletricidade, o gás tóxico, a câmara ígnea foram postos a serviço de uma pátria sem entranhas, que tinha em mira despovoar e arruinar, de vez, as outras pátrias. O crime passou a ser um instrumento do Estado, e o homicídio um veículo da política internacional. Polacos, belgas, holandeses, russos, sérvios, gregos, franceses foram conduzidos, aos milhões, aos matadouros oficiais da Grande Alemanha. Praticou-se a maior hecatombe de todos os séculos. E agora, quando os deuses entram no crepúsculo decisivo, os facínoras, vestidos de pardo, rondam as fronteiras dos raros países onde não puseram a bota infame e não chantaram a pata diabólica e fatídica...

O grande desengano desta guerra é a lídima certeza, que se levanta, da impossibilidade universal de melhorar a besta humana. Somos uma espécie biológica de irremediável ferocidade. Destruímo-nos aos milhões, após vinte séculos de Cristianismo, sessenta de His-

tória e toda uma eternidade de experiências sociais e pesquisas científicas. Um louco, fantasiado de "fuehrer", lança fogo ao Mundo com a cumplicidade de oitenta milhões de germanos, dos mais cultos e presunçosos de todos os tempos.

Os professores, nas suas cátedras; os padres, nos seus templos; os cidadãos, nos seus lares não lograram deter a fatídica corrente e opor, à onda de sangue, o ante-mural do bom senso e da piedade. Ao contrário, criou-se uma filosofia belígera, fundada nas palavras nebulosas de Nietzsche, o profeta da Nova Ordem, o autor intelectual do estupendo morticínio dos nossos tempos. Usaram-se os mais modernos instrumentos da mecânica — o rádio, o telégrafo sem fios, o avião — para propagar, aos quatro cantos do mundo, uma doutrina feroz, que não ousariam praticar os mais rudes e sanguinários barões da Idade Média. A excitação patológica de um cérebro degenerado — o de Adolfo Hitler — causou à Humanidade a maior sangria da sua história e a suprema desgraça da sua existência. A própria Alemanha, que se alçara a níveis inéditos de prosperidade e riqueza, é hoje um montão de ruínas — e sobre as suas cidades malditas paira o espírito sombrio da desolação e da miséria!

A grande lição desta guerra é que não se pode fugir à verdade inflexível do preceito bíblico: **qui gladio ferit, gladio perit**. ... A violência gera a violência, e o ódio atrai o ódio. Os ventos desencadeados pelas hostes hitleristas voltam à Alemanha, engrossados em turbilhões e multiplicados em temporais. Uma tempestade de fogo e aço desaba sobre a terra onde, há mais de dois mil anos, homens cobertos de pele, ou protegidos com capacetes de aço, atravessam a fronteira, em som de guerra e violência. O velho perjúrio de Ariovisto para com Cesar é reeditado, cem vezes, no decurso da história alemã. A última encarnação de Ariovisto é Adolfo Hitler — o mais risível dos tiranos e o mais funesto dos mentecaptos...

BERILO NEVES

A esperança de um mundo novo, reconstruído sobre as ruínas de um cataclisma estúpido, ilumina fulgidamente os horizontes do mundo. Não há povo que não anseie pelo retorno à vida burguesa e feliz dos tempos pacíficos. Nenhum homem sensato admite que as Nações Unidas possam achar alguma compensação na vitória que não seja o restabelecimento da justiça na vida internacional e do respeito ao direito dos fracos. A sublimação da Força levou a Alemanha nazista a sentir o peso das armas das maiores potências militares que jamais viu o mundo: o Império Britânico, a Rússia e a América do Norte. Cada bomba lançada pelos aviadores germânicos foi-lhes devolvida decuplicada em violência e capacidade destruidora. A ferocidade dos Hunos só encontra um estalão, ou ponto de referência, por onde se lhes afira a grandeza: a própria estupidez.

Provada a ineficácia das guerras como instrumentos de valorização das pátrias e enriquecimento dos povos, cumpre voltarmos ao único sistema que os séculos aprovam e a razão justifica: a política de Cristo. Urge que a Humanidade se humanize de novo aos pés daquele que mandou a Pedro meter a espada na bainha, pois que a espada não é instrumento de perfeição nem balança aferidora das ações morais do Homem. A guerra, amplificação comum do mais vulgar dos instintos — o de conservação do indivíduo — será riscada da história do Mundo no dia em que o Evangelho for, de feito, o Código Civil das nações.

Todos morrem, inclusive o deus belígero e rancoroso. Marte agoniza à sombra das cátedrais semi-derruidas, por entre os últimos lampejos da artilharia e os derradeiros rancos dos aviões. Não tardará que se ouça, nas planícies do Mundo, o sugestivo toque de silêncio, a mais harmoniosa e concertada das vozes militares.

Senhores!

Voltemos a arar a terra, onde os restos dos heróis fermentam no mistério profundo das transmutações químicas e biológicas. Desta terra, empapada de sangue, não de brotar as flores com que se coroarão os nossos descendentes, no eterno mistério da continuidade, no assombroso milagre da ressurreição dos pais, através da cadeia interminável que liga o ancião moribundo ao filho recém-nascido e em flôr...

ESCRAGNOLLE DORIA

FIGURAS DO IMPERIO

(JOSE' ANTONIO SARAIVA)



SARAIVA NA EPOCA DE SUA PRESIDENCIA DE SÃO PAULO

VINDO de provincia natal, a Bahia, em 1841 chegava a São Paulo um moço de dezito anos. Chamava-se José Antonio Saraiva. Um nome simples, entretanto fadado a muitos brilhos, um apelido que não corresponderia ao seu significado etimológico a um homem de indole calma em d'as agitados que o esperavam.

Saraiva vinha a São Paulo sem um exame de preparatórios. Completou-os em um ano, em 1842 calou no Curso Juridico nas aulas superiores deste, maiores dizia-se-as então.

O calouro de 1842 viu São Paulo em revolta, na que em campos opostos punha em presença o padre Feijó, ex-regente do Imperio, e o brigadeiro Alves de Lima.

No recinto pacifico do Curso Juridico, no convívio alegre, por vezes esturdo, de colegas, Saraiva tinha veteranos, entre eles Otaviano e Bernardo Guimarães.

Com mais dez colegas, Saraiva formava-se em 1846. No começo deste ano, casado de pouco, D. Pedro II, com sua imperatriz D. Teresa Cristina tornava do Rio Grande do Sul, de visita complemento á pacificação da provincia.

Então, pela primeira vez, Saraiva deitou vistas sobre quem ele tanto havia de ver e com quem havia de tratar, anos e anos, até as horas de 15

de Novembro de 1889, as de um regime a desaparecer.

Em 1846, o joven D. Pedro II estava apenas em São Paulo de onde o pai ditara a Portugal sentença de sua separação do Brasil.

A visita do imperador á Academia resultou para este em simpatia grande na classe academica, atraída pela singeleza de trato do soberano, "moço muito vivo". A observação é de Saraiva em 1846.

O "moço vivo" de então, observado pelo bacharelendo Saraiva, oito anos depois punha assinatura, rubrica e guarda em decreto referendado por Pedreira, ministro do Imperio. O decreto de 1.º de Junho de 1854 nomeava o bacharel José Antonio Saraiva presidente de São Paulo.

Qual a vida do novo presidente após a sua formatura em 1846? Por pouco tempo advogara em São Paulo, defendera no juri de Mogi das Cruzes, passara pelo Rio, daí se fôra á Bahia, nesta promotor publico e juiz municipal da comarca de Jacobina.

Não seria de magistrado a carreira de Saraiva: ainda nos primeiros postos de judicatura começou a pensar na politica, de campo pequeno nas assembleias provinciais, de grande campo no parlamento nacional de ramo vitalicio e temporario.

Após candidatura em eleição pro-

vincial, tentou Saraiva eleição para deputado geral, nesta triunfando em 1850, para entrar numa Camara na qual luziam Eusebio, Paranhos, Zacarias, Nabuco, Wanderley e Simimbu.

Reeleito deputado para a legislatura de 1853-1856, ia Saraiva em 1854 presidir São Paulo, substituido na Camara por deputado suplente.

Pratica de administração já adquirida nas presidencias nortistas do Piauí e de Alagoas, devia servir a Saraiva para administrar a subida provincia sulista que o conheceu estudante.

A 24 de Junho de 1854, Saraiva tomava posse da presidencia de São Paulo na Camara Municipal, ato seguido de *Te Deum* na Sé Catedral.

Dois dias depois da novidade da posse presidencial outra novidade era do conhecimento da primeira cidade paulista. Dotava-a novo jornal, *O Correio Paulistano*, a lembrar outro órgão de imprensa, *O Farol Paulistano*, inaugurando a imprensa paulista nos primeiros dias de Fevereiro de 1827 e nos ultimos dias do Primeiro Reinado.

Em artigo de apresentação, com o título de *Prospecção*, dizia o *Correio* de propriedade dos Irmãos Azevedo Marques:

"O *Correio Paulistano*, que hoje enceta sua carreira jornalística, vem também abrir uma nova herança á imprensa desta provincia."

Reconhecendo que a imprensa da provincia visava mais interesses politicos ou pessoais, o *Correio Paulistano* "oferecia as suas columnas á discussão de todas as opiniões, de todos os pleitos."

Julgava assim contribuir com o seu contingente para proseguimento de glorioso fim.

"O *Correio Paulistano* — declarava a sua redação — aspira nesta provincia o caracter de publicação imparcial. Seus leitores encontrarão em suas paginas a linguagem da franqueza e lealdade, só assim teremos imprensa livre, a coberto das considerações que adulteram. Se porem não realizarmos estas vistas não será por ausencia de esforço."

Logo abaixo do artigo de apresentação, breve, explicito, o *Correio Paulistano* noticiava a posse do recém-presidente de São Paulo:

"No dia 24 do mez que corre, as portas da cidade se abriram ao Dr. José Antonio Saraiva e grande concurso de cidadãos concorreu á recepção da nova autoridade, em cujas mãos se depositavam os destinos da provincia."

A alusão ás portas da cidade era puro simbolismo, embora não raro se apresentassem a novos governadores até chaves de portas inexistentes em capitais.

Ao estudante de 1846 no homem de 1854, o *Correio Paulistano* mostrava os inconvenientes da então frequente mudança dos presidentes da provincia "com a rapidez do raio".

Saudando Saraiva, com animo sincero, dizia o jornal desejar "que as amarguras semeadas pela cadeira presidencial desta vez não lhe perturbassem caminho na direcção dos negocios publicos."

Desde primeiro numero, o *Correio Paulistano* analisava com severidade a situação politica da provincia, expondo-a ás vistas do novo presidente.

A administração antecessora de Saraiva "economisara preparando á successora os meios de prover as necessidades de São Paulo".

E proseguia o *Correio Paulistano*: "Temos pois em face do Snr. Saraiva:

Um grande partido que, harmonizado, entrado na linha do dever, faz um grande elemento de força.

O da opposição que, caminhando para uma refundição, não tem vigor para entorpecer um governo modelado pela justiça.

A provincia, que o considera de olhos attentos, já cansada dessas lutas que a enfraquecem.

Final as finanças que mostram aspecto risonho.

A felicidade abrirá os braços ao novo presidente, ou a discordia que ali se esconde no destino abalará sua cadeira? Não nos é dado prevêr.

Os desejos de bom paulista tendem a recebê-lo com a hospitalidade que distingue a gente paulistana. E o *Correio Paulistano* que hoje vê a luz tem um presentimento que lhe diz será duradoura a presidencia que hoje abre carreira, se a coajudação de um verdadeiro partido paulistano lhe seguir a sôrte.

O *Correio* não é jornal de partido, seu fim está ligado á honra da provincia.

Se pois o Snr. Saraiva trabalhar para honra da provincia, ter-nos-ha de seu lado.

Nada mais almejamos que o progresso de nossa terra.

E o governo que assim fizer tem direito ao nosso suffragio."

Q em compulsar a coleção do *Correio Paulistano* avaliará por ela o modo pelo qual o presidente Saraiva correspondeu ás boas vindas do numero inicial de 26 de Junho de 1854.

Cabe aqui apenas informar ter Saraiva exercido a presidencia de São Paulo, 24 de Junho de 1854 a 16 de Maio do ano seguinte. Nunca mais tornaria a presidencias de provincia encerrando as suas com a de São Paulo que o conheceu calouro, veterano e bacharel. Na provincia paulista e sua capital o presidente Saraiva teria ensejo de avistar-se com seus antigos mestres de Direito dos quais recebera um R, este simbolizado em mesa de exame por bóla preta, a branca de parabens a examinandos.

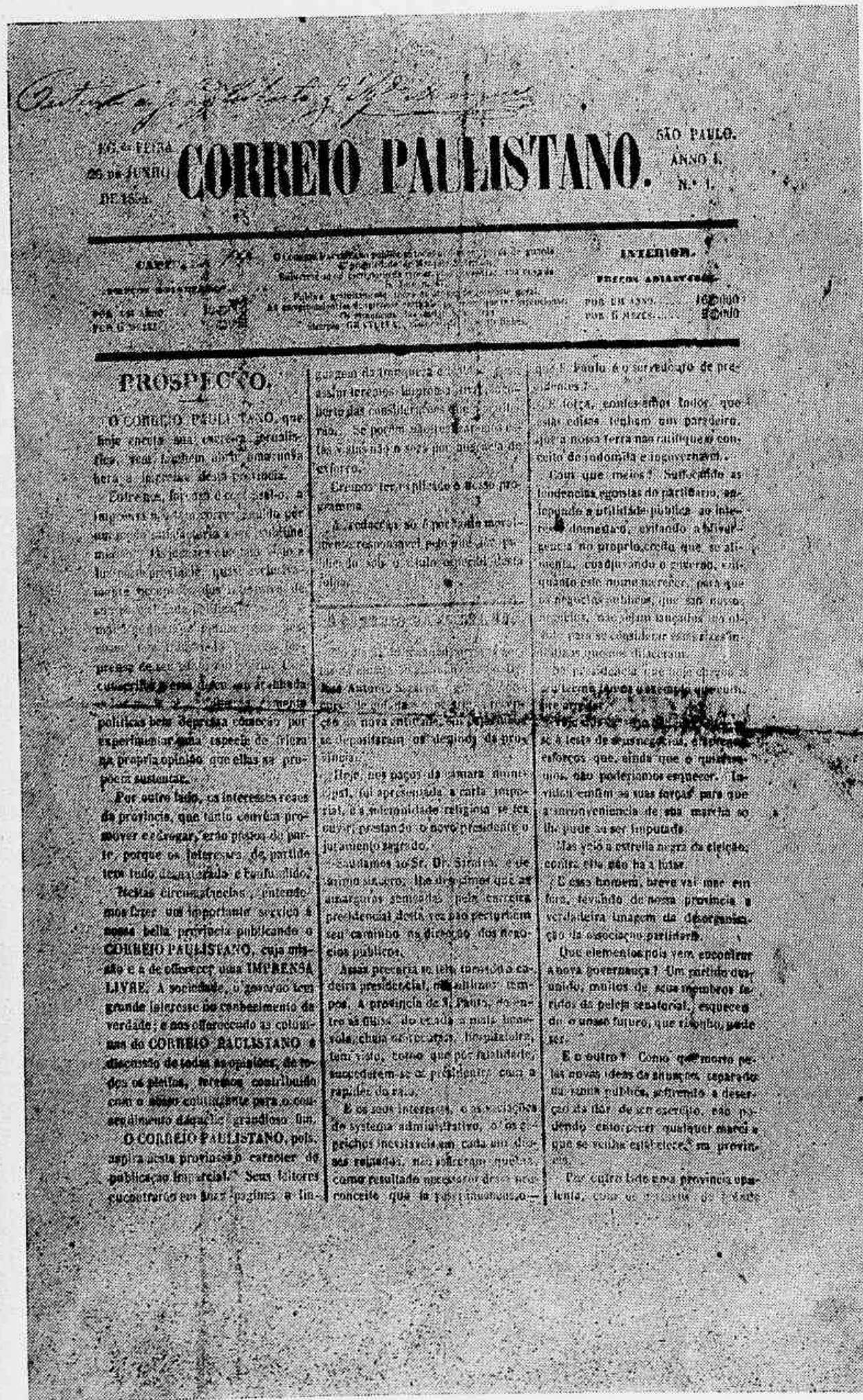
De São Paulo de 1854 partio Saraiva para mais altos destinos politicos, ministro de Estado em 1857, 1861 e 1865, presidente do conselho em 1880 e 1885, senador do Imperio em 1867, sem esquecer a sua passagem por nossa diplomacia no Prata, em missão especial. Pertenceria ao grupo dos homens notáveis na politica do Imperio não agraciados com títulos nobiliarquicos.

A farda de ministro, em Saraiva, poderia ornar-se com as veneratedo Cruzeiro, de Cristo e da Rosa e a grã-cruz nordica do Danebrüg, que na Dinamarca conferiria o tratamento de Excelencia, se já não o tivesse no Brasil como senador do Imperio.

Organizador de dous gabinetes, só para o primeiro, em 1880, Saraiva convidou um nascido na provincia que administrara em 1854. Foi ele Homem de Mello, ao qual caberia a honra de referendar, como ministro do Imperio, lei de discussão apurada, a da Eleição Direta de saneamento a transquibermias eleitorais tão caras á politica de todos os tempos.

Presidente de São Paulo, alguma vez teria ido Saraiva visitar o Curso Juridico que o graduara em Direito? Quando se sobe em idade ou posição social, o que succedeu a Saraiva, revêr os logares onde se foi moço e obscuro é especie de obrigação da saudade.

Continua na pag. 54



FRONTISPÍCIO DO 1.º NUMERO DO Correio Paulistano.



ADELE JERGENS (Columbia)

Olhe ao seu redor, minha amiga, e veja quantas são as que usam uma base para **maquillage**, e depois diga-nos sinceramente: são essas as que possuem uma pele mais bonita, uma aparência mais fina e que estão sempre "preparadas"? E' porque, uma boa base, aplicada devidamente, é de grande importância para a beleza feminina. Para o pó e para o **rouge** traz grandes benefícios, pois conserva-os eliminando a necessidade de empoeirar-se diversas vezes ao dia. E' também um tênue véu que esconde sardas e outras pequenas manchas da pele. Use a base sem sustos, porque ela não estragará a sua pele, não dilatará os poros, como muita gente pretende insinuar. O que é necessário é aplicá-la sobre uma pele inteiramente limpa. Você deve removê-la cada vez que tiver que fazer novo **make-up** e também antes de deitar-se.

Outra coisa importante é escolher a base de acordo com a sua pele. Se a pele é normal, qualquer tipo de base pode ser usada; se é seca, dê preferência aos cremes, e se for oleosa prefira uma base líquida.

Depois de ter você escolhido a sua base, resta ainda um sério problema: saber aplicá-la; é necessária uma técnica especial, que só se adquire com a prática, pois do contrário você ficará com uma aparência artificial e todos notarão a sua "máscara". De uma coisa esteja certa: a "base" é mais que necessária para que você possa estar sempre com o seu **make-up** impecável.

Kitty

NOS BASTIDORES FEMININOS

A estinge sem segredo

Conta de OSCAR WILDE

Eu o estimava muitíssimo.

Era tão bom, tão comunicativo, tão cavalheiresco! Dizíamos a miúdo, referindo-nos a êle, que seria o melhor rapaz do mundo sem a sua mania de dizer sempre a verdade; mas, realmente, creio que o admirávamos mais ainda pela sua franqueza.

Encontrei-o um pouco mudado.

Parecia inquieto, perturbado. Adivinhei que aquêlê estado não provinha do moderno ceticismo, porque Murchison era um dos conservadores mais intransigíveis, e acreditava no Pentateuco com a mesma firmeza que na Câmara dos Pares.

Deduzi que andava rabo de saia em tudo aquilo, e perguntei-lhe se tinha casado já.

— Ainda não compreendo bem as mulheres — respondeu.

— Meu caro Geraldo — disse-lhe eu — as mulheres foram feitas para ser amadas, e não para ser compreendidas.

— Eu não poderia amar sem ter absoluta confiança — replicou.

— Parece-me que você tem um mistério na vida, Geraldo. Conte-me, conte-me tudo.

— Aonde vamos? — perguntei.

— Oh! Aonde você quiser; ao restaurante do parque. Cearemos lá e você me contará coisas da sua vida.

— Primeiro quero ouvi-lo. Conte-me seu mistério.

Tirou do bolso um porta-cartões de tafilete com fecho de prata e estendeu-mo.

— Abre-o.

Dentro havia um retrato de mulher.

Era alta e esbelta, de aspecto singular, com seus grandes olhos misteriosos e sua cabeleira esvoaçante. Tinha fisionomia de magnetizada e estava envolta por luxuosas peles.

— Que diz você dessa cara? — me perguntou. — Acaso inspira confiança?

Examinei-a atentamente.

Deu-me a impressão duma criatura que tem um segredo; porém o que não podia dizer era se aquêlê segredo era bom ou mau.

Aquela beleza parecia feita de muitos mistérios reunidos; era realmente uma beleza psicológica, mais que plástica, e ademais o velado sorriso que flutuava sobre seus lábios era demasiado sutil para possuir verdadeiro encanto.

— Que? — exclamou impaciente. — Que diz você?

— Que é a Gioconda de negro — respondi. — Conte-me tudo o que a ela se refira.

— Agora não; depois da ceia.

E pusemo-nos a falar doutra coisa. Quando o garçon trouxe o café e os cigarros, lembrei a Geraldo sua promessa.

Levantou-se de sua cadeira e passeou durante alguns instantes pela sala.

Depois se acomodou numa poltrona e me contou a seguinte história:

— Uma tarde, aí pelas cinco horas, descia eu por Road-Street.

Havia uma grande aglomeração de carros e o trânsito estava completamente impedido.

Encostado à calçada estava um "broughan" amarelo, que, não sei por que atraiu minha atenção.

Ao passar por êle vi assomar, para espiar, a cara que há pouco mostrei a você.

Fascinou-me instantaneamente.

Durante toda a noite não pensei noutra coisa, o mesmo acontecendo no dia seguinte.

ACHAVA-ME, uma tarde, sentado no terraço do café da Paz, contemplando o luxo e as intimidades da vida parisiense.

Enquanto tomava um vermut e entretinha-me a estudar, com curiosidade, aquêlê estranho desfile do orgulho e da miséria, quando ouvi que me chamavam por meu nome.

Voltei-me e deparei com lord Murchison.

Não nos tínhamos tornado a ver desde que estivemos juntos no colégio, e isto fazia dez anos.

Assim é que me encantou aquêlê encontro.

Abraçamo-nos afetuosamente. Em Oxford tínhamos sido muito amigos.

— Vamos dar um passeio de carro — me respondeu. — Aqui há muita gente... Não, êsse carro amarelo, não; qualquer um doutra côr. Olhe, êsse, que é verde-escuro, nos convem.

E alguns minutos depois descíamos a trote pelo boulevard em direção à Madalena.

Subi e desci várias vezes por aquela rua, ao longo daquela maldita fila, lançando um olhar furtivo dentro de todos os carros, esperando o "brougham" amarelo, mas não consegui descobrir minha "bela desconhecida", de modo que acabei por me convencer de que só a tinha visto em sonhos.

Uns oito dias depois ceei com madame de Rastail.

A ceia estava marcada para as oito, mas eram oito e meia e ainda estávamos no salão.

Súbito, o criado abriu a porta e anunciou: Lady Alroy.

Era a mulher a quem eu procurava.

Entrou andando muito devagar. Parecia um raio de luar com seu vestido gris, e tive imensa dita de que me rogassem levá-la à mesa.

Quando nos sentámos, disse com a maior inocência do mundo:

— Parece-me, lady Alroy, tê-la visto ao passar por Road-Street há algum tempo.

Pôs-se muito pálida e disse-me em voz baixa:

— Não fale tão alto, suplico-lhe; poderiam ouvir-nos.

Senti-me infelicíssimo por ter tido tão mau começo, e me enfrasquei cegamente numa dissertação sobre o teatro francês.

Ela falava muito pouco, e sempre com a mesma voz baixa e musical. Dir-se-ia que tinha medo de ser ouvida por alguém.

Sentia-me apaixonadamente, estupidamente enamorado, e a indefinível atmosfera de mistério que a envolvia excitava minha curiosidade até mais não poder.

Quando se ia embora, o que fez quase em seguida à refeição, perguntei-lhe se podia visitá-la.

Vacilou um momento, olhou em redor de si para ver se havia alguém perto de nós, e depois me disse:

— Sim; amanhã, às cinco e quinze.

Pedi a madame de Rastail que me falasse dela, porém o único que pôde dizer-me foi que aquela senhora era viúva e que possuía uma linda casa em Park Lane.

E como naquele momento um palerma da classe dos cientistas iniciou uma dissertação acerca das viúvas, para manter a tese da supervivência das mais inteligentes, despedi-me e regressei a minha casa.

No dia seguinte, à hora combinada em ponto, dirigi-me a Park Lane, porém o criado me disse que lady Alroy acabava de sair havia um instante.

Muito desiludido e intrigadíssimo, fui até o clube, e depois de muitas reflexões lhe escrevi uma carta, rogando me permitisse confiar em que outra vez seria mais afortunado.

A resposta demorou vários dias a chegar, mas por fim recebi um cartãozinho anunciando-me que estaria em sua casa no domingo, às quatro, cartão no qual havia esta extraordinária advertência:

"Não me escreva mais, por favor; explicar-lhe-ei o motivo quando nos virmos."

No domingo estive encantadora, porém, ao deperdir-me, disse-me que se alguma vez tornasse a escrever-lhe, o fizesse com estas indicações: "Mr. Wiltaker, editor, Green Street, para entregar à senhora Knox".

— Razões particulares — ajuntou — me impedem de receber qualquer carta em minha própria casa.

Durante toda a temporada vi-a a miúdo e sem que jamais deixasse de rodeá-la aquela atmosfera de mistério.

Algumas vezes pensei que estaria em poder dalgum homem, mas parecia tão dificilmente atingível, que tive de abandonar essa hipótese.

Realmente, era-me quase impossível chegar a uma conclusão qualquer, pois aquela mulher se parecia a esses estranhos cristais expostos nos museus e que são transparentes umas vezes e embaciados outras.

Por fim, decidi-me a pedir sua mão; atacavam-me os nervos e cansavam-me as incessantes precauções que me impunha para tornar misteriosas minhas visitas e as poucas cartas que lhe dirigia.

Escrevi-lhe para a livraria, perguntando se podia receber-me na segunda-feira seguinte às seis horas.

Respondeu-me que sim, e aquilo me transportou de prazer até ao sétimo céu.

Estava loucamente apaixonado por ela, apesar do mistério, segundo acreditei então; porém, em realidade, eu agora o reconheço, por aquele próprio mistério.

Não, eu não amava nela a mulher.

O que me perturbava, o que me fazia perder a cabeça, era aquele mistério.



Ilustração de
JOSÉ ANTONIO

Por que o acaso me fez encontrar a pista?

— Então você tudo descobriu? — exclamei.

— Receio-o muito. Avalie por si mesmo.

Chegada a segunda-feira, almocei com meu tio, e por volta das quatro horas estava em Marylebone Road.

Meu tio, como você sabe, mora em Regents Park.

Pretendia ir ao Piccadilly, e tomei o caminho mais curto, passando por uma infinidade de vielas de aspecto miserável.

Súbito vi frente a mim lady Alroy, embuçada com um véu espesso e andando muito depressa.

Quando chegou à última casa da rua subiu os degraus, tirou de seu bolso uma chave e entrou.

— Cá está o mistério — disse comigo mesmo, avançando rapidamente para ver o número e o aspecto da casa.

No último degrau havia um lenço que ela deixou cair; apanhei-o, guardando-o no bolso.

Então me pus a pensar o que deveria fazer. Cheguei à conclusão de que não tinha o direito de espioná-la; tomei um carro e fui para o clube.

As seis apresentei-me em sua casa.

Encontrei-a estendida num sofá, em "toilette" de chá, isto é, com vestido de fio de prata amarrado com uns broches dessas estranhas pedras lunares que usava sempre.

Esteve muito afável comigo.

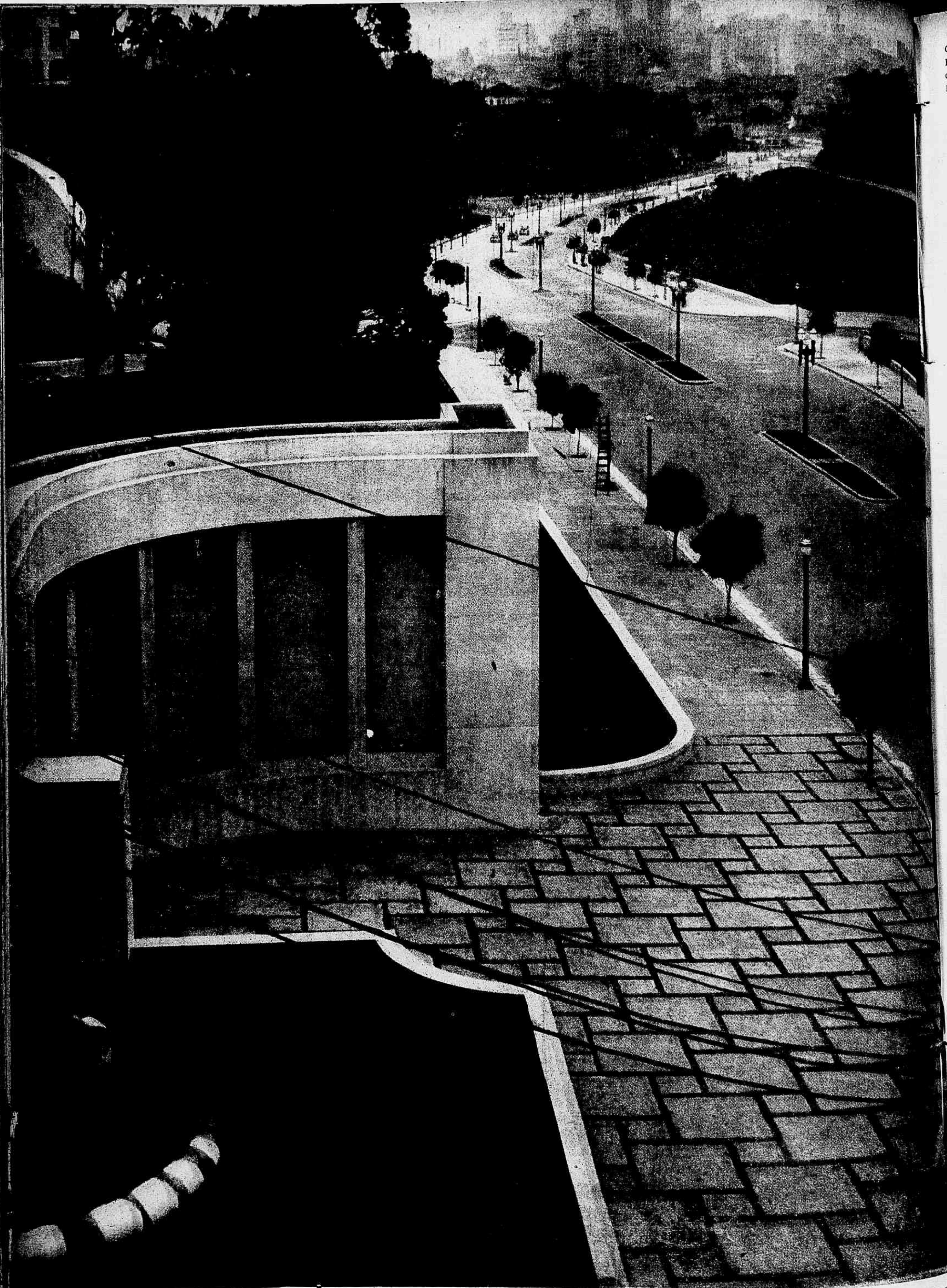
— Tenho imenso prazer em vê-lo — disse-me. — Não saí em todo o dia.

Olhei-a estupefato, tirando de meu bolso o lenço, entreguei-lho.

— Caiu-lhe esta tarde em Cummor Street, lady Alroy — disse-lhe com muita naturalidade.

Dirigiu-me um olhar de terror, mas não fez o menor gesto para tomar o lenço.

(Continua na pág. 49)



Um aspecto em conjunto da avenida 9 de Julho, a nova e imponente artéria de São Paulo, vendo-se ao fundo o conjunto dos "arranha-céus" grandiosos do perímetro central, que tanto embelezamento deram a essa zona paulistana, outrora inteiramente ao abandono.

GRAFICAS DE SÃO PAULO

O bloco
Barão d
da cidad
Paulo a

Novo
de Pira
metróp
razão
seus fi
leitores
Paulo,
sequê
quem
há de
dade
decen
mante
da co
quad
de na
o seu
mo
para
enco
um
Mas
inter
lênc
arro
de
emp
N
mo
con
me
cho
ser
ran
sã
ve
é
be

O

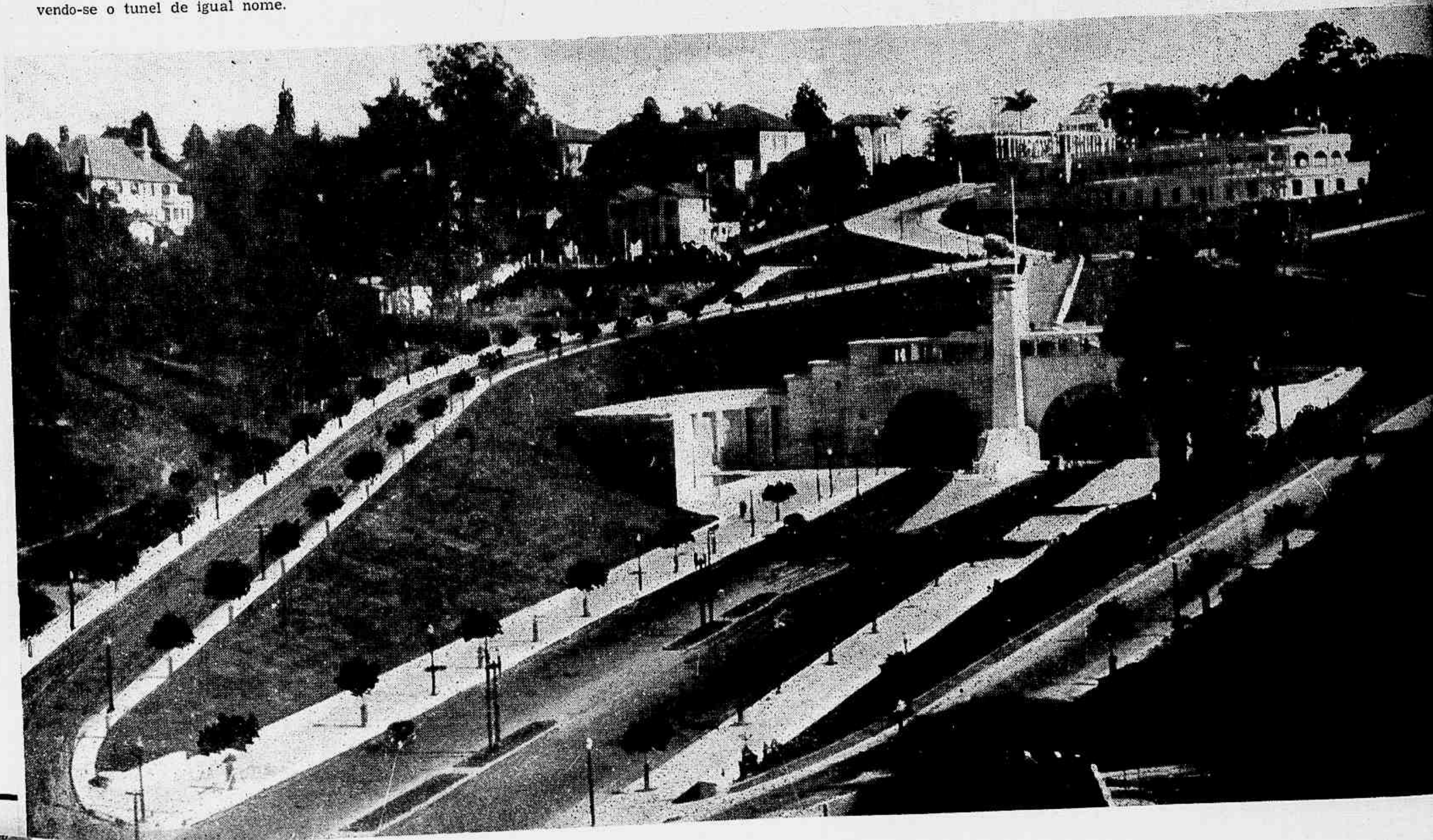
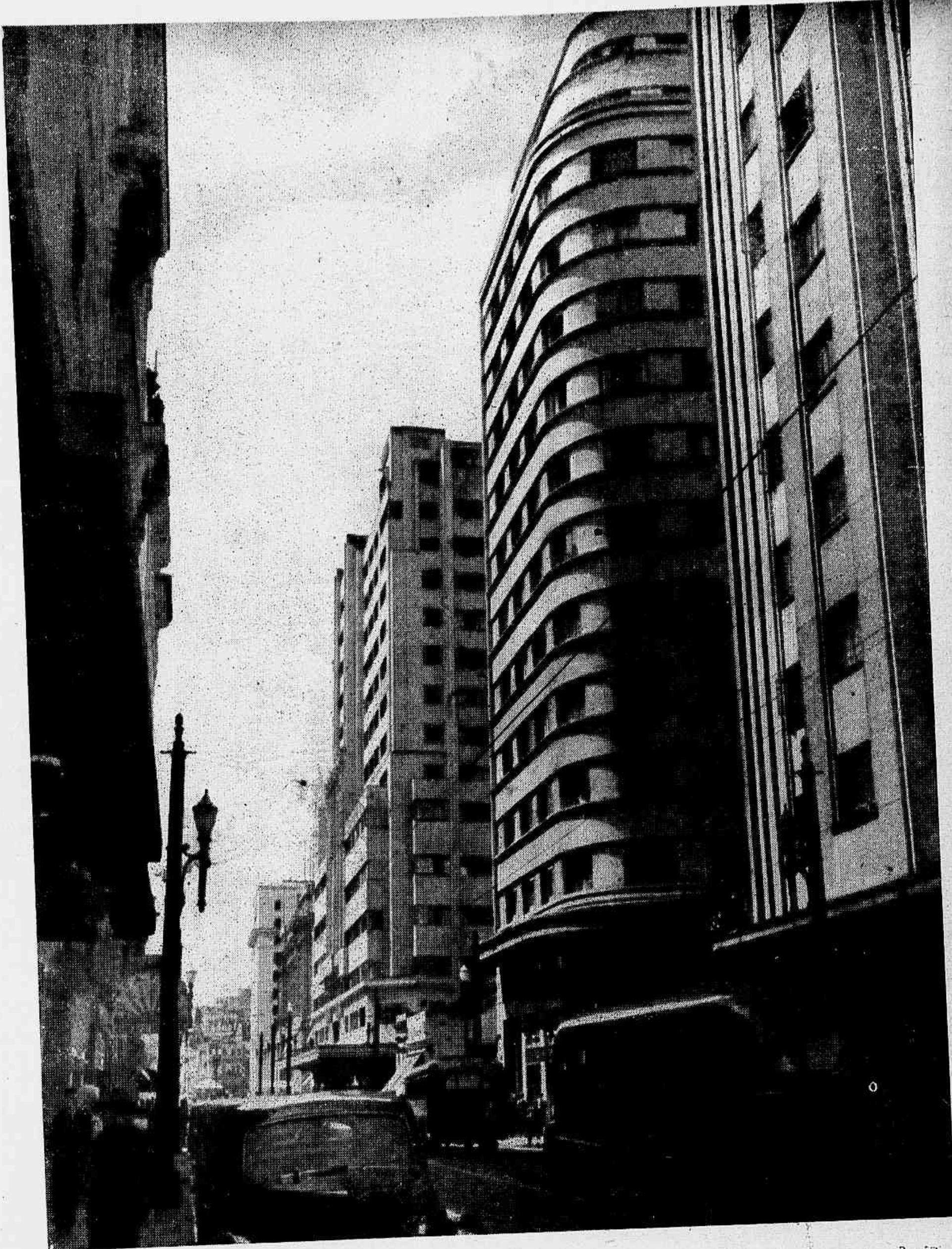
O bloco de edifícios modernos da rua Barão de Itapetininga, em pleno coração da cidade. Um reflexo imponente da São Paulo atual, cuja fisionomia mais se altera de dia para dia.

Novos e majestosos panoramas da terra de Piratininga, com flagrantes inéditos da metrópole cujo desenvolvimento está na razão direta do esforço e da iniciativa de seus filhos, estes que hoje oferecemos aos leitores. Eles refletem o progresso de São Paulo, que nem a guerra nem suas consequências econômicas logram travar. E quem deixar de visitá-la por algum tempo há de surpreender-se com a moderna cidade repontando de dentro da antiga, obedecendo a um traçado amplo e elegante, mantendo as linhas gerais arquitetônicas da capital bandeirante, se bem que enquadrando-a no espírito construtivo mais de nossos dias. A avenida 9 de Julho, com o seu duplo e irrepreensível túnel do mesmo nome, é uma surpresa maravilhosa para os olhos do "touriste", que ali vai encontrar, não uma simples avenida, mas um bairro inteiro, de ricas construções. Mas o centro, onde os "arranha-céus" se intensificam, no setor comercial por excelência, é por sua vez uma réplica às mais arrojadas capitais modernas, com a febre de suas construções e o arrôjo de seus empreendimentos urbanísticos.

Novos e suntuosos cinemas, sensível remodelação na fisionomia geral da cidade, com a abertura de importantes casas comerciais, vitrinas elegantíssimas, casas de chá, tudo vale por um índice do dia-a-dia sempre mais acentuado da terra bandeirante.

As fotografias insertas nestas páginas são uma pequena amostra. O que na verdade está sendo o São Paulo de 1945 é preciso visitá-lo demoradamente para bem o sentir.

Outro flagrante da avenida 9 de Julho, vendo-se o túnel de igual nome.



Para as manhãs frias

O bolero está novamente em moda, e esse que Evely Keyes nos apresenta é sem dúvida bastante interessante. A saia e o bolero são feitos em lã preta, e a blusa é de seda estampada com fundo azul.



E' Ramsay Ames, da RKO, quem nos apresenta este modelo bem esportivo, constituído de saia e colete de lã cinza e casaco reto de lã vermelha. Miss Ames usa nos bolsos do colete uma grossa corrente. Arrematando o conjunto, um lenço de grandes "pois".





Para as manhãs frias, Jinx Falkenburg, essa elegante estrêla da Columbia, sugere um "tailleur" de lã azul marinho, com botões de pedrarias. Sôbre os ombros um grupo de nervuras. Saia com dois grandes machos na frente e lisa atrás.

O OUTRO CRIME

Novela de
ROBERT LEE



— Meu Deus!
Não conteve a exclamação. O inspetor levantou os olhos do caderno de notas, e perguntou:
— Lembrou-se de alguma coisa, Mr. Carew?
— Mas éle, com um esforço, conseguiu dominar-se.
— Não foi nada. Eu estou muito perturbado... Nunca havia matado um homem...

O inspetor fez um gesto de compreensão e simpatia.
— Não havia outro remédio...
— De acôrdo. Mas isso, de forma alguma, me alivia...

O inspetor, porém, estava impaciente. Sabia perfeitamente que éle deveria estar nervoso, mas tinha seu trabalho a fazer e era preciso continuar o interrogatório.

— Escute, Mr. Carew, eu acho que o senhor já disse tudo o que poderia dizer e deve ir repousar um pouco. Porém...

— Duvido muito que consiga repousar, com essas preocupações...

— De qualquer forma, deve tentar conciliar o sono. Falarei ao médico da polícia. Ele lhe dará um sedativo.
— Obrigado.

— Um momento. Antes de despedir-me do senhor queria reler as suas declarações, e obter a sua assinatura.
— Perfeitamente.

— Vejamos. Ah! Aqui está. "Às dezoito horas do dia quatorze de julho de 1936 eu Henry Carew, prestei à polícia do Estado de Califórnia as seguintes declarações: ontem à noite ia recolher-me, quando ouvi um ruído no quarto contíguo ao meu, onde dorme minha esposa, Marian Carew. Naturalmente julguei que fôsse ela. Aconteceu porém que, mais tarde, ouvia distintamente o ressonar de Marian e ainda um rumor de passos se fazia ouvir. Imediatamente, levantei-me e aproximei-me cautelosamente da porta de comunicações. Mal chegara próximo a esta quando reparei que o trinco estava girando e que estavam tentando abri-la. Escondi-me atrás da porta, armado de um revólver que retirara da minha mesa de cabeceira, onde o guardava. Achava necessário possuir uma arma pois vivemos a grande distância de qualquer habitação. Armado portanto de um revólver, esperei que se abrisse a

porta. Um homem entrou no quarto e dirigiu-se para a cama. Ia também armado, mas eu estava atrás dêle e, portanto, tinha vantagem. Ordenei-lhe que parasse e largasse a arma. Ele não obedeceu. Virou-se repentinamente e fez fogo contra mim. A bala passou por cima de minha cabeça e foi cravar-se na parede fronteiria. Imediatamente atirei. O homem caiu, com um grito. Minha esposa, que acordara com o ruído, chegou a tempo de presenciar tudo. Viu o homem virar-se e atirar contra mim. Viu-me matá-lo. Mais tarde descobrimos uma escada encostada à parede, pelo lado de fora, que dava acesso à janela do quarto dela, que se achava aberta, pois era nosso hábito dormir assim. Logo após vesti-me e, acompanhado de minha esposa, dirigi-me para a garagem. Era minha intenção procurar o policial mais próximo e entregar-me a éle. Porém o carro estava irremediavelmente danificado. Alguém quebrara várias peças insubstituíveis. Por isso fui obrigado a deixar minha esposa em casa e vir a pé até êsse pôsto, onde me entreguei ao inspetor Graham."

— Está tudo em ordem.

— Nesse caso tenha a bondade de assinar.

Graham notou que a mão dêle tremia. Mas afinal, dadas as circunstâncias, já era de esperar.

Depois de assinada a declaração, Graham disse:

— O senhor vai ter que ficar prêso, mas asseguro-lhe que se trata apenas de uma formalidade. E' somente até o dia do julgamento. Tentaremos apressá-lo.

— Não me preocupa isso. Queria pedir-lhe somente que mandasse me avisar quando minha esposa chegar...
— Pois não. Já partiu um carro da polícia para buscá-la.

— Muito agradecido.

A caminho da cela éle trocou umas palavras banais com o guarda, que fez o possível para o seu conforto, mas uma coisa, uma ideia o obcecava. Ao ouvir as palavras

do inspetor, éle estremeceu. E ninguém sabia a razão disso. Entretanto...

O guarda ficou surpreso, pois ao entrar na cela para avisá-lo de que a esposa chegara encontrou-o dormindo, um sono de exaustão. Sobre a mesa havia um pedaço de papel com as palavras:

— Como? Quando? Onde? Por que?

E éle repetia as palavras, no seu sono.

— Não é possível! Não é possível!
Lutava para livrar-se daquela ideia. Mas não conse-

(Continua na pág. 44)



AQUELA NOITE "ATLÂNTICA..."

Como tudo se transforma na face da terra e... como dizem os ingleses que "a variedade é o sal da vida", voltamos como o filho pródigo depois de longa ausência para ver como foram bem compreendidas essas verdades.

Mudança radical. Já não existem os espelhos. Nem o reflexo dos lustres de cristal. Nem o brilho do cetim azul. A pista alta já não é a característica daquele salão.

Tudo foi renovado. Mas... em compensação temos um ambiente sóbrio, distinto, elegante.

Predominância de branco. Luzes mais claras, mais jovens. Uma cortina muito leve, muito vaporosa, muito verde, enfeitando a cena fixa.

Em suma, um ambiente em que a diversão pode ser sadia. Que desagrada todos aqueles que procuram numa "bolte" o ar viciado e escuro que sempre sugere infelicidade, miséria...

Um local onde nos encanta a tristeza da voz de Adelina Garcia, onde a graça de Eileen O'Brien com suas tranças loiras e as suas piruetas nos anima e onde a sociedade carioca se mistura ao mundo cosmopolita que vive atualmente na Cidade Maravilhosa.

ELZA



O OUTRO CRIME

Novela de
ROBERT LEE



— Meu Deus!

Não conteve a exclamação. O inspetor levantou os olhos do caderno de notas, e perguntou:

— Lembrou-se de alguma coisa, Mr. Carew?

— Mas êle, com um esforço, conseguiu dominar-se.

— Não foi nada. Eu estou muito perturbado... Nunca havia matado um homem...

O inspetor fez um gesto de compreensão e simpatia.

— Não havia outro remédio...

— De acôrdo. Mas isso, de forma alguma, me alivia...

O inspetor, porém, estava impaciente. Sabia perfeitamente que êle deveria estar nervoso, mas tinha seu trabalho a fazer e era preciso continuar o interrogatório.

— Escute, Mr. Carew, eu acho que o senhor já disse tudo o que poderia dizer e deve ir repousar um pouco. Porém...

— Duvido muito que consiga repousar, com essas preocupações...

— De qualquer forma, deve tentar conciliar o sono. Falarei ao médico da polícia. Êle lhe dará um sedativo.

— Obrigado.

— Um momento. Antes de despedir-me do senhor queria reler as suas declarações, e obter a sua assinatura.

— Perfeitamente.

— Vejamos. Ah! Aqui está. "Às dezoito horas do dia quatorze de julho de 1936 eu Henry Carew, prestei à polícia do Estado de Califórnia as seguintes declarações: ontem à noite ia recolher-me, quando ouvi um ruído no quarto contíguo ao meu, onde dorme minha esposa, Marian Carew. Naturalmente julguei que fôsse ela. Acontece porém que, mais tarde, ouvia distintamente o ressonar de Marian e ainda um rumor de passos se fazia ouvir. Imediatamente, levantei-me e aproximei-me cautelosamente da porta de comunicações. Mal chegara próximo a esta quando reparei que o côco estava girando e que estavam tentando abri-la. Escondi-me atrás da porta, armado de um revólver que retirara da minha mesa de cabeceira, onde o guardava. Achava necessário possuir uma arma pois vivemos a grande distância de qualquer habitação. Armado portanto de um revólver, esperei que se abrisse a

porta. Um homem entrou no quarto e dirigiu-se para a cama. Ia também armado, mas eu estava atrás dêle e, portanto, tinha vantagem. Ordenei-lhe que parasse e largasse a arma. Êle não obedeceu. Virou-se repentinamente e fez fogo contra mim. A bala passou por cima de minha cabeça e foi cravar-se na parede frontal. Imediatamente atirei. O homem caiu, com um grito. Minha esposa, que acordara com o ruído, chegou a tempo de presenciar tudo. Viu o homem virar-se e atirar contra mim. Viu-me matá-lo. Mais tarde descobrimos uma escada encostada à parede, pelo lado de fora, que dava acesso à janela do quarto dela, que se achava aberta, pois era nosso hábito dormir assim. Logo após vesti-me e, acompanhado de minha esposa, dirigi-me para a garagem. Era minha intenção procurar o policial mais próximo e entregar-me a êle. Porém o carro estava irremediavelmente danificado. Alguém quebrara várias peças insubstituíveis. Por isso fui obrigado a deixar minha esposa em casa e vir a pé até esse posto, onde me entreguei ao inspetor Graham."

— Está tudo em ordem.

— Nesse caso tenha a bondade de assinar.

Graham notou que a mão dêle tremia. Mas afinal, dadas as circunstâncias, já era de esperar.

Depois de assinada a declaração, Graham disse:

— O senhor vai ter que ficar preso, mas asseguro-lhe que se trata apenas de uma formalidade. E' somente até o dia do julgamento. Tentaremos apressá-lo.

— Não me preocupa isso. Queria pedir-lhe somente que mandasse me avisar quando minha esposa chegar...

— Pois não. Já partiu um carro da polícia para buscá-la.

— Muito agradecido.

A caminho da cela êle trocou umas palavras banais com o guarda, que fez o possível para o seu conforto, mas uma coisa, uma ideia o obcecava. Ao ouvir as palavras

do inspetor, êle estremeceu. E ninguém sabia a razão disso. Entretanto...

O guarda ficou surpreso, pois ao entrar na cela para avisá-lo de que a esposa chegara encontrou-o dormindo, um sono de exaustão. Sobre a mesa havia um pedaço de papel com as palavras:

— Como? Quando? Onde? Por que?

E êle repetia as palavras, no seu sono.

— Não é possível! Não é possível!
Lutava para livrar-se daquela ideia. Mas não conse-

(Continua na pág. 44)



AQUELA NOITE "ATLÂNTICA..."

Como tudo se transforma na face da terra e... como dizem os ingleses que "a variedade é o sal da vida", voltamos como o filho pródigo depois de longa ausência para ver como foram bem compreendidas essas verdades.

Mudança radical. Já não existem os espelhos. Nem o reflexo dos lustres de cristal. Nem o brilho do cetim azul. A pista alta já não é a característica daquele salão.

Tudo foi renovado. Mas... em compensação temos um ambiente sóbrio, distinto, elegante.

Predominância de branco. Luzes mais claras, mais jovens. Uma cortina muito leve, muito vaporosa, muito verde, enfeitando a cena fixa.

Em suma, um ambiente em que a diversão pode ser sadia. Que desaponta todos aqueles que procuram numa "boite" o ar viciado e escuro que sempre sugere infelicidade, miséria...

Um local onde nos encanta a tristeza da voz de Adelina Garcia, onde a graça de Eileen O'Brien com suas tranças louças e as suas piruetas nos anima e onde a sociedade carioca se mistura ao mundo cosmopolita que vive atualmente na Cidade Maravilhosa.

ELZA





"Pergunto: poderá haver, no Brasil, renovação artística com esta mentalidade de ganho certo?", é a interrogação que Dirceu Quintanilha faz ao redator, depois de uma série de considerações em torno do problema editorial.

UM JOVEM FALA DE POESIA

N O oceano revolto das letras nacionais, onde os nomes se entrecrocavam no divergir de idéias, não será de causar espanto que um jovem dotado de respeitável parcela de valor, enfrentando tôdas as vagas e vagalhões que porventura subsistem à voracidade do tempo, venha de público tecer considerações sobre determinados problemas que tanto afetam os novos, além de fazer observações curiosas sobre a poesia, analisando com muita propriedade todos os fatores que se antepõem à sua própria existência e que têm dado margem a que muitos exclamem, com tôdas as forças de seus pulmões não contaminados pelo bacilo de Koch, que a poesia morreu.

Esse moço de talento, retraído por índole, quase não comparecendo aos suplementos dominicais, nem tampouco formando no meio daqueles que erguem "igrejinhas" para propaganda exclusiva, à custa de seu próprio sacrifício, não há muito publicou um livro de poemas a que deu o título "Canções dos Mares do Sul". É um doce colóquio com a beleza tropical desses ilhotas perdidas na imensidão do mar agitado perturbado pelo rugir dos canhões... É um passeio maravilhoso pelas águas do Pacífico, onde as mulheres nos falam de amor diferente... É um solilóquio profundo com as ondas sempre calmas daquelas paragens onde a fumaça do cachimbo do marinheiro Peter tem um aroma diferente.

Mas ainda não tocamos no nome do personagem central desta reportagem que em nada se assemelha às novelas radiofônicas. Aqui a história é diferente. Bem diferente. Chama-se Dirceu Quintanilha. Tem profissão. Nem de leve pensa em ouvir estrêlas, a não ser as do éter. Tem um novo livro em preparo, devendo lançá-lo neste mês. É formado em medicina.

Como estreante nas letras Dirceu Quintanilha nem por isso deixa de possuir uma opinião segura sobre o problema editorial, verdadeiro trampolim para os que desejam publicar um livro. Ele acha que ainda estamos na fase dos receios por parte dos editores no que diz respeito ao estreante. O geral, entre nós, é a recusa sistemática em benefício dos autores mais velhos, de público certo. É muito difícil encontrarmos alguém capaz de empatar dinheiro em benefício de uma estréia, em benefício de algum volume que as críticas pessoais extra-imprensa favoreceram. O passado anda cheio de exemplos. Augusto dos Anjos é um caso vivo. Moacir de Almeida, a primeira edição foram os amigos que a fizeram. No presente, Almeida Fischer com os seus "Horizontes Noturnos", e Floriano Carlos Martins Pires com as suas "Mensagens da Água Furtada". Este último ressuscitando o próprio passado nos seus poemas em moldes antigos mas impregnados de uma arte sincera e máscula. Que resulta de tudo isto? Apenas a triste estagnação no setor literário. O teatro, por sua vez, é um círculo de aço. Fora de Joraci Camargo, Ernani Fornari, Raimundo Magalhães e alguns outros, os empresários estremecem de medo com as peças inéditas dos que aspiram ao gênero. Peças boas quase tôdas. Pergunto: poderá haver, no Brasil, renovação artística com essa mentalidade de ganho

certo? Bem sei que existem concursos e prêmios instituídos. Mas serão suficientes? Por que não se tirar deste lucro, à custa da inteligência alheia, uma parcela mínima em benefício da nova geração? Renovar é uma necessidade biológica. Com as transformações políticas anunciadas, novos rumos talvez sejam tomados. Acredito. Será um passo de gigante no reerguimento da literatura brasileira.

QUANDO A POESIA APARECE

Autor de um livro de versos a que Alvaro Moreyra não se negou prefaciá-lo, Dirceu Quintanilha tornou-se uma figura simpática à musa, embora seu lirismo não chegue a nos fazer lembrar Bilac. Criador de bonitas imagens, seus versos trazem contudo a angústia da hora presente, em que milhares de homens lutam nos campos da Europa contra a hidra nazi-fascista, o que vem justificar sua opinião sobre a poesia. Para ele...

— Ela reflete as transformações da época. É uma necessidade. Apenas para ser sincera, deve ser feita pelos que têm a estrutura da poesia social. Forçar, para espanto do público, tal modalidade de arte poética, seria matá-la no que ela tem de melhor; a reação contra as desigualdades e os desequilíbrios sociais daí decorrentes. Caminhemos para um fim incontornável. E qualquer manifestação artística no sentido deste fim será útil. O artista, mais do que ninguém, deve penetrar fundo na miséria e tirar, da experiência empreendida, as reivindicações necessárias. Ele deve ser sincero acima de tudo. Porque o tempo é um selecionador intransigente. Gostaria de lembrar uma estréia auspiciosa: Jorge Medeiros. E seria uma injustiça negar a J. G. de Araújo Jorge a sua colaboração neste sentido. Bem sei das mudanças políticas do autor de "Canto da Terra". Ele segue, entretanto, um velho conceito de Nordau: o conceito das mudas que as serpentes sofrem no decorrer dos anos. Felizmente nós o temos deste lado.

— E sobre a poesia moderna?

— Modernismo, para os autores modernistas, não seria apenas a quebra da rima e da métrica. Seria o exagêro, a obscuridade, o surrealismo mental. Resultou daí a reação da crítica. Exterminava-se do dia para a noite o arcabouço, isto é a emoção poética. A arte sem este fator não resiste ao tempo. Ela é fonte de água pura brotando sem esforços, correndo naturalmente por força de uma necessidade que escapa aos dissecadores. Arte é espontaneidade.

Dirceu cita nomes de valor na poesia, inclusive o de um imortal, o que nos leva a procurar saber sua opinião sobre a Casa de Machado de Assis. O jovem intelectual sorri da nossa indiscreção, e procura desvirtuar a conversa para outro assunto. Insistimos. Vendo a impossibilidade de fugir ao caso, ele termina por dizer que...

— A Academia de Letras seria o ponto final. Seria a consagração definitiva. Infelizmente as coisas não se processam assim. Há muita gente boa do lado de fora. E há muita gente ruim lá dentro... E há também esta coisa terrível que se chama "bastidor". O "bastidor" é o atraso, a glorificação de falsos valores, a mistificação.

O PRIMEIRO CONTACTO COM AS LETRAS

A palestra do jovem escritor é fértil. Não se deixa prender a um determinado assunto, o que em geral provoca o interesse de quem o ouve. Assim, depois de discorrer sobre várias coisas, ele nos conta como se deu o seu namôro com a literatura.

— Meu primeiro trabalho publicado data de muito tempo. Era um jornal de estudantes que a polícia fechou. Existia, também, um Centro. Atravessávamos a época de francas hostilidades. O jornal morreu sem que eu pudesse comparecer ao enterro. Mais tarde, por intermédio de A. C. Calado — hoje em Londres — publiquei alguma coisa no "Correio da Manhã". Seguiram-se outros trabalhos no "Jornal do Brasil". Foi quando conheci Alvaro Moreyra. Diria melhor o amigo Alvaro Moreyra. Em "Dom Casmurro", durante quase sete anos, fiz amigos de primeiro quilate: Leonidas Lacerda, Heliodoro Reis, Alcantara Nogueira e tantos outros. E por que não citá-lo, meu caro Migueis? Vizinhos de coluna e somente nos conhecendo pessoalmente agora. Fiz depois a experiência teatral. Três peças. Uma delas, a mais infeliz, "Mercado de sentimentos", ia ser montada por Delorges Caminha. Infelizmente aquele artista ingressou no rádio e terminou a temporada antes do tempo. Acredito que o público não tenha perdido grande coisa.

Continuando a falar de sua amizade com as letras, Dirceu Quintanilha expõe seus planos futuros, avisando-nos que pretende escrever dois livros se até lá não morrer. Um, sobre medicina. O outro, um apanhado da vida elegante, das aspirações estranhas da "boa gente", dos salões, da inutilidade desta coisa que se chama "mundanismo". Para isso vai colhendo material na medida do possível. Acredita mesmo que após esta confissão pouca coisa restará... Em contraste, a agitação do trabalhador no subúrbio, onde vive, luta e pretende acabar um dia. Obra social? Talvez. Mas fugindo sempre do lugar comum das descrições diretas em estilo panfleto.

Tem um livro no prelo, "Roteiro Perdido". Talvez complete o ciclo da poesia. A poesia em Dirceu Quintanilha foi obra do acaso. Gosta do gênero. E creio mesmo que a poesia continua cada vez mais viva. A própria agitação da vida moderna não conseguirá esmagá-la. Poesia está em todos. Tentou uma experiência: a união do passado com o presente. Nem os excessos da corrente modernista, nem o lirismo doentio de outros tempos. Gostaria também, quando o tempo sobrar, de escrever um pequeno ensaio sobre Raul de Leoni.

A propósito de seu ingresso na medicina, o jovem poeta explica-nos que...

Uma reportagem de
ARMANDO MIGUEIS

A guerra chegou mesmo a seu fim. Após anos de indecisão as armas aliadas, levadas agora ao coração da Alemanha, dão as últimas arrancadas ao encontro da vitória final. Quão longe de nós estão hoje os dias negros da batalha de Stalingrado, quando os olhares de todo o mundo civilizado estavam presos nas paredes derruidas daquela praça de guerra! E como vão longe também, já perdidas na distância dos tempos e no torvelinho dos acontecimentos, aquelas frases pomposas do ex-Duce Benito Mussolini: "Todos pensavam que Madrid seria o túmulo do fascismo. Mas a Espanha é hoje o túmulo da Democracia apodrecida e do comunismo judaico. Iremos agora para a frente sem parar, mesmo que seja necessário fazer uma tábula rasa de tudo o que se chama vida civilizada". Assim falava o Duce em 1939. Agora, os russos a poucos quilômetros do centro de Berlim, Hitler volta a dar ao mundo a palavra do nazismo num discurso choroso e lamuriendo. E' o fim. O fascismo morreu, e o seu epitáfio foi escrito nas ruas esburacadas de Stalingrado.

Agora já não há mais salvação possível para os tiranos. Os que ficaram procuram ainda um lugar ao sol,

A GUERRA EM MARCHA

aproximando-se sorrateiramente dos vencedores, como lobos malévolos, para beijar-lhes os pés. E os que ontem apregoavam a vitória da força poderosa da Grande Alemanha sobre as democracias decadentes, voltam-se hoje contra seus antigos patrões, procurando a simpatia dos vitoriosos. E não se pejam em atirar lama às faces dos homens a que ainda ontem pediam a bênção.

Mas agora é tarde. O mundo marcha, par a par com as tropas aliadas, para uma perfeita ordem social, onde

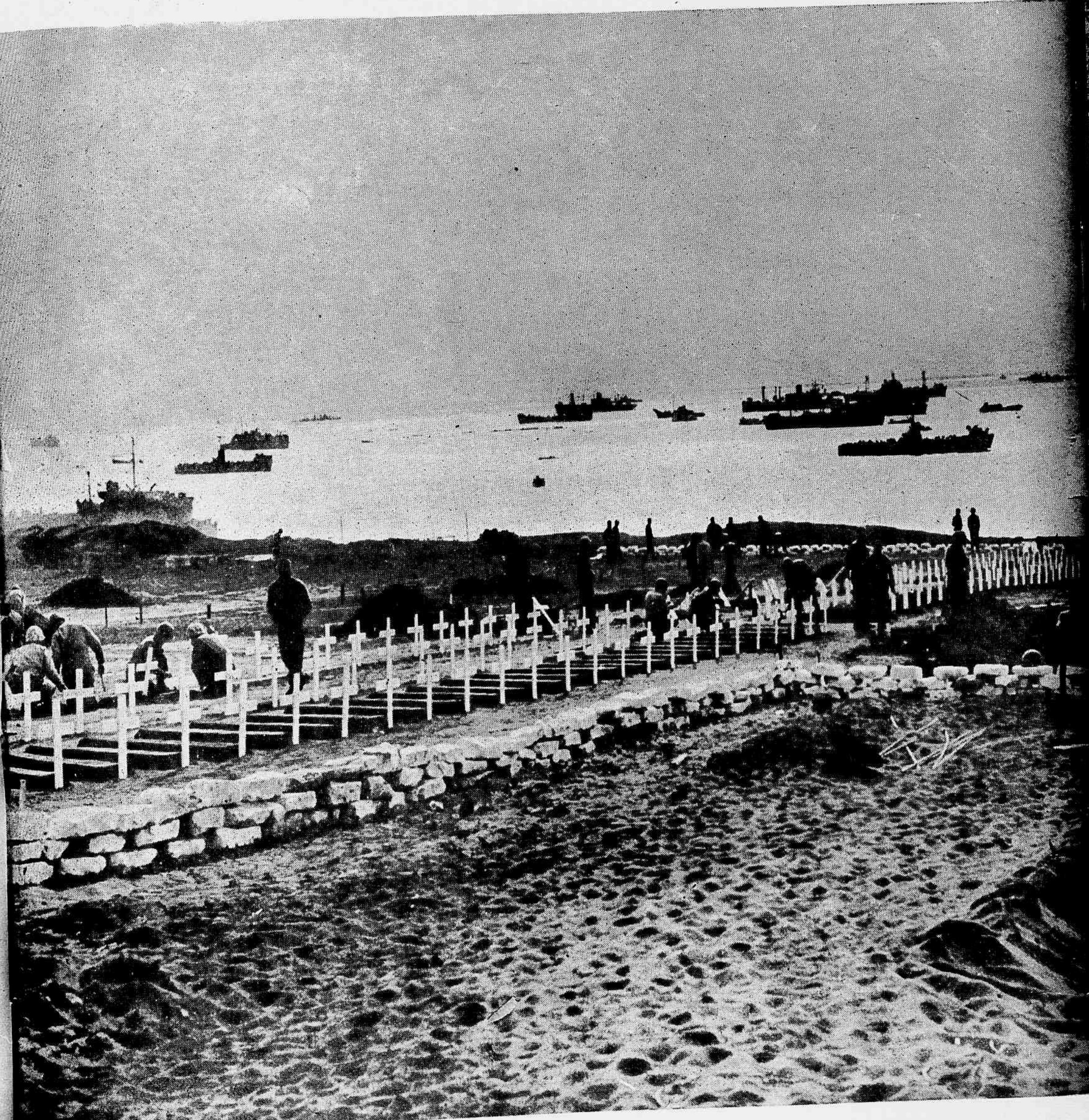
haja justiça para todos e onde a liberdade dos povos seja assegurada pela inexistência de exércitos e milícias ameaçadores. No mundo de após-guerra não haverá lugar para camisas coloridas, nem para os garrotes inquisitoriais.

Por isto é que achamos oportuno lembrar aqui as palavras de Mussolini, no dia em que as tropas fascistas entravam na capital espanhola.

Hoje o grande Duce está calado. Mas as suas frases ameaçadoras, os seus projetos de fazer "uma tábula rasa de tudo o que se chama vida civilizada" deve estar permanentemente na cabeça de quantos combatem hoje o nazifascismo. E aos soldados da libertação, àqueles que primeiro entrarem em Berlim, cumpre firmarem-se em suas posições e gritar bem alto o que representou o seu suor e o sangue de seus irmãos de armas. Eles, estamos certos, saberão ganhar a paz, como ganharam a guerra. E' neles que depositamos as nossas esperanças.

Sim, pois temos a certeza de que eles, melhor que ninguém, sabem perfeitamente que a primeira batalha desta guerra não foi a invasão da Polônia, e sim o avanço nazista sobre Madrid.

CEMITERIO NAVAL NORTE-AMERICANO — Demos, em edição anterior, flagrantes fotográficos de um cemitério na Itália, onde são sepultados os expedicionários brasileiros mortos no campo da luta. Aqui está outro local de sepultamento, este dos fuzileiros navais "yankees" mortos na batalha para a captura da ilha de Iwo Jima, onde perderam a vida quatro mil homens. Como se vê, o cemitério está situado à beira-mar. Uma cruz, uma ligeira inscrição, um número e o respeito à memória de um bravo, a tanto se resume o que resta de cada fuzileiro.



érie

A

ia a
pro-
E há
colsa
raso,

deixa
pro-
dis-
leu o

multo
chou.
ca de
desse
A. C.
sa no
"Jor-
Dira
turro",
ulite:
ira e
guels?
mente
Uma
mon-
sta in-
tempo.
coisa.
s, Dir-
do nos
r. Um,
gante,
es, da
Para
credita
... Em
onde
Talvez,
diretas

z com-
tanilha
que a
gitação
a está
assado
ernista,
também,
enscio

jovam

48)



O CASAMENTO DE UM CINEGRAFISTA BRASILEIRO NA ITÁLIA — O cinegrafista Fernando Stamato, que desde a primeira hora acompanha as tropas expedicionárias patricias na Itália, conheceu em Pistoia a sta. Rossena Bonfanti. Enamoraram-se e o casamento teve lugar nos primeiros dias de abril, como se vê na gravura superior. A cerimônia realizou-se na igreja de San Vitale, pelo capelão-chefe da F. E. B., tenente-coronel João Pheeny Silva.

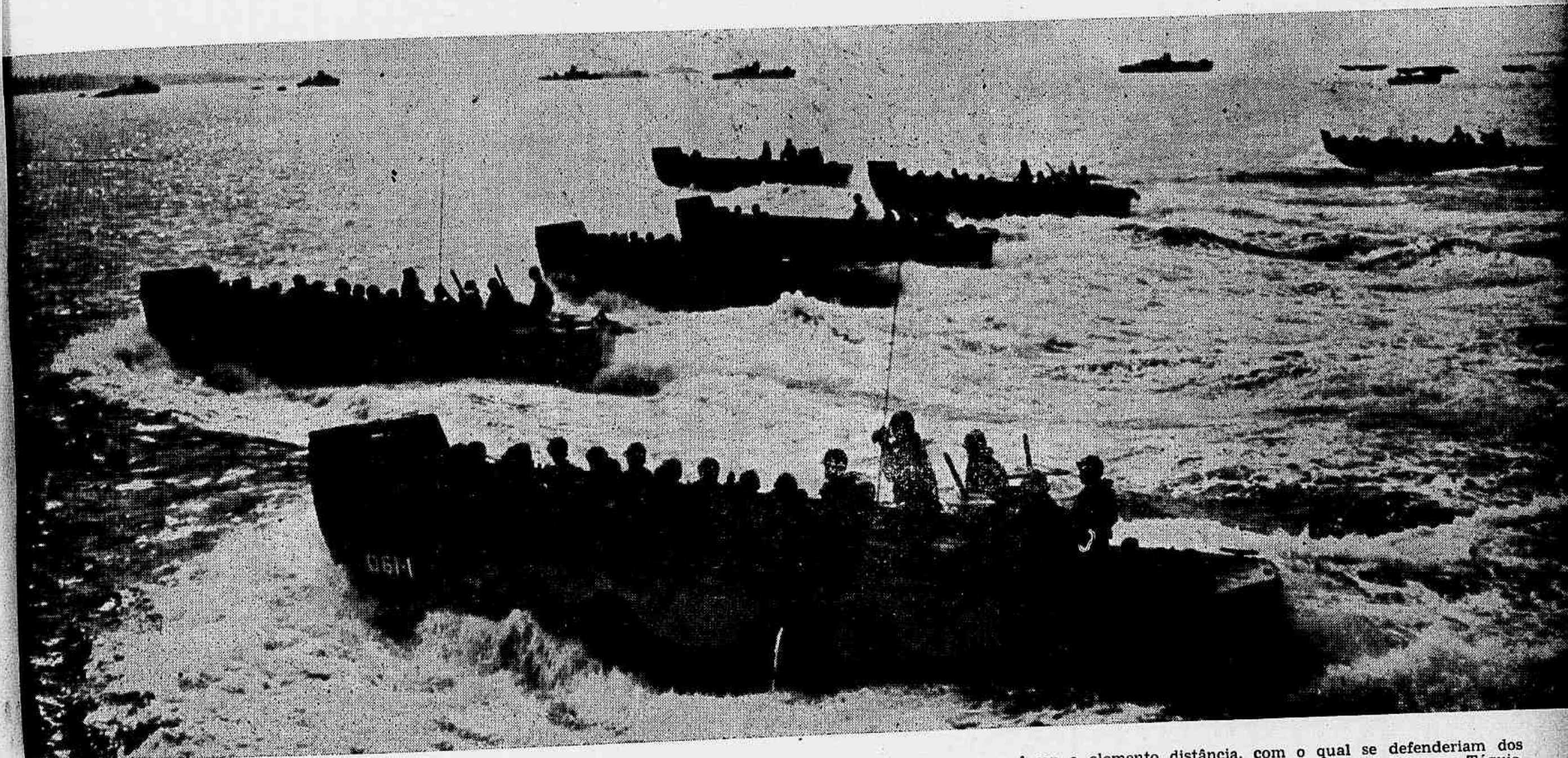
(Fotos do Serviço de Informações do Hemisfério)

OS NOIVOS PÔSAM PARA A POSTERIDADE... — O casal Fernando Stamato, depois do casamento realizado na igreja católica da paróquia de San Vitale, põsa para outros fotografos brasileiros. Outros vários soldados patricios têm repetido a façanha de Stamato, constituindo família em terras italianas, onde os brasileiros são recebidos como gente amiga e camarada.

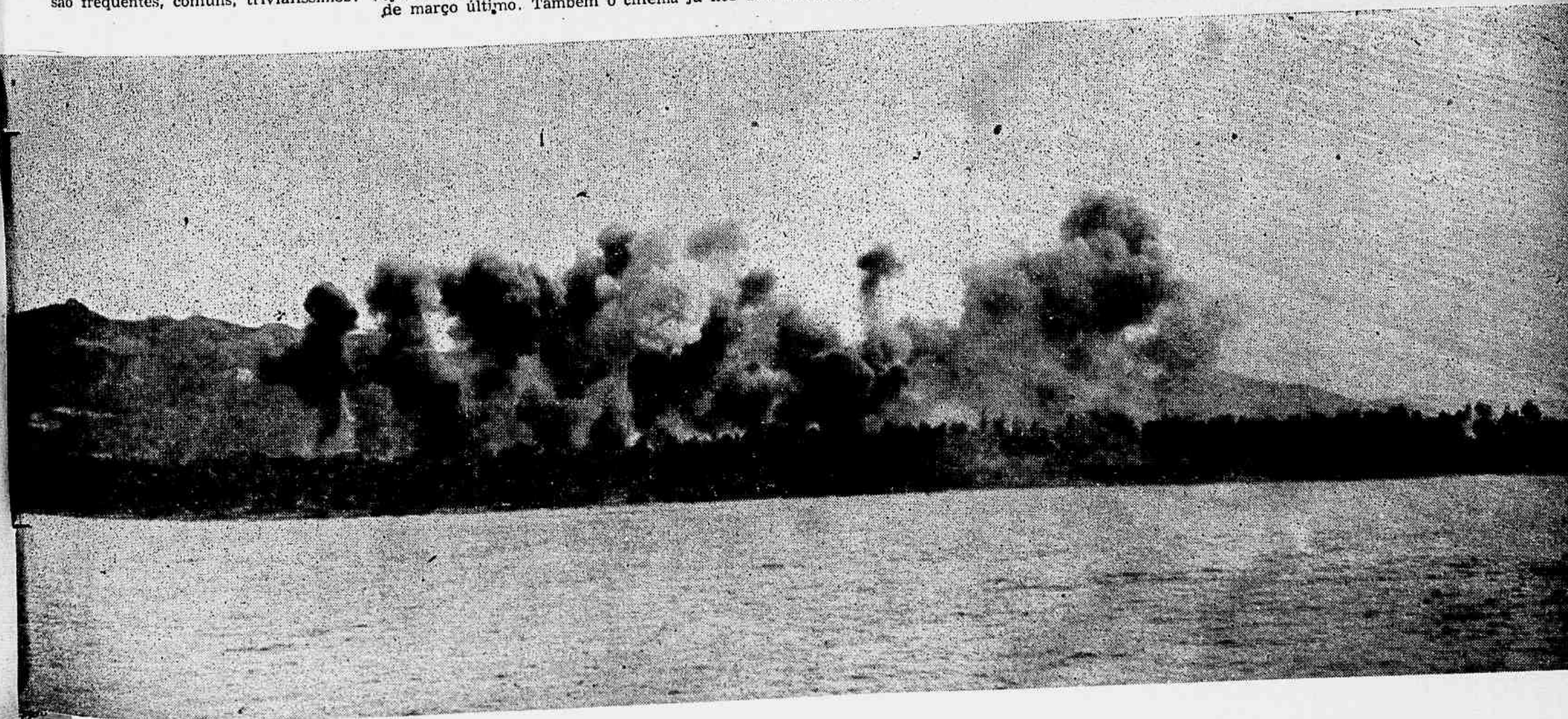
N. da R. — Quando encerrávamos os trabalhos desta edição, os jornais publicavam um despacho telegráfico da Itália, dando notícia de ter sido Fernando Stamato ferido quando no exercício de suas funções cinematográficas. Providencialmente, sofreu apenas ferimentos leves.

A CIDADE DE NAHA — Vista aérea da cidade de Naha, capital da ilha de Okinawa, durante o bombardeio de preparação para o desembarque. A ilha faz parte do grupo das Kyukiu, distante 325 milhas do território metropolitano japonês, onde se desenvolveu renhida luta na qual se empenharam as tropas americanas, que por fim levaram a melhor.

DESEMBARCANDO NA ILHA DE MINDANAO — Nossos olhos estão habituados já aos espetáculos fantásticos — verdadeira expressão do belo-horrível — dos bombardeios das ilhas filipinas. Seriam deslumbrantes quadros pirotécnicos se na realidade não se tratasse de brutais e devastadores ataques, mas imprescindíveis para arrasar com o poderio nipônico. Veja-se na gravura abaixo um flagrante do desembarque das barcas transportando soldados do 6.º grupo anfíbio do exército norte-americano para a ilha de Mindanao, nas Filipinas. Eles vão convenientemente preparados para o que der e vier. E saíram-se a contento...



BOMBARDEANDO AS FILIPINAS EM GRANDE ESCALA — Os generais japoneses estavam certos de terem a seu favor o elemento distância, com o qual se defenderiam dos americanos do norte. Mas Tio Sam preparou-se de tal modo que as distâncias se encurtaram. E hoje os bombardeios às Filipinas, numa preparação de largo alcance, rumo a Tóquio, são frequentes, comuns, trivialíssimos. Veja-se este quadro imponente. A fumaça produzida pelo bombardeio de preparação para o desembarque na ilha de Mindano, no dia 10 de março último. Também o cinema já nos deu a repetição dessa notável reportagem animada.





TINTURA FLEURY

DÁ VIVÊNCIA
AO SEU CABELO

Em poucos minutos a vida natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 localidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agrada.

APLICAÇÃO FACILÍSSIMA:

Para as suas mãos sempre secas, toques as infusões e solenemente a infusão sobressaça de água de Fleury, que distribuímos grata.

UNICÓDIA, APLICADOR E VENDEDOR: Rua 7 de Setembro, 41 - 2º. Ed. 25

Nome

End.

Cidade

Estado



PARA AS ROUPAS DO BEBÊ, UM SABÃO INOFENSIVO

As roupas de criança, por sua delicadeza, não podem ser lavadas com qualquer sabão. Elas precisam de um sabão que as limpe sem estragá-las — e que não vá produzir irritações na pele tenra do bebê. O Sabão MINERVA reúne estas duas qualidades. É um sabão barato porque protege o que lhe é caro.

Sabão MINERVA



McCann



PRODUTO DA COMPANHIA GESSY INDUSTRIAL

Livros

A revista semanal de Aroldo de Azevedo — Zélio Varella, editor — Rio de Janeiro, 1945

A GREVE



Uma controvérsia com os centros avançados, recebendo-lhes os jornais, os livros, a indústria progressiva. Enfim, muitas vezes o que parece impossível é pura realidade e de certo o Sr. Omar Gomes procura informar, documentar-se escrupulosamente.

A certa altura resolvem os dois comandantes montar uma fábrica de tecidos mais rentável ainda que o monopólio e a exportação da matéria-prima; e para isso tornam-se associados, qual dinamo seu completo, outra espécie de comandante: um coronel da Guarda Nacional. Mandam vir da Inglaterra maquinários e um engenheiro especializado para instalar a indústria e pô-la a funcionar. E engajam cerca de quinhentos operários, entre homens e mulheres, ganhando estes de trzentos a quinhentos reis por dia e aqueles o máximo de mil e quinhentos.

Pagando, porém, não os salários, não obtiveram os directores, no primeiro balanço, ganho que lhes parecessem satisfatório; decidiram então aumentar a produção sem melhorar a situação dos operários e estes foram forçados a labutar, com uma hora para o almoço e outra para o jantar, das quatro da manhã às dez da noite. Foram sobretudo as mulheres que sofreram com tal regime: volta e meia, mais uma entusiasmava, ia morrer em casa, no hospital ou a uma esquina — o que, para os patrões, era por completo indiferente. Além disso, tanto o primeiro gerente como o segundo impunham às operárias condições pessoais com a ameaça de serem despedidas: satisfeita, porém, tal exigência, do mesmo modo e à primeira tentativa de reclamação, eram postas na rua. E outra coisa que parece inadmissível é haver na cidade, durante mais de vinte anos, mulheres, moças, que se fossem entregues a este dilema: a tuberculose ou a prostituição.

Final, surge um líder proletário que prepara a greve reivindicadora. Os patrões não acreditam que os paredistas se aguentem além de dois dias, mas enganam-se. E este final da história se precipita em poucas páginas. Solicitado a intervir, o governo do Estado manda um emissário, um bacharel de ideias avançadas, para se ocupar da questão. Os operários são aumentados, obtêm outras vantagens. E, sem que nada tenha acontecido de maior, acaba a greve — e o romance também.

Geografia do Brasil, de Aroldo de Azevedo, tomo II, de acordo com o programa da 4.ª série ginasial — Companhia Editora Nacional — São Paulo, 1945.



O Sr. Aroldo de Azevedo dividiu este livro, em conformidade com o programa escolar, em seis capítulos, a saber: A divisão regional — 1. Conceito de região natural, 2. As regiões brasileiras: A Região Norte, a Região Nordeste, a Região Leste, a Região Sul, a Região Centro-Oeste. Autor já de oito obras do gênero em que se tornou especialista; professor da matéria e sobretudo cultor apaixonado de tal ciência, o Sr. A. Azevedo procede, nas suas exposições, com um método claro e seguro que se impõe à atenção e à confiança do leitor. Tem-se imediatamente a impressão de um trabalho esclarecido e bem orientado, que, sem hesitações nem possíveis equívocos, vai alcançar o seu fim. E da exposição singela, sóbria na forma, sempre directa no sentido, resulta para o leitor a vantagem e o regalo de aprender ou de reconhecer como exatos, no mínimo de tempo e sem, a bem dizer, nenhum esforço, os dados e conceitos que pelas trezentas páginas se distribuem.

O presente volume — diz o autor numa nota explicativa — entrando a série de livros destinados ao curso ginasial, mantém a mesma orientação seguida nos que o antecederam. Em sua organização procuramos demonstrar que, apesar da escassez de trabalhos verdadeiramente geográficos sobre o nosso país, já é possível realizar um estudo da geografia regional dentro de bases modernas. Nêle, mais que no anterior, apelamos para as leituras colocadas ao fim de cada capítulo, no desejo de iniciar os alunos em estudos de detalhes e acostumar-lhes a libertarem-se do âmbito estreito das noções essenciais. Aos professores caberá, naturalmente, multiplicar seu número dentro das possibilidades do programa e do factor tempo. Muitas delas permitem estudos regionais sobre áreas mais restritas, o que também constitui um passo no sentido da melhor compreensão da tarefa do moderno geógrafo: a guisa de simples sugestão, lembramos que no presente volume há elementos para um estudo regional, por exemplo, do Baixo Amazonas, do Nordeste açucareiro, do Recôncavo baiano, da zona de mineração de Minas Gerais, do vale do Paraíba, do planalto paulista, da zona colonial de Santa Catarina, da campanha gaúcha, do pan-anal magro e nê.

E o que constitui uma das virtudes da obra: "Quem tiver ocasião de ler as páginas que se vão seguir, há de sentir que não fugimos à orientação do tomo anterior. Sem procurar esconder as realidades, escrevemo-lo com a mesma fé e a mesma confiança nos futuros destinos do Brasil".

HEMORRHOIDAS? tome
LUC 3518-14-3 925 D.L.S.P.
Encontra-se em todas as farmácias e drogarias.
Plulas de Herva de Bicho
Cesamontinas! Óptimas! Infallíveis!

Novos

VIDAS EM RETALHOS, contos de Maria Carvalhaes — Rio de Janeiro, 1945.

Maria Carvalhaes

VIDAS...
EM RETALHOS



A Sra. Maria Carvalhaes aparece nas letras revelando qualidades deveras valiosas, grandemente merecedoras de animação. A sua estréia deve ser acolhida não com simples benevolência mas festivamente, como se celebra o advento dalguma coisa que vai além da esperança e da promessa, constituindo já positiva afirmação.

Muito moça ainda, a autora das *Vidas em retalhos* dispõe de recursos de análise e de comentário que a cada momento se assinalam para se fazerem apreciar. A experiência da vida e o conhecimento das criaturas se formaram no seu espírito precocemente sem dúvida, nem por isso sem limpidez, ou segurança. Os personagens dos seus contos dão sempre a impressão de indivíduos não apenas fotografados, isto é: vistos por fóra ou superficialmente, mas examinados, porventura surpreendidos nas feições e nos episódios da intimidade. A narradora nos faz conhecer a maneira de pensar e sentir de cada um, sem o propósito de os tornar amáveis ou antipáticos, mas conforme os estudou e agora entende que devem ser. Não quer isto dizer que os dezesseis contos reunidos no volume e formando duzentos e tantas páginas sejam integralmente à *clef*. Provirão alguns de casos acontecidos no mundo de relações que a Sra. Maria de Carvalhaes frequenta ou nos meios de que directamente acompanha o espectáculo quotidiano; ela, porém, os afeiçoou à sua maneira ou, pelo que lhes acrescentou de si mesma, os tornou seus. Obras como esta podem ser "verdadeiras", sem a condição forçosa da realidade. Como emprega a observação, a Sra. Carvalhaes se vale da imaginação. Faz romance e faz poesia. Nunca, porém, que se deduza destas páginas, deixa de ser verídica e leal consigo mesma. A rigor, a nove lista sente tudo aquilo que os seus heróis padecem ou gozam, nas variantes incertas, caprichosas, da vida. Por estas páginas se desenrola, do início ao desfecho, a história de amores que o destino abençoou sempre ou desde logo implacavelmente condenou; uniões e separações de almas que bem se compreenderam ou umá à outra se enganaram, se cada qual a si própria se não iludiu; arrebatamentos de paixão ou serenos, citosos enlevos; certezas, dúvidas, temores, desesperos... E tudo é tratado num estilo franco, independente, um tanto precipitado por vezes, em outras passagens insistente de mais talvez, mas que ainda atesta e em que ainda domina a sinceridade da escritora.

LE THÉÂTRE MODERNE ET LE BRÉSIL, série de lições do professor Fortunat Strowski na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil — Rio de Janeiro, 1945.

LE
THÉÂTRE MODERNE
ET
LE BRÉSIL



Ninguém mais autorizado para tratar de teatro do que o Sr. Fortunat Strowski. A sua cultura na matéria, como em outros ramos do pensamento humano, abrange todas as épocas, escolas, influências, tendências e apreciáveis realizações. Durante alguns anos exerceu a crítica teatral num dos mais brilhantes e vivazes diários da capital francesa: *Paris-Midi*, e escrevendo geralmente a sua crônica depois do espectáculo para sair no dia seguinte, ou, mais propriamente falando, no mesmo dia. Só este exercício, da maneira elevada e erudita como o Sr. Strowski o praticava, bastaria para lhe dar a clarividência mais apurada e a mais destreza prontidão de critério. Além disso, trata-se dum destes escritores, estes críticos que não trabalham por simples profissão nem apenas pela propensão intelectual, mas porque deveras amam a arte, a incluem nas suas afeições mais sinceras e extremas. Querem-lhe bem, tal a uma irmã ou uma filha; por ela fazem o que podem, inclusive se sacrificam; e, quando são obrigados a castigar aqueles que a servem ou interpretam, com isso se afligem muito mais que os maus servidores ou os intérpretes sem dignidade. Finalmente, o Sr. Fortunat Strowski é de natureza, de essência, um mestre. Tem a paixão de ensinar. Se, porém, tivéssemos certeza de não haver alguma espécie, involuntária embora, de irreverência, diríamos que, acima da literatura geral, da história, da filosofia, lhe interessa ministrar aos alunos idéias e noções de teatro. E no melhor sentido o comparáramos ao crítico pontifical Francisque Sarcy, o velho "tio Sarcy", o qual, chegando ao Paraíso — ao que humoristicamente nos conta Octave Mirbeau — iria logo perguntando ao porteiro São Pedro estupefacto: — Onde é que há hoje, por aí, uma primeira representação?

Da lição inicial do presente volume consta o seguinte parágrafo que pedimos licença ao mestre para traduzir.

"Para qualquer povo civilizado constitue grande vantagem ter o seu teatro. O teatro foi o coração da civilização e da cultura gregas. O teatro elisabetheano domina ainda toda a literatura da língua inglesa. Em França o principal livro empregado no ensino de humanidades chamava-se "Teatro Clássico". E compunha-se das melhores peças de Corneille, Racine e Molière."

E' dentro dessa concepção da grandeza e utilidade do teatro que se desenvolvem as lições, em número de oito, reunidas no presente volume. Uma delas remonta às origens da arte: *Naissance du théâtre* — *Puissance du théâtre* — *Effets étranges de l'illusion dramatique* — *Unité de l'art dramatique*; a última cuida especialmente da arte de representar: *L'acteur et la scène moderne* — *Nouveaux moyens d'expression* — *L'acteur doit jouer la pièce et non pas son rôle*. E, sempre que lhe vem a talhe de foice, o mestre se ocupa, com a proficiência que lhe é peculiar, das questões concernentes ao teatro brasileiro.

J. L.

EDIÇÕES CULTURA — Recebemos interessante catalogo de livros da editora de São Paulo "Edições Cultura". — Agradecemos.

NAÇÃO ARMADA — Recebemos o numero de Abril de 1945, correspondente ao 6.º ano de "Nação Armada", revista civil e militar. Traz, como nas outras edições, materia relevante.

POEIRA DO MEU CAMINHO — Do Sr. Augusto Chiesse recebemos um exemplar do livro "Poeira do Meu Caminho", recentemente editado.

MENSARIO DO "JORNAL DO COMERCIO" — Recebemos o numero correspondente a Dezembro de 1944. E' o tomo XXVIII, do volume III.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



MENTHOLATUM
Acalma
QUEIMADURAS
Contusões e
Ferimentos

'DEPRESSA, MARY!
TRAGA-ME
MENTHOLATUM'



Srs. comerciantes, industriais e banqueiros, utilizai um dos mais eficientes veículos de publicidade da Capital da República, anunciando nos:

— Altofalantes localizados na Estação D. Pedro II, por onde passam, diariamente, 360.000 pessoas, e na Estação do Meier, e Restaurantes dos Servidores da Estrada de Ferro Central do Brasil (7.º andar da Estação D. Pedro II, Francisco Bicalho e Oficinas do Engenho de Dentro em irradiação feita simultaneamente.

Informações: — Serviço de Turismo e Publicidade da Estrada de Ferro Central do Brasil — 7.º andar do Edifício da Estação D. Pedro II, salas 700 a 710 — Fones 43-9331 e 43-9562.

(Do BNS, especial para a
REVISTA DA SEMANA)

Anexa aos exércitos aliados há uma organização sem precedentes na história militar. É conhecida como a Sub-Comissão de Monumentos, Belas Artes e Arquivos, e sua tarefa é proteger os monumentos históricos, as obras de arte e os documentos de valor, nos teatros de guerra. Começou a funcionar em 1943 e consta de um diretor e um vice-diretor, além de vários peritos britânicos e americanos — arqueólogos, arquivistas, arquitetos, etc.

Os exércitos aliados fazem tudo o que é possível para evitar ou limitar os danos aos tesouros artísticos. Somente quando o inimigo está procurando tirar partido dessa tendência, a ponto de prosseguir nessa política de significar a vida de um maior número de soldados, é que a regra geral é relaxada. Na Itália, especialmente, a pátria de tantos tesouros artísticos e históricos, a Sub-Comissão está realizando um valioso trabalho, atuando em cooperação com a RAF, dando a posição dos tesouros conhecidos ao Comando de Bombardieiros, para que se procure evitar destruí-los. O país está dividido em zonas, com um oficial responsável para cada região, e logo que uma cidade é ocupada pelos aliados esses oficiais iniciam seus trabalhos de preservação e recuperação. A Comissão não realiza trabalhos de restauração. Essa tarefa caberá aos próprios italianos, depois da guerra. Seu trabalho consiste em proteger os edifícios danificados e aplicar medidas urgentes, que impedirão danos maiores. Geralmen-

te, sob recomendação da Comissão, a Agência Aliada de Financiamento fornece os fundos para as obras, na forma de um empréstimo ao governo italiano. Mas o financiamento, os planos e projetos têm de ser aprovados pelos oficiais da Comissão de Monumentos, Belas Artes e Arquivos.

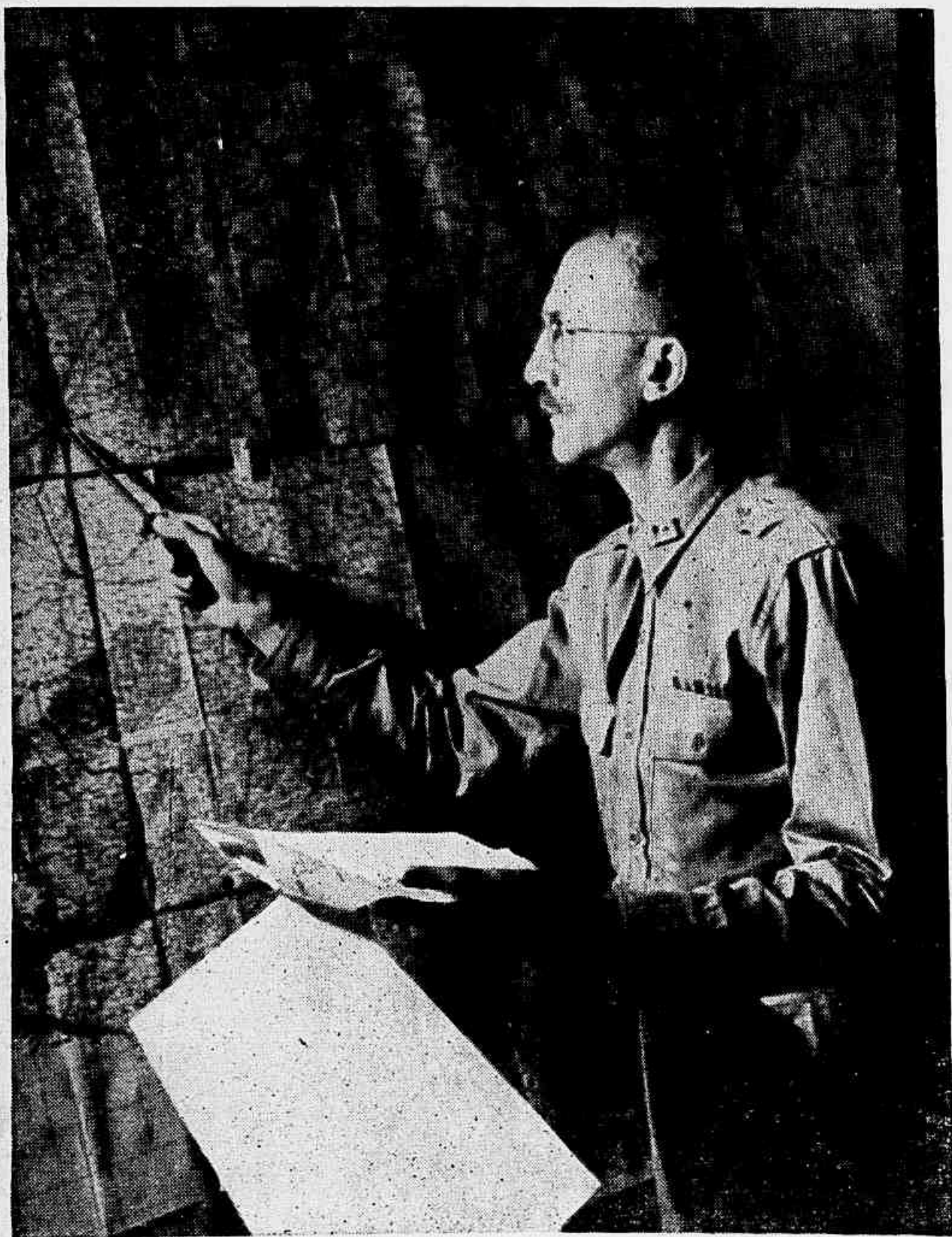
A "proteção" tem sido muitas vezes interpretada num sentido liberal. Pode significar a demolição de paredes perigosas, como no caso do Palazzo Nara, em Syracuse. Ou poderá significar um simples conserto no telhado. Em Palermo, por exemplo, foram necessários apenas alguns rebocos para salvaguardar os altos relevos do século XVII, no oratório de St. Lorenzo. Um exemplo de conserto mais dispendioso foi o realizado numa igreja onde as duas paredes laterais tiveram de ser reconstruídas. As pedras foram cuidadosamente numeradas e a reconstrução está sendo feita com o mesmo material.

A tarefa da Comissão não se restringe, porém, apenas aos reparos estruturais. As estátuas, gravuras também estão sendo salvas da destruição. Já foram dadas as ordens para que os quadros de pintura sejam restaurados por peritos. Muitos manuscritos valiosos foram descobertos e recuperados.

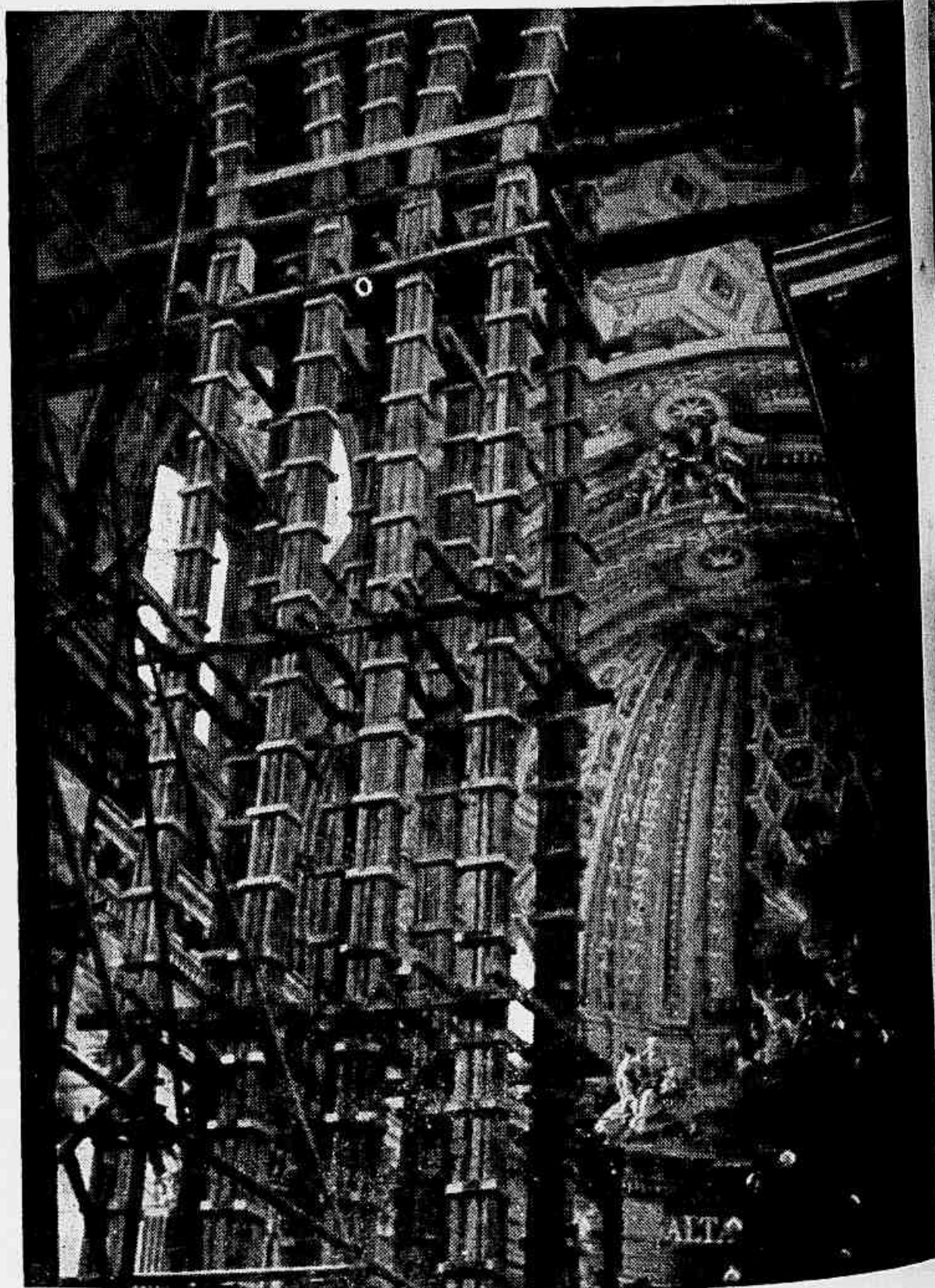
Os danos são inevitáveis na guerra. Mas têm havido exemplos de destruição desenfreada e criminosa da parte do inimigo. Os aliados estão lutando para salvaguardar os tesouros da civilização, lutando pela existência de um mundo digno de seu legado de beleza artística.

Procedendo ao exame dos danos causados no mausoléu de Maria D'Aragônia, os peritos aliados estão, na realidade, cooperando com os italianos na proteção aos tesouros de arte. O que é preciso retocar, evitando a destruição completa, é desde logo retirado e encaminhado para outros especialistas, que se apuram nessa delicada tarefa. Dificilmente se dão por inúteis mesmo os menores fragmentos dessas peças de arte.

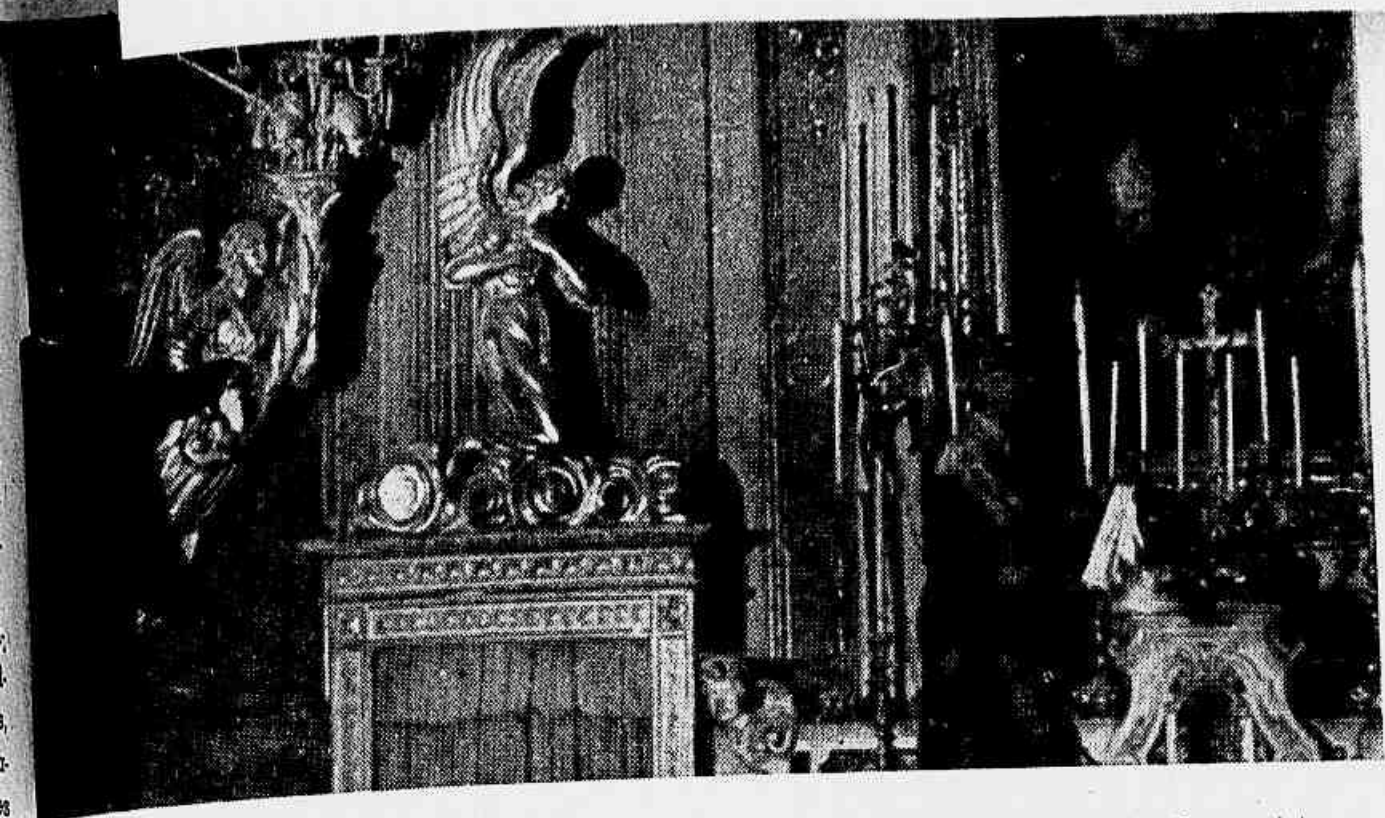
PRESERVANDO OS MONUMENTOS HISTÓRICOS



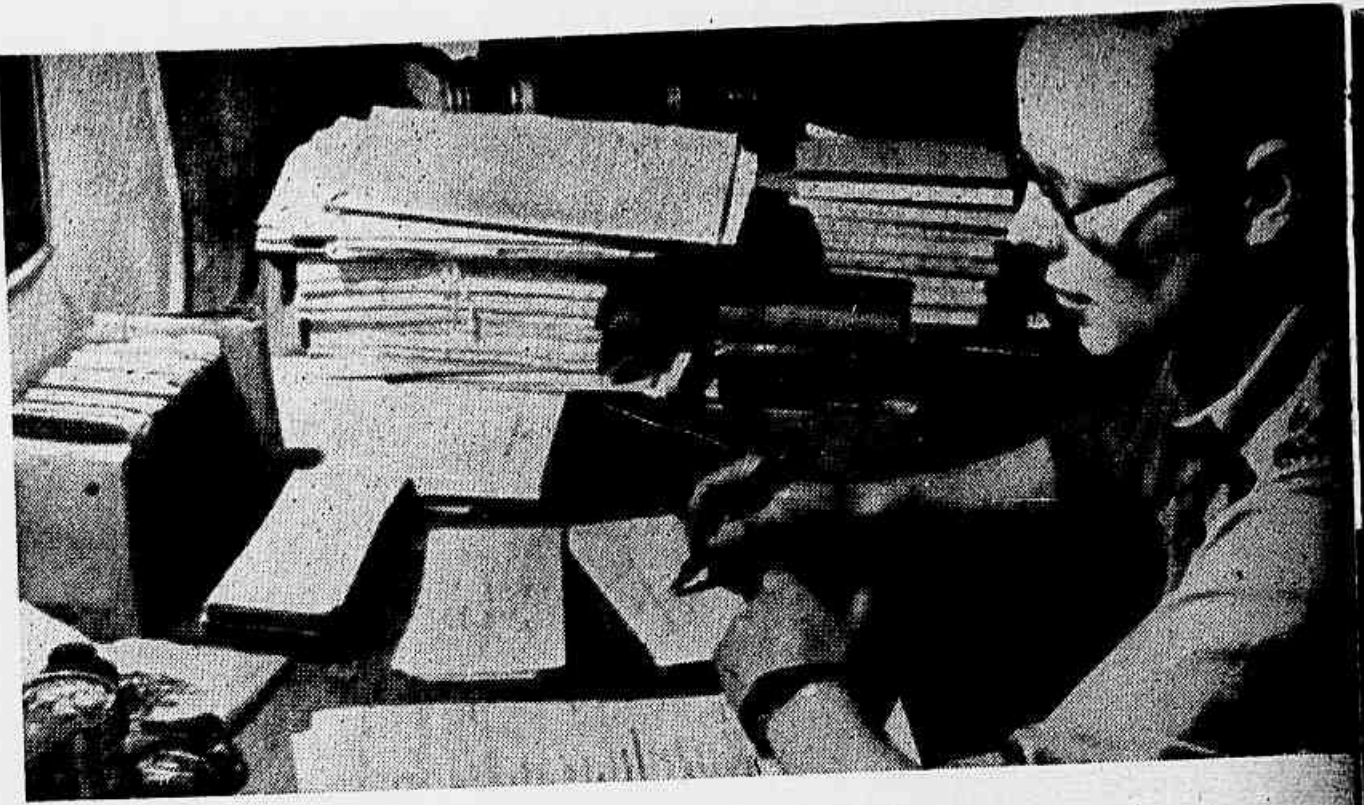
O perito aliado indica, num mapa geográfico da Itália, as posições exatas onde se encontram valiosas coleções de arte. Tais informações são depois transmitidas à Força Aérea, afim de evitar que essas zonas sejam bombardeadas. Por isso, mesmo depois de arrasadas certas áreas ocupadas pelo inimigo, passado o tufão da guerra, vão encontrar-se intactos esses monumentos. E quando vier a Paz, tudo será devolvido à Humanidade.



A igreja de Santa Annunziata, em Minturno, na Itália, sofreu barbaramente os bombardeios nazistas. E' claro que algumas vezes também as bombas dos aliados atingiram esse monumento religioso, porque lá dentro se escondiam os fascistas, e antes de tudo foi preciso escurraçá-los de toda parte. Mas agora os reparos estão sendo feitos por artistas que tudo estão repondo tal como se encontrava antes do furacão mussoliniano.



Também a famosa igreja de Santa Chiara, em Nápoles, foi vítima da sanha nazista. Quantos requintados objetos de arte, algumas vezes centenários, que ali se encontram foram alvejados por deus Marte! E agora procedem-se às obras de reparos, por operários italianos que se empregam nessas tarefas. Eles trabalham evitando a perda de valiosos tesouros artísticos. Na foto, dois operários retocando as imagens de ouro da nave.



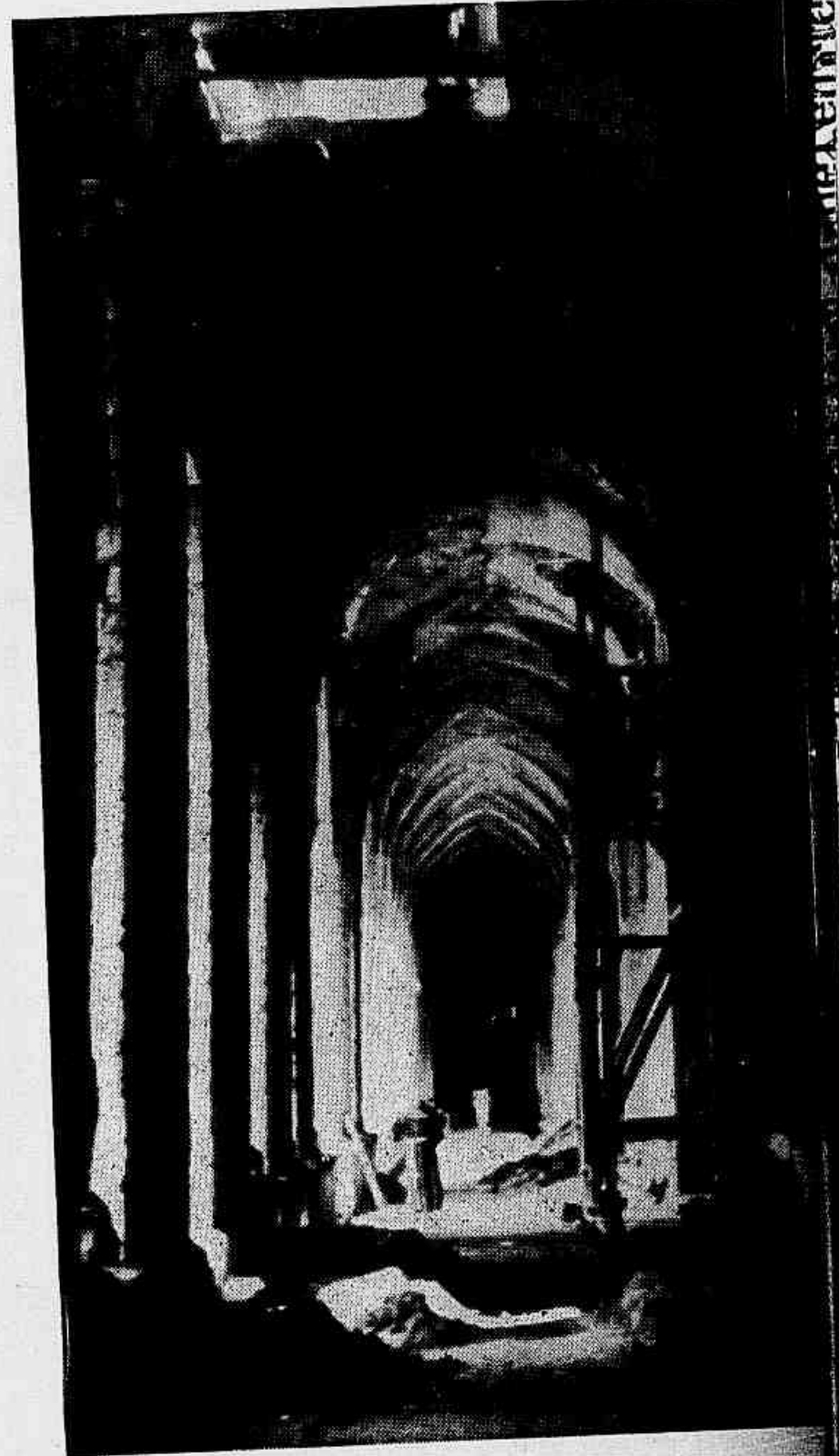
Um oficial britânico, ex-arquivista em Londres, faz uma lista dos arquivos existentes nas cidades italianas. Ele recolhe no seu "dossier" todos os apontamentos elucidativos, e presta-se a fornecer a todos os exércitos aliados os informes sobre onde se encontram monumentos de arte que devem ser poupados pelos bombardeios. Já os nazistas procedem de outro modo, barbaramente, destruindo obras-primas onde entrem em ação.



Foram as naves italianas as que mais sofreram, recebendo, implacável e implodioso, o resultado dos bombardeios. A tropa fascista ocultava-se no recinto desses templos, convencida de estar livre de perigo. A igreja de San Pietro Martire, em Nápoles, ficou em triste estado, que agora vai sendo restaurada. E os operários, que são homens mobilizados como os que lutam no "front", trabalham noite e dia, refazendo o que foi destruído.



Ladrilhos e azulejos seculares foram destruídos nesse rincão de Nápoles. Poder-se-ia esperar que a paz viesse, para só mais tarde cuidar desses detalhes; mas os exércitos aliados não querem protelar por mais tempo essa obra de reconstrução. E aqui vemos homens que já debram a sua contribuição para a guerra, no "front", agora retocando esses lugares onde a paz vai, muito breve, encontrar o mesmo ambiente pacífico de outrora.



As galerias desse convento de San Pietro Martire sofreram os efeitos maléficos da guerra. Mas nem por isso os sacerdotes dali se ausentaram, embora alguns deles perdessem a vida dentro das próprias celas. Foi preciso requisitar uma apreciável inversão de capital para financiar os consertos, aí muito mais dispendiosos. A mão de obra é valiosa, a preços astronômicos, pela falta de operários que continuam no "front".



Livros preciosos, encontrados entre os destroços dessa biblioteca. Ali várias gerações de cidadãos italianos beberam a sabedoria de seus antepassados, que a hidra fascista destruiu. Agora, dos escombros vão sendo retirados os volumes que se consegue encontrar. Por vezes surge também o cadáver de uma vítima, cujo desaparecimento só agora se esclareceu. Mas tudo é restaurado, embora só as vidas não possam voltar...



Um oficial americano estuda os danos visíveis numa fotografia aérea, e compara com as ilustrações numa revista de arte. A sub-comissão aliada de Monumentos, Belas Artes e Arquivos não tem precedentes na história militar. Esse homem descobre exatamente onde estão os pontos vulneráveis que precisam ser restaurados sem demora, e comunica-se imediatamente com os seus superiores. Sempre que possível, evita novos bombardeios.

O OUTRO CRIME

(Continuação da pág. 34)

guia. Ela se insinuava, tremenda, levando-o às fronteiras do delírio. E no entanto não era delírio. Nunca ele se sentia mais seguro de uma coisa...

— Madame, a senhora compreende que...
— Quero, antes de mais nada, ver meu marido.
— Minha senhora, é para o bem dele que lhe peço...
— Pois bem, seja. Faça as suas perguntas.
— Em primeiro lugar desejava saber o que aconteceu...
— Ele não lhe disse?
— Mas eu queria a sua versão. Talvez possa acrescentar alguma coisa... Talvez...

— O senhor não me ilude, inspetor. Seu intuito é verificar se meu marido e eu contamos a mesma história. Um crime misterioso, ocorrido num local deserto. Duas pessoas e a vítima...

— Não nego. E repito que é para o bem dele. Se as suas declarações corroborarem o que ele afirmou, não haverá mais dúvida. A senhora compreende que nesses casos de legítima defesa é necessária muita cautela.

— Entretanto, inspetor, se fôssemos dois criminosos, dois cúmplices, teríamos combinado uma história com antecedência...

— Mas os peritos tratariam de confirmá-la. A posição do corpo, a bala na parede, as armas, as impressões digitais, tudo. Além disso, sua ansiedade de ver seu marido pode ser mal interpretada se as histórias não coincidirem. Parecerá que não houve tempo de combinarem a maneira...

Ela ficou um momento interdita. Depois sorriu.

— O senhor é um homem inteligente.
— E a senhora uma mulher hábil. Ainda não me contou os fatos.
— Foi assim...

— A confissão da esposa, senhores jurados, é explícita. Não quis ser cúmplice de um crime nojento.

A acusação do promotor era eloquente. Marian Carew, depois de seu depoimento, sentara no banco das testemunhas, e cobrindo o rosto com as mãos pusera-se a chorar...

O promotor continuou:

— Vejamos os fatos. Os fatos, senhores, bastam. São suficientemente eloquentes. Henry Carew diz que matou em legítima defesa. Pois bem. Conforme a sua versão, ele viu uma bala ir cravar-se na parede. Essa bala desapareceu. Não há sinal dela. Mas a bala que ele atirou existe: está no cadáver. Ele diz que o homem entrou por uma escada. Essa escada desapareceu. Ele diz que o carro estava irremediavelmente estragado: o carro foi encontrado em perfeito estado. Como explicar tudo isso? A esposa, por outro lado, afirma que o marido parecia conhecer o homem, que os encontrara em alteração violenta, que o marido matara o homem, que não possuía arma, como de fato arma alguma não foi encontrada; que o marido disse que vinha confessar tudo à polícia, que ela esperasse por ele ali, e abandonou-a em casa enquanto ia contar a sua história. Esperava, dados os privilégios de um preso por legítima defesa, falar com ela antes que fizesse qualquer declaração, e atemorizá-la. Que outra

razão para o seu furor quando soube que ela confessara tudo? Senhores. Um detalhe importante. Ele veio a pé, para fazer com que demorasse mais a chegada da polícia ao local do crime...

A defesa, perplexa, teve que se limitar a algumas discrepâncias: por que ele afirmara que o carro estava desaranjado, se de fato não estava e era fácil ele fazer esse barulho? Por que ele não falara logo com a esposa? Por que inventara detalhes que saberia que seriam desmentidos como o da bala encaixada na parede?

O júri ficou em dúvida. Henry Carew voltou para a prisão para ser submetido a novo julgamento. Na mesma tarde recebeu uma visita de Graham.

— Boa tarde, Carew.

— Boa tarde, inspetor.

— Carew, eu quero que você me diga a verdade: sua esposa mente?

— Mente.

— Por que?

— Não tenho a mínima idéia.

— Por que não afirmou isso no júri, com essa convicção? Isso seria descontado em seu favor...

— Porque não quero ser absolvido!

Não sabia como começar. Entretanto, resolveu contar tudo, e tinha que dizer a verdade. Fora há muito tempo. Não sabia dizer quando nem onde, nem por que, nem como, mas matara um homem.

— O que?

Graham estava estupefato.

— Sim, inspetor. Eu creio que tive uma espécie de amnésia parcial durante muitos anos. Mas quando estava de pé diante daquele homem, quando disparei o revólver e ele caiu com um grito, como que de surpresa, lembrei-me de que já matara um homem. E vi o outro crime, o primeiro crime. Quero pagar pelo meu crime. Deixarei que me condenem.

De repente Graham teve uma exclamação:

— Descubriu! Você me deu a certeza do que eu já desconfiava. Sua esposa mentiu. Agora sei que mentiu! Ela, sem querer, traiu-se.

— Mas eu matei o homem... E a bala não foi encontrada, a bala que ele atirou contra mim...

Graham olhou para Carew.

— Carew, você foi vítima de um dos planos mais audaciosos que eu conheço...

— Como?

Depois de descoberto todo o plano foi Graham quem veio contar a Carew, surpreendido, o que acontecera na realidade.

— Carew, você, ao contar-me que tivera a impressão que já matara um homem, revelou o sentido de todo o enigma que me vinha perturbando. O fato de que sua mulher mentira era evidente desde o momento em que ela não me contradisse, na nossa primeira entrevista, quando falei em legítima defesa, para depois dizer que pensava que você tinha confessado um assassinato comum. Mais tarde outro detalhe significativo me chamou a atenção: você me disse textualmente na nossa última entrevista: o homem deu um grito e caiu como que surpreso... Ora, então eu compreendi tudo. Até então meu raciocínio se recusara a acreditar na explicação verdadeira pela qual o homem morreria: se o cadáver tivesse desaparecido eu compreenderia. Mas o homem estava de fato, estava ali o corpo. E isso não condizia com o que eu estava pensando. Então como? Porém ocorreu-me, logo, que o homem não esperava morrer. Como? Porque ele pensava que seu revólver estava descarregado.

— Um momento, Graham. Eu não entendo nada.

— Desculpe. A culpa é minha. Não estou sendo claro. Deixe-me começar do início. Carew, você casou com uma mulher má, uma assassina da pior espécie. Ela se serviu de você e do homem que morreu, para conseguir o seu objetivo. Mas falhou. Imagine você: essa mulher casou com você querendo somente o seu dinheiro. Soube que ela queria viver na cidade e que você se recusara. Ela casada com um homem rico, para levar uma vida luxuosa, e obrigada a viver no campo. Qual era o remédio? Ela resolveu não matá-lo, pois não poderia livrar-se da condenação, mas usar inteligentemente uma doença de que você sofre e que ela observou. Não sei se você sabe que

o que você sentiu é coisa comum entre aqueles que sofrem de para-amnésia. Para-amnésia é uma doença da memória, oposta à amnésia, e consiste em lembrar-se a pessoa de uma coisa que não ocorreu. O caso mais típico e mais comum é o de ter a certeza de já ter estado num lugar ou feito uma coisa antes, quando de fato nunca o fez.

Pois bem, casada com você, ela descobriu isso e resolveu tentar um plano audacioso. Fingir um assassinato. Você teria a idéia que já acontecera uma vez e, se não surtisse efeito, como era só fingimento, ela poderia fazer com que a vítima aparecesse, estando tudo terminado da melhor maneira. O homem escolhido para isso você não conhecia, mas ela conhecia muito bem: um velho amigo dos tempos de solteira... Pois bem, acontece que à última hora ele começou a fazer exigências. E ela arquitetou novo plano. Combinara o seguinte: ele entraria no seu quarto, ameaçá-lo-ia; você recorreria, para defender-se, ao revólver. Ele daria um tiro com pólvora seca, e você outro com pólvora seca, que ela se encarregaria de colocar no revólver. Vendo o homem cair, ela diria logo: "Está morto!" Você tem que se entregar à polícia! Se surtisse efeito tudo aquilo, ela sabia que conseguiria sugestioná-lo, e você, pensando que já matara uma vez, não se defenderia contra as provas que ela haveria de empilhar contra você. Você falaria numa bala que o outro tinha atirado contra você. Mas ele, com pólvora seca, não tinha bala, e a bala não seria encontrada. Você acharia o carro engulhado, e ela concertaria o carro com as peças compradas previamente para fazer seu testemunho parecer absurdo. E depois poderia dizer, jogando sua palavra contra a dela, que você mentia. Sabia que, atarantado por tanta confusão, você não saberia defender-se, e contava com a habilidade do promotor para fazer com que você se contradissesse.

— Que plano complicado!

— Somente um profundo conhecimento do seu temperamento poderia dar-lhe esperanças de ter sucesso!

— Mas como é que o homem morreu?

— Depois de você sair para confessar um crime que não cometera, ela teve uma alteração com o cúmplice e matou-o. Que maneira mais simples de livrar-se do que deixá-lo ali mesmo?

— Mas se os planos tivessem sido seguidos à risca ela teria que mandar o homem embora. Como poderia ele ser condenado por um crime com a vítima desaparecida?

— Aí ela demonstrou uma singular ignorância da lei. Pensava que bastaria rastros de sangue e sua confissão. Não sabia que era imprescindível o *corpus delicti*. Mas acontece que se tivesse sucesso ainda assim tinha uma saída, se soubesse a tempo que era preciso apresentar o cadáver?

— Qual?

— Diria que você estava louco; fá-lo-ia ir para um asilo e ficaria com sua fortuna da mesma forma.

Carew não respondeu. Estava refletindo. Graham notou, comovido, que duas lágrimas rolavam pelo rosto dele.

— Eu gostava daquela mulher! — murmurou em voz surda.



Em São Paulo...

é sempre agradável uma visita aos Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira

Sucessora de Mappin Stores

Pr. Ramos de Azevedo, 131



DYNAMOGENOL, restaura as energias do cérebro, dos músculos e do sangue fortificando e revigorando o organismo.

É o tônico de todos

DYNAMOGENOL

É um produto da

Laboratório Sian

A PROPOSITO DA CONFERENCIA DE SÃO FRANCISCO

Já está reunida a grande conferência internacional de São Francisco, da qual participam os representantes de todas as Nações Unidas, aquelas que realmente emprestaram a sua eficiente colaboração para a vitória que agora está quase consumada. Ali se encontram os emissários brasileiros, recebidos como participantes dos de justo e merecido relêvo. Reunem-se os congressistas de São Francisco exatamente quando os bravos expedicionários patrióticos lá se encontram, em terras da Itália, expondo a vida por um ideal que é tanto da humanidade em pêso quanto nosso distintamente. Eis por que se faz oportuna a divulgação destas fotos, para elucidação dos leitores, por certo ávidos em conhecer tudo que diga respeito a êsse magno acontecimento. Na gravura superior, o Teatro da Ópera de São Francisco, onde se registra aquela histórica reunião, com a vista das decorações murais de extraordinário mérito artístico. Em baixo, vista do interior do mesmo teatro, construído em memória da primeira guerra mundial e predestinado a ser agora o palco dêsse acontecimento. Ali estão sendo debatidos os problemas da organização mundial no período do após-guerra e ali se fazem ouvir as vozes mais representativas da democracia, pugnando pela liberdade e pela justiça.

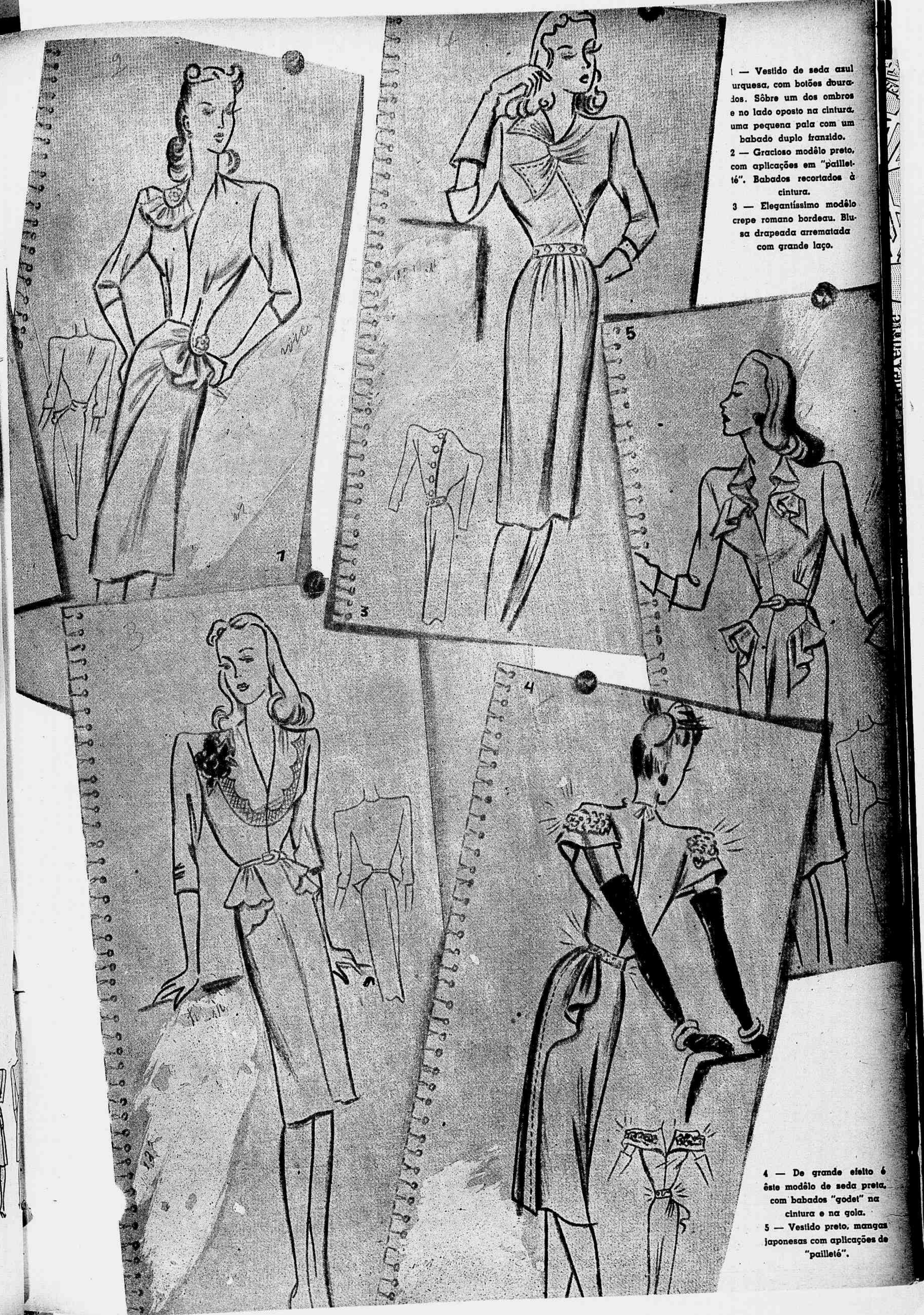
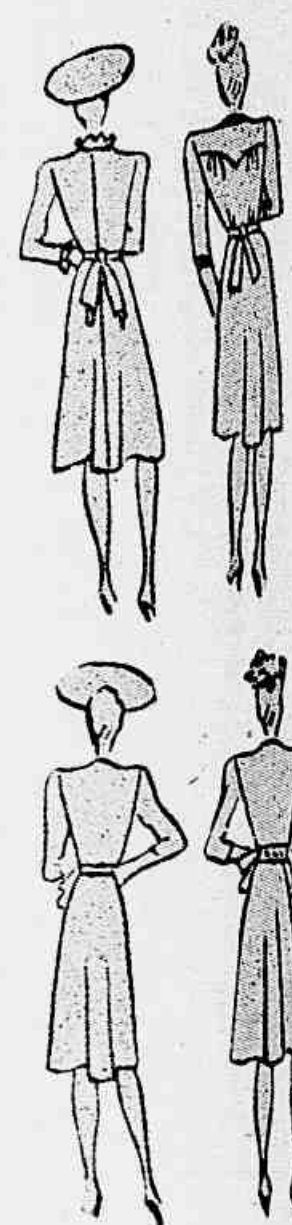
(Fotos do Serviço de Informações do Hemisfério)





MODELOS DE GRANDE ELEGANCIA

- 1 — Modelo em crepe romano preto, com gola e punhos de renda.
- 2 — Traje para a tarde, com bordado em pequenas pérolas no decote e nas mangas.
- 3 — Modelo em crepe da China, de interessante recorte. Das "pinces" da saia sai um babado "godet".
- 4 — Três botões dourados enfeitam este modelo.
- 5 — Um elegante cinturão de "strass" e "pinces" completam a linha deste modelo.



- 1 — Vestido de seda azul urquesa, com botões dourados. Sobre um dos ombros e no lado oposto na cintura, uma pequena pala com um babado duplo franizado.
- 2 — Gracioso modelo preto, com aplicações em "pailleté". Babados recortados à cintura.
- 3 — Elegantíssimo modelo crepe romano bordeau. Blusa drapeada arrematada com grande laço.

- 4 — De grande efeito é este modelo de seda preta, com babados "godet" na cintura e na gola.
- 5 — Vestido preto, manga japonesa com aplicações de "pailleté".

Os dentes estão sujeitos a continuo desgaste

DURANTE TÔDA A VIDA

EMBORA sejam uma parte da estrutura óssea do corpo, suas células não são substituíveis. Os dentes, pois, devem ser examinados periodicamente e os necessários reparos feitos prontamente. Visite seu dentista todo semestre. Certifique-se de que a sua dieta contém as vitaminas e os minerais adequados, bem como os alimentos sólidos que exercitam os dentes e as gengivas.

...e faça questão de que o seu dentifrício seja puro e seguro!

Use o
**Creme Dental
SQUIBB**

Primeiro, você gostará do seu delicioso sabor! E da sensação de admirável frescor que produz na boca! O mais importante, porém, é que o Creme Dental Squibb limpa com perfeita segurança — não contém substâncias ásperas nem adstringentes que prejudiquem o esmalte ou as gengivas. Lembre-se de que ele é feito por uma casa que vem fornecendo produtos de qualidade às classes odontológica e médica desde 1858. Experimente um tubo hoje.

..... PROCURE O SÊLO DA CASA
SQUIBB... PORQUE SQUIBB É UM
NOME EM QUE SE PODE CONFIAR

Um jovem fala de poesia

(Continuação da página 36)

— Formei-me em medicina. Ela vai me fornecendo motivos fortes para o livro que pretendo escrever. Se na arte a necessidade de "sinceridade artística" é fator óbvio, na medicina a razão fundamental será a "consciência profissional". No fundo ambas se completam: a consciência levará a sinceridade profissional. Mas há erros, ainda há erros no ensino médico brasileiro. A não obrigatoriedade de serviços práticos em enfermarias. Digo serviços práticos e não aulas práticas. Resulta daí o auto-didatismo. Resulta daí uma baixa tremenda de experiências. E o reflexo posterior na clínica diária.

Dito isto Dirceu não falou mais. E a vida continuou no seu gabinete de trabalho, onde os livros amontoam-se numa disparidade disforme. Saimos. O hálito morno da tarde que findava fez-nos voltar à realidade da rua, onde a poesia está em cada esquina.

Neurastenia? Insônia? Angústia?

BENAL

SEDATIVO do Sistema Nervoso
Fórmula do Professor Austregésilo.

OTONI & GARCIA, LTDA

REPRESENTAÇÕES — COMISSÕES
CONTA PRÓPRIA

Caixa Postal 26 — Telegramas: "Garcia"
São João del Rei — MINAS GERAIS

Especialistas em material elétrico, laticínios, artigos de escritório, hospitais, casas de saúde, hotéis, aparelhos sanitários, máquinas para indústria e agricultura, produtos químicos e tecidos.

Aceita propostas concernentes aos ramos que exploram, podendo as firmas interessadas usar quaisquer dos bancos existentes naquela praça como fonte de propaganda.

SOFRE DO FÍGADO?

TOME

BIO-HEPAX

PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDIN

Esfinge sem segredo

(CONT. DA PAG. 29)

— Que ia fazer ali? — perguntei-lhe.

— Que direito tem o senhor de me interrogar?

— O direito de um homem que a ama — repliquei. — Vim para lhe pedir que seja minha esposa.

Escondeu o rosto entre as mãos, desfeita em pranto.

— Tem que me responder — insisti.

Levantou-se, e olhando-me frente a frente respondeu:

— Lord Murchison, nada tenho a dizer-lhe.

— Foi lá para se entrevistar com algum homem — exclamei.

— Esse é seu segredo.

Empalideceu atrozmente e contestou:

— Não fui ver pessoa alguma.

— Por que não me diz a verdade? — exclamei.

— Mas se já lha disse! — replicou.

Eu estava louco, angustiado. Não sei o que lhe disse, mas deve ter sido algo de terrível.

Por fim, precipitei-me fora de sua casa. Escreveu-me no dia seguinte, mas devolvi-lhe a carta sem abrir. Parti para a Noruega com Alan Colville.

Regressei ao cabo dum mês, e a primeira coisa que vi no "Morning Post" foi a notícia da morte de lady Alroy.

Apanhou um resfriado ao sair da Ópera, falecendo cinco dias após, de congestão pulmonar.

Fechei-me em casa e não quis ver ninguém.

Amei-a tanto, amava-a ainda tão perdidamente! Oh, Deus meu, como amei essa mulher!

— E você foi a essa rua, a essa casa? — perguntei-lhe.

— Sim — respondeu. — Um dia dirigi-me a Cummor Street. Não pude deixar de fazê-lo. Estava atormentado pela dúvida. Bati, e uma mulher de bom aspecto me abriu a porta.

Perguntei-lhe se tinha algum quarto para alugar.

— Ah, cavalheiro! — respondeu. — Creio que há um quarto para alugar, porém não vi mais a senhora que o tinha alugado há três meses, e embora os reci-

bos continuem se acumulando é-me impossível alugá-lo.

— Refere-se a esta senhora? — perguntei-lhe, mostrando a fotografia.

— Sim, é ela; estou bem certa — exclamou. — Quando voltará?

— Esta senhora morreu — respondi.

— Oxalá não seja verdade! — disse a mulherzinha. — Era a melhor de minhas inquilinas. Pagava-me três guinéus por semana só para vir aqui de vez em quando.

— Recebia alguém aqui? — perguntei.

A mulher assegurou-me que não, que ia sempre sozinha e que não era vista com ninguém.

— Então, que diabo vinha fazer aqui? — exclamei.

— Pois, simplesmente para ficar na sala, cavalheiro. Lia livros, e alguns dias tomava chá — respondeu-me a mulher.

Eu não sabia que dizer. Deixei um soberano e afastei-me.

— E agora, diga-me você, que significava tudo aquilo? Você não pensará que a mulher me disse a verdade.

— Pois eu creio que sim.

— Então, que ia lady Alroy fazer naquela casa?

— Meu caro Geraldo — respondi-lhe — lady Alroy era simplesmente uma mulher atacada da mania do mistério. Alugava esse quarto pelo prazer de ir a ele de véu pôsto e imaginar que era uma heroína. Sentia uma



louca atração pelo mistério, embora fôsse, simplesmente, uma esfinge sem segredo.

— Assim opina sinceramente?

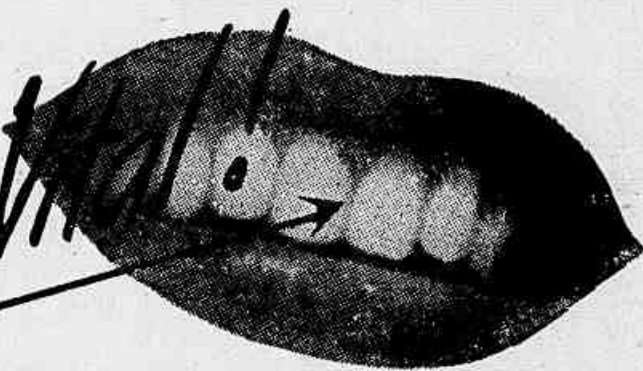
— Estou convencido disso — respondi.

Lord Murchison tirou o portacartões de tafeite, abriu-o e ficou observando a fotografia.

— Pois eu continuo indagando a mim mesmo — disse finalmente.

De Espuma Ultra-Penetrante

Gessy protege
no Ponto Vital!



É NA JUNÇÃO dos dentes, entre as faces ocultas, onde a escova não atinge, que surgem 4 em cada 5 cáries. Porisso, para proteger os seus dentes no Ponto Vital, use o Creme Dental Gessy.

A espuma de ação ultra-penetrante do Creme Dental Gessy limpa até onde a escova não alcança: combate as fermentações dos resíduos alimentares, destrói os germes causadores da cárie, neutraliza o excesso de acidez, evita o tártaro.

Proteja seus dentes no Ponto Vital: use Gessy três vezes ao dia.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

GESSY CUSTA MENOS
que os demais dentífricos de
alta qualidade. Use Gessy e
economize até 20% em cada
tubo de creme dental.



Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



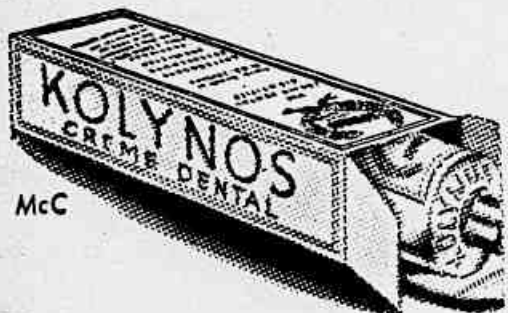
PASTA DENTIFRICA S.S. WHITE

INDUSTRIA BRASILEIRA

KOLYNOS
SOBRESSAI
EM TODAS AS PROVAS...



PORQUE É UTIL
EM TODAS
AS IDADES!



EXPERIMENTE
hoje mesmo
O CREME DENTAL
ANTISSÉTICO!

Limpa mais... agrada mais... rende mais...

MODAS

- 1 — Modelo próprio para as senhoras não muito esbeltas, em "shantung" liso e estampado.
- 2 — Interessante modelo de seda estampada, enfeitado com nervuras e laços.
- 3 — Um cinto de veludo e algumas "pinces" aumentam o encanto desse vestido de seda ou "shantung".



CYMA

NENHUM OUTRO RELOGIO LHE
DARÁ TANTA SATISFAÇÃO

fixbril
para o cabelo
ASSENTA E DÁ BRILHO •

Dra. HELENA N. DAHER
CLINICA DE CRIANÇAS
Avenida Copacabana, 209
Apart. 704
TELEFONE 27-0252

No toucador...

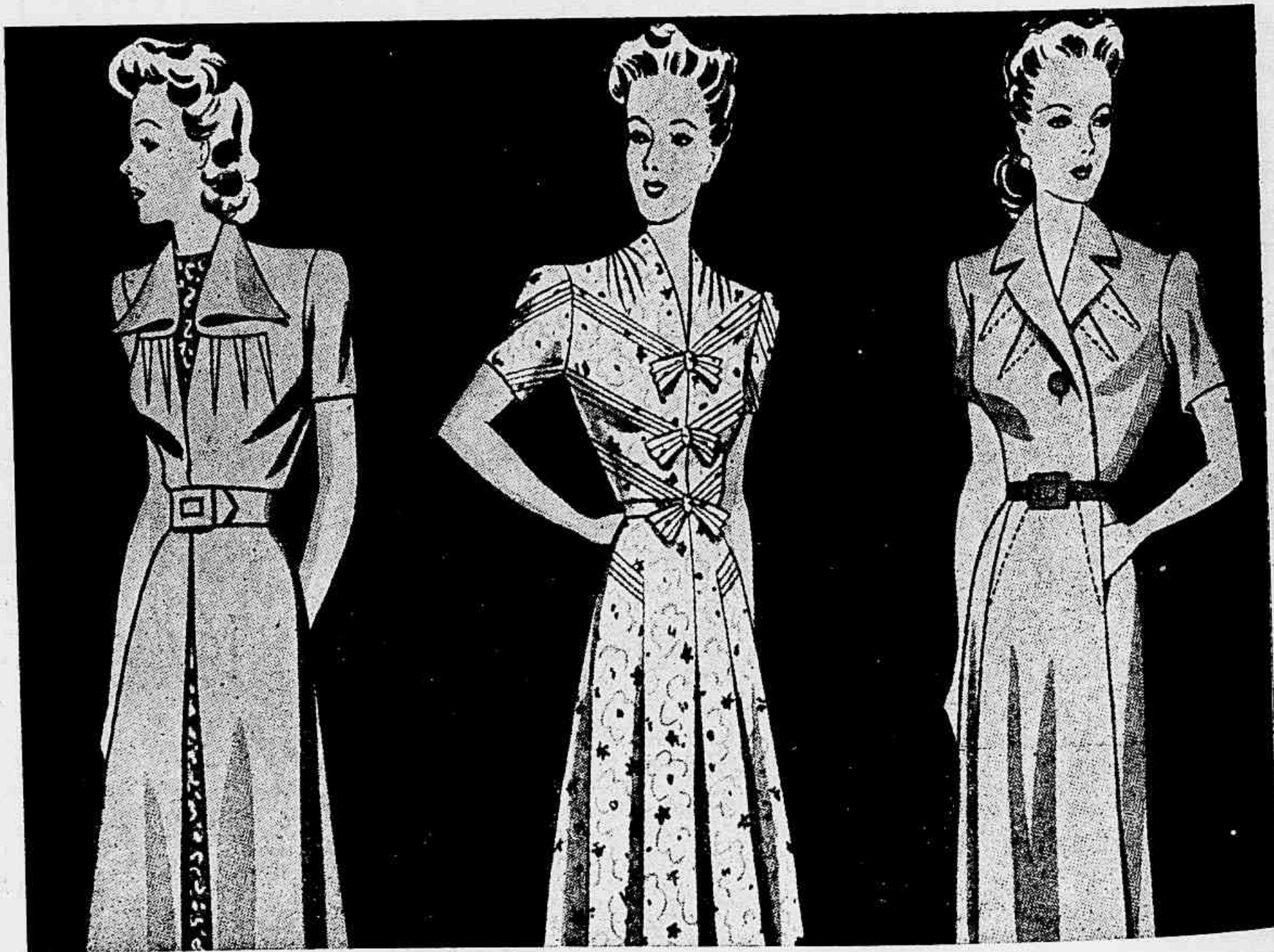


Após o banho

Dê à sua cutis uma agradável sensação de frescor, com uma leve fricção de Água de Flórida. Perfumada, desodorante, antissética e estimulante da circulação sub-cutânea, Água de Flórida mantém a pele fresca e perfumada o dia todo... A venda em todas as farmácias e perfumarias.

ÁGUA DE FLÓRIDA

MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
A VENDA EM TODA A PARTE

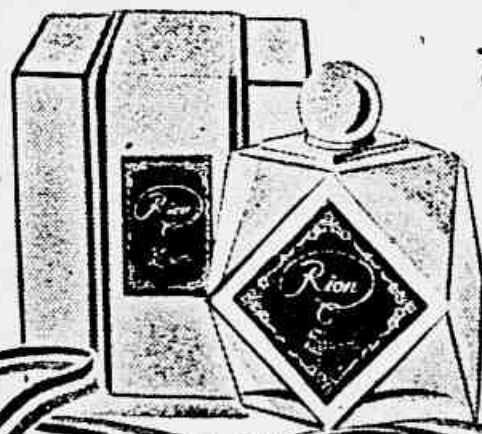


UM PRESENTE
DE CLASSE
E DISTINÇÃO



PERFUMES

Ricco



PERFUMES

BELLES FLEURES
MUSGO CHINE

05

DILEMA

(Continuação da pág. 23)

por ter deixado o... Mas, de repente, ele lembrou-se... Ele avançou, dirigindo-se aos pacientes, mas ela passou na sua frente, tapando-lhe a boca com a mão. Em seguida levou-o para o corredor.

— Enfermeira, eu não compreendo...

— Por favor, doutor. Eu peço mil desculpas, mas é que... que percebi que...

— Que há?

— É' que, doutor... Os pacientes estavam discutindo um caso... Um caso... E eu me lembrei que se o senhor entrasse ali ia ter uma surpresa... Eles estavam discutindo o caso Livingston, e eu me lembrei do seu retrato. Tinha a certeza de que já o vira em alguma parte... Quando eles começaram a contar a história, lembrei-me... o caso...

— Não é preciso dizer mais nada, enfermeira; eu agradeço a tentativa, mas prefiro entrar lá e deixar que eles saibam... Com certeza ficarão com medo de mim, como muita gente ficou depois do caso. O médico que deliberadamente deixou um homem morrer...

Afastando-a com gentileza, mas firmemente, ele entrou na enfermaria.

— É' um caso monstruoso, dizia o padre.

Nesse momento avistou o médico.

— Ah, doutor; estávamos discutindo um caso terrível. Um seu colega que...

— Ouvi tudo. Não foi um colega meu. O médico envolvido no caso Livingston sou eu.

Houve uma pausa, um silêncio de cons-

trangimento e surpresa. Talvez também de um pouco de horror. Porque aqueles homens, que haviam enfrentado a morte de tantas maneiras, não podiam se acostumar com a morte friamente em tempo de paz, para salvar uns papéis, por mais valiosos que fôssem... No silêncio, de repente, uma voz soou:

— Esse caso não tem importância, disse.

Era um velho oficial, que até então nada dissera.

— Como não tem importância, protestou Harry, pois se...

E parou, intimidado pela presença do médico.

— Termine, disse o dr. Thompson...

Diga o que está pensando.

— Doutor, eu...

— Ou melhor, não é preciso que o diga. Digo-o eu. Acha que sou um assassino vulgar, não é verdade?

Novamente o velho interrompeu:

— Seu caso foi um caso simples, doutor. O senhor tinha a certeza do valor das notas e do mau caráter do homem...

— Isso é verdade.

— Pois no meu caso não aconteceu tal.

— Seu caso?

— Sim. Permitam que o conte?

Com a permissão de todos, ele começou.

— Tudo isso aconteceu há muito tempo. Eu era então advogado em uma pequena cidade do interior. Quando apareceu um estranho caso, que meu patrão (pois eu trabalhava para uma firma) aceitou por uma convicção que todos nós compartilhávamos. Estávamos persuadidos, todos, de que era inocente o homem. E, no entanto, o crime que ele cometera era grave,

como também graves eram as provas contra ele. Alegava em sua defesa que não conseguira provar. Confessava que, depois de séria desavença com a noiva, por motivos de ciúmes, ele a abandonara na rua e seguira em seu carro. Mas não se lembrava ao certo por onde estivera, nem estava preparado a fornecer um itinerário, o que era perfeitamente aceitável, dada a sua perturbação; mas, ao mesmo tempo, poderia ser um recurso fácil de um assassino vulgar. Como provar que nosso cliente era inocente? Imagine você que um homem apareceu no escritório com uma história comprida, que se resumia nisso. Vira, a tantas horas da manhã, um homem descer de um carro parecido com o do acusado e dirigir-se para um recanto do campo, onde sentara-se à sombra de uma árvore. A testemunha, como

(Continua na pág. 53)

Tomem cuidado!

É' um fato perfeitamente averiguado que a boca e a garganta constituem as principais portas de entrada para inúmeras doenças infecciosas.

As pessoas que estiveram em contacto com indivíduos com gripe, angina, difteria, etc., ou quando ameaçadas de inflamação de garganta, devem usar um desinfetante como as pastilhas de Panflavina, que atuam sobre os germes localizados na mucosa da boca, das amígdalas, da faringe.

A base das pastilhas de Panflavina é a Trypaflavina, que destrói, com segurança, os germes mais perigosos e resistentes, mesmo os estreptococos, sem que apresente o mínimo efeito nocivo à pessoa que as usa. Pode-se empregá-las tanto em crianças de pequena idade, como em pessoas de idade avançada, sem o menor receio, mesmo durante semanas e meses.

• Água de Colônia

• Brilhantina

• Extrato

• Loção

• Óleo perfumado

• Pó de Arroz

• Sabonete

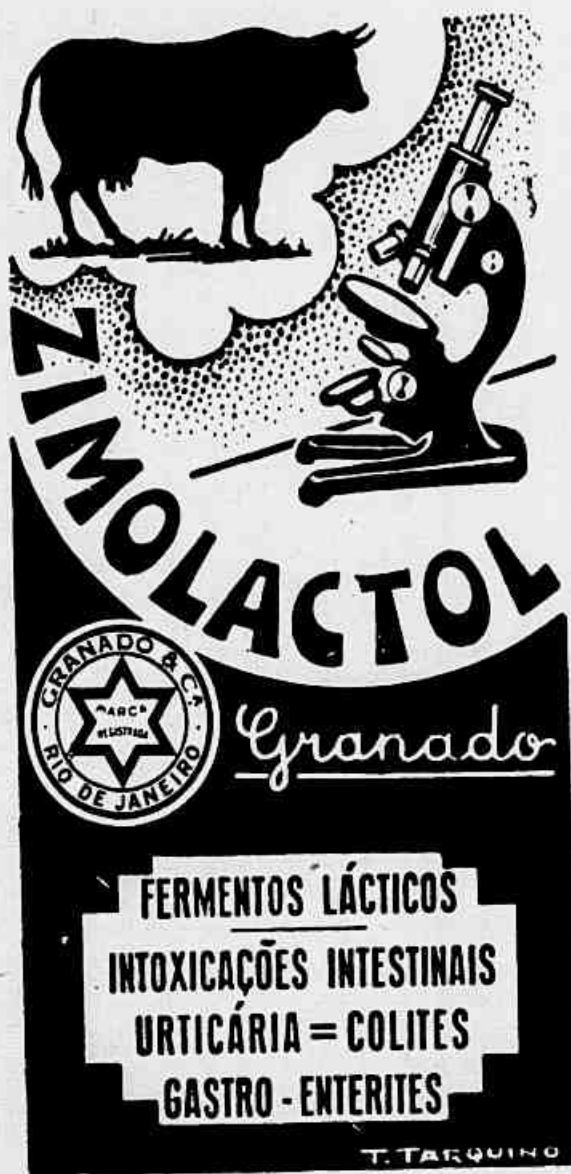
Perfume

Orbleu

de BAZIN

Ouro sobre azul dos perfumes!

A VENDA EM TODO O BRASIL



ZIMOLACTOL
Granado

FERMENTOS LÁCTICOS
INTOXICAÇÕES INTESINAIS
URTICÁRIA = COLITES
GASTRO-ENTERITES

T. TARQUINO

Cabelos Brancos???
Escurecedor Discreto

Informações:
Rua Flack, 153-Blo. T. 29-2840
OLEO — LOÇÃO

RUGOL
O CRÊME
EMBELEZADOR DA PÉLE

**PÍLULAS
DE
BRISTOL**

Estimulam suavemente os intestinos e eliminam os resíduos e toxinas.

Vegetais e açucaradas

I-A - PB

CRÊME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
ALIMENTA A PELE — CONTRA AS RUGAS
A VENDA EM TODA A PARTE

CABELO BRANCO?
LOÇÃO
Brilhante

MODELOS

- 1 — Duas peças bastante juvenis, em "shantung" liso para a saia e pala, e listrado de várias cores para o blusão.
2 — Gracioso modelo em algodão escocês.



inencarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO

PRODIGOS

Os homens não esquecem...

UM ROSTINHO SIMPATICO COM UMA CUTIS MACIA E SAUDAVEL! SEJA UMA "LEMBRANÇA INESQUECIVEL" NO SEU AMBIENTE, CORRIGINDO OS DEFEITOS DA SUA CUTIS COM O



OLEO de VIOLETAS

de Mme. GRAÇA

DISTRIBUIDORES: ESPANHA PARAMES & IRMAO RUA DA ALFONSO 100

TÔNICO PODEROSO, QUE DÁ À PELE AS VITAMINAS NECESSARIAS À SUA BELEZA.
CATALOGO GRATIS PELO CORREIO

Era decidir. As luvas ou o menino. Não haveria tempo para as duas coisas. O menino morreria se eu não o salvasse. E as luvas? Meu cliente seria condenado à morte se eu não levasse as provas. Era um homem honesto. E o menino, que espécie de homem seria, aí crescer? Valaria a pena salvar-lhe a vida? A mãe gritava, agarrada a mim, suplicando... Lembrei-me das luvas. Teriam valor? O homem que dissera ter visto o acusado teria falado a verdade?

— Decidi...

Os que o ouviam prenderam a respiração.

— Salvei o menino.

— E o acusado?

— Foi condenado à morte. O testemunho do vagabundo, sem a corroboração das luvas nada valia... Não era um homem cuja palavra merecesse crédito...

— Soube se as luvas eram de fato do acusado?

— Ele dizia que sim...

— E o menino que salvou?

O velho suspirou.

— Foi enforcado na semana passada, por crime de morte...

Um silêncio seguiu-se.

— Seria inocente o acusado?

— Nunca saberei...

E, virando-se para o médico, o velho disse:

— Não é verdade que meu problema é mais sério do que o seu? Eu nunca saberei se agi certo...

O médico concordou:

— É estranho. Sinto como que um grande alívio ao saber que há, afinal, alguém como...

— Como eu, não é verdade, disse o velho.

— Sim.

— Pelo menos para isso sirva a minha tragédia.

Quando o médico se retirou os pacien-

DILEMA

(Cont. da pág. 51)

se achava por ali com a intenção de passar a noite naquele banco, esperara. Era um vagabundo, e suas palavras não seriam aceitas. Acontecia, porém, que o homem deixara cair um par de luvas e estas poderiam ser identificadas. Resolvi comprar do homem as tais luvas, pois ele pusera tudo numa base de negócio. Fui à casa dele, donde saí com as luvas. O caso dera-se nas vizinhanças da cidade. Fui de trem. Na volta, quando trazia na pasta a única prova possível da inocência do meu cliente, sucedeu um desastre. Ainda me lembro. Virou completamente e pegou fogo. Saí ileso, fora umas escoriações ligeiras, mas ao sair de debaixo do trem, que estava prestes a queimar-se, lembrei-me de que deixara cair a pasta. Precipitei-me para apanhá-la, quando uma mulher desesperada agarrou-me o braço e pediu que salvasse a vida de seu filho, que ficara no outro vagão. Ouvi o choro do menino. Não havia ninguém por perto.

OS DISTÚRBIOS SEXUAIS NA MULHER E O SEU TRATAMENTO MODERNO

Data de 1923 a significativa descoberta de dois cientistas norte-americanos, que encontraram nos ovários duas espécies de secreção, as quais regem a vida sexual da mulher. Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma grande fórmula, pondo à disposição da mulher um tesouro de grande valor, cujo nome é PANSEXOL "F". Possui o Pansexol "F", pela sua fórmula, os requisitos necessários para combater eficazmente a fraqueza e a neurastenia sexual, falta de vigor e vitalidade, regras tardias, irregulares, pouco abundantes ou excessivas, como também é empregado com resultados marcantes em todos os casos de obesidade ou magreza glandular, flacidez da pele e da cutis e todas as doenças provenientes da idade crítica (menopausa). Seu uso proporciona logo às primeiras dragéias aumento de atividade intelectual, entusiasmo, bem-estar geral.

"Pansexol" Feminino encontra-se à venda em todas as Drogarias e Farmácias.

Fórmula do Prof. Austregésilo

Remetemos pelo Reembolso Postal

Cr\$ 20,00 o vidro

Produtos PANVITAL — Rua da Estréla, 6

RIO DE JANEIRO

DR. A. MENDES MONTEIRO
OBESIDADE, MAGREZA E
ENXAQUECAS — REGIMES
ALIMENTARES

2.as, 4.as, 6.as, das 14 às 19 horas
Rua Senador Dantas, 20 —
salas 1.306/8 — Fone: 22-1778



*Você não sabe
o que está perdendo...*

...não tomando às refeições

MALZBIER da BRAHMA



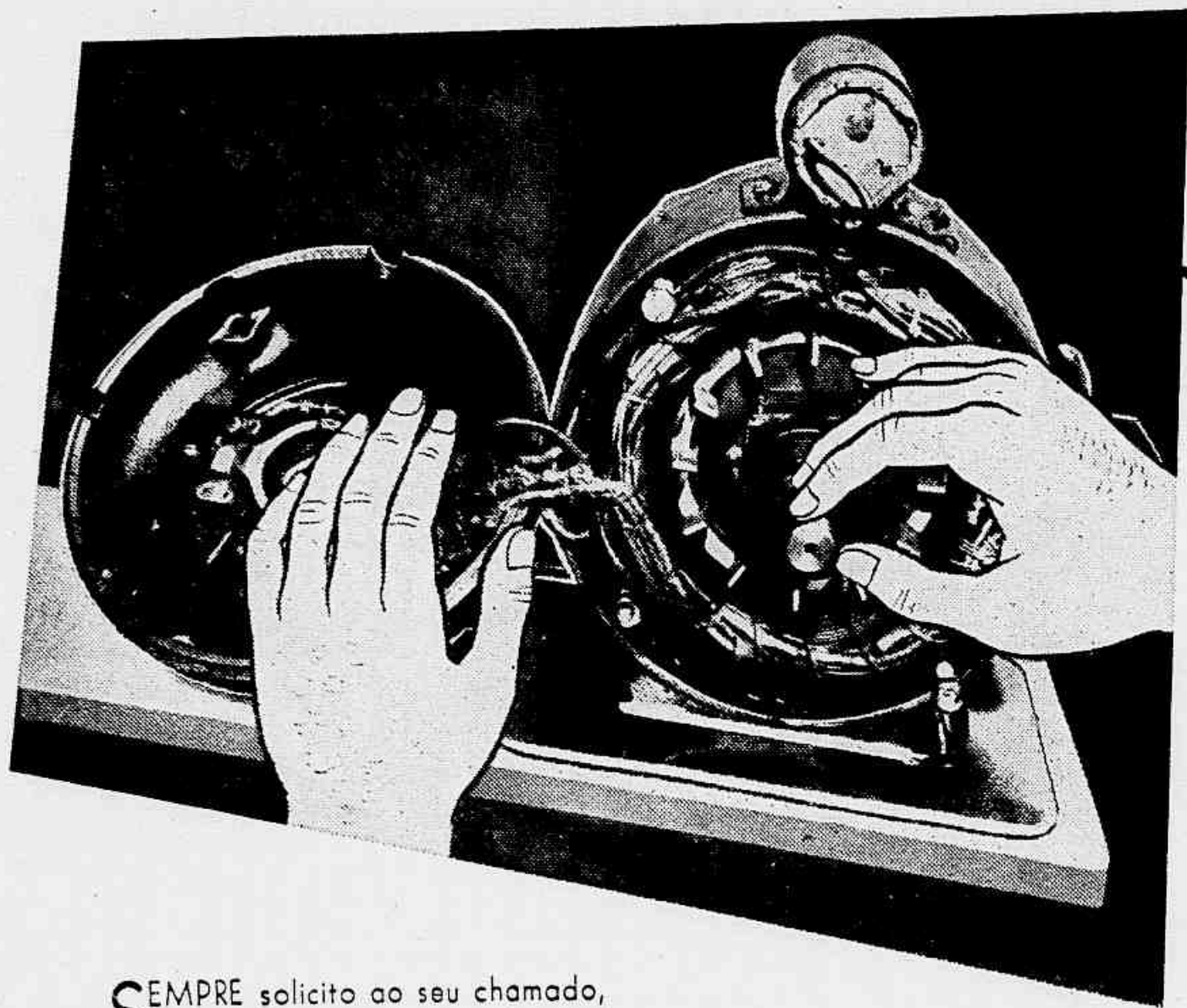
COMPLETA
QUALQUER
REFEIÇÃO!

Isso mesmo! Não calcula o que perde em sabor e energias! Principalmente se sua mesa carece de algum alimento indispensável! Graças à sua riqueza em malte, Malzbier da Brahma, além de ser uma delícia, é ainda altamente nutritiva. Ligeiramente doce, de baixo teor alcoólico, aí está a cerveja do lar. Prefira-a para dobrar o valor e prazer das refeições.

PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA SOCIEDADE ANÔNIMA BRASILEIRA - RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO - CURITIBA



— DE QUEM SÃO ESTAS MÃOS ?



SEMPRE solicito ao seu chamado, o técnico-de-serviço da General Electric é um amigo a zelar pela conservação e bom funcionamento de todo e qualquer aparelho G-E que possuir. Estas mãos representam, assim, toda uma organização a trabalhar silenciosa e continuamente para sua completa satisfação, para que a qualquer momento possa tirar o máximo de proveito do aparelho G-E que adquirir.

Esta garantia extra que lhe oferecemos entra em vigor no momento da compra. Basta especificar General Electric.

Ouçá os "Festivais G-E", às 5as. feiras, na Rádio Nacional, às 22,05. Em ondas médias (PRE-8, 950 kcs.) e curtas (PRL-7, 30,56 metros). Um programa musical, com atrações para todos os gostos.

— ONTEM, HOJE, AMANHÃ

Apesar da emergência em que hoje se encontra, a General Electric continua prestando assistência e cooperação, com os meios e materiais ao seu alcance.

Normalizada a situação, a General Electric, mais bem aparelhada, estará a seu dispor com a presteza e a perfeição que sempre distinguiram seus serviços.

GENERAL  ELECTRIC

tes voltaram aos seus leitos. Todos iam refletindo no caso que evidentemente os impressionara. Somente Larry ficou. Quando todos se tinham afastado ele se aproximou do velho e disse:

— Uma vez eu o maldisse, por ser um grande mentiroso. Hoje ofereço-lhe a minha mão pelo trabalho de caridade que fez...

O velho sorriu tristemente:

— Pelo menos serviu de alguma coisa a minha habilidade para inventar histórias. Garanto que tirei um peso da consciência do médico...

— Sem dúvida.

— Mas diga-me: como conseguiu inventar a história assim de repente?

— Porque, meu amigo, o senhor me conhece, aliás o único entre nós que sabe disso: como um grande mentiroso. Mas desta vez, pela primeira vez na minha vida, num momento como esse, eu não menti. A história é autêntica.

Incrédulo, Larry encarou-o. Mas o velho tornou a mostrar os dentes meio amarelados num sorriso triste:

— Já sei. Na única vez que importa, você não me acredita. E' essa a pena que terei que pagar pelas mentiras que sempre contei.

— Mas, apesar de tudo, Larry também estava perturbado.

Figuras do Imperio

Continuação da pag. 28

Em 1854, presidente de São Paulo, Saraiva ainda devia ter encontrado nele vida assaz parecida com a de 1846 dela participe o estudante que em vez de estudos em Olinda os iniciara e completára em terra paulista.

Em 1846, como em 1854, nossa moeda valia. O ganho dava para o sustento e não raro para economia e reservas, os generos de primeira necessidade ao alcance geral, a arroba de assucar a dois mil réis, queijos a trinta mil réis o cento, a saca de café a setecentos réis.

Os generos de primeira necessidade eram vendidos soltos, o ensacamento por conta do comprador, abastecido pelo mercado de São Paulo em concorrência com o de Minas agricultora.

No parlamento do Imperio, Saraiva mostrou oratoria sóbria, de acordo com o seu carater moderado. Valeu-lhe esta, em idade propecta, o nome de Nestor político.

Na Republica mandou a Bahia o Conselheiro Saraiva ao Senado Federal, a recomeço de vida parlamentar, quando o Brasil de unitario passava a federalizado, em rapida e imprudente cópia de Constituição norte-americana. Os saltos politicos raro são felizes.

No programa do ultimo gabinete monarquico figurava a ideia da federação a par da desvitaliciedade do Senador, sendo de crer que o assunto não fosse realizado de golpe.

Na propria Constituinte de 1890 experimentou Saraiva a diferença, em tudo e por tudo, da propria ambiencia politica. O ex-senador do Imperio achou-se sem duvida no fóro intimo incompatibilizado com o senador da Republica.

Em breve Saraiva renunciou mandato. Recolheu-se á terra natal, ao seu engenho da Pojuca. Alí, segundo maldades de outrora, só a *Revista dos Dois Mundos* fôra leitura de Saraiva no decurso do Imperio. Não teria ele guardado o primeiro numero do *Correio Paulistano*? Quem sabe? E na afirmativa quantas, quantas recordações

DE Música

ONDE AGUAS PASSADAS MOVEM MOINHOS COM ESPANTOSA EFICIENCIA

Ouve-se dizer, frequentemente, que águas passadas não movem moinhos. Mas, se me permite a sabedoria popular, citarei a exceção que, de resto, limita-se a confirmar a regra. Trata-se das cabriolas da OSB, das frequentes e desnordeantes mudanças na orientação das suas atividades.

Águas passadas são as temporadas anteriores. Disso não resta dúvida. E', também, água passada a entrevista que Szenkar me concedeu. Entretanto, recordando-as, poderemos compreender perfeitamente, o que se está passando. A explicação é fornecida pelo próprio maestro. Não creio, em vista disso, que ele fique ofendido se a chamo de patológica, apressando-me, aliás, a acrescentar que se trata de uma terapêutica musical, destinada a apurar o gosto dos ouvintes, segundo o método homeopático.

E é assim que o que ficou para atrás não deve ser relegado ao esquecimento, porque permite a compreensão clara dos fenômenos e toma até parte ativa, pois influi, decisivamente, na formação da opinião.

Estou de acordo que a memória, sem auxílio de raciocínio que esclarece, ordena e deduz seria inútil, mas, aliás, eles fazem miagres. A muitos, perspicazes e generosos, não faltou o raciocínio: faliu, na hora em que era imprescindível, a memória.

Quando a OSB fez sua entrada em cena este ano com Wagner, não faltou quem se rejubilasse. Seguindo-se Bach, o entusiasmo cresceu a tal ponto que foi, desde logo, prevista uma nova etapa no desenvolvimento da OSB. Tanta coisa foi lembrada! Mas quanta coisa foi esquecida!

Nesta sessão, faz alguns meses, eu resumia as censuras que tinha a dirigir ao maestro Szenkar na mais importante delas. Não pedia dele execuções perfeitas que a OSB está longe de nos proporcionar, reclamava tão sorridente que um nível mais elevado fosse mantido na programação, que nos dessem umas férias de Tchaikovski, uma licença com vencimentos de Strauss, o das valsas.

E eis o ponto crucial de toda a questão, que me escapou quase inconscientemente: vencimentos. Nesse plano, o maestro colocou a questão. Eu a encarava esteticamente; ele, economicamente. Longe de mim a pretensão — aliás, inútil — de negar a premência e o peso desse fator. Não tentei fazê-lo. O maestro convenceu-me com o mais simples dos argumentos. "Tenho um estômago, como outro qualquer cidadão, e não vivo de brisa". Perfeitamente, retruquei, e ficá-los por ali, tendo eu formulado votos para que, no ano que agora corre, as refeições do maestro fossem abundantes, de modo a que não lhe faltasse o vigor para a regência das obras que o exigissem.

Restrições, propriamente, não tinha mais. Estava explicada a dissidência. Uma simples questão de pontos de vista.

Entretanto, como alternativa, Szenkar apresentava, também, um método menos drástico do que o que eu preferiria, revelando, aí, um cauteloso meio termo. Era o processo que eu denominei de homeopatia musical, com doses pequenas e frequentes de boa música que Szenkar se encarregaria de passar como contrabando, no meio de coisa mais barulhenta e de menos valor.

Meio convencido, também, quanto a esse aspecto, apelei para "Música Viva" para a realização mais perfeita daquilo que condizia com o que eu julgava ser a melhor maneira de encarar o problema, se bem que oferecesse meu apoio a Szenkar.

Talvez, mesmo — e peço que observem como é minha intenção falar com toda a franqueza — não simpatizara muito com o que dissera o maestro, porque, indiretamente, ele nos chamava um povo de botocudos, que precisa ser educado. Fez várias alusões — oh, tão vagas e tão sutis! — a esse fato. Se

bem que, a despeito do exagero, ele não estivesse muito longe da verdade, eu intimamente, me revoltaria com a crítica — aliás íntima e paradoxalmente, pois não admito revolta contra a crítica — e meu sentimento patriótico me murmurou ao ouvido que Szenkar não tinha o menor direito de fazer críticas a um povo que o acolhera de braços abertos, pagava-lhe bom dinheiro, enchia o Rex, o Fluminense e o Municipal, e o aplaudia quando ele se dignava a aparecer, regendo a OSB.

Tudo isso, senhores, são as águas passadas. E elas, agora, me ajudam a mover o moinho, aparecendo clara a solução do problema, examinados os dados com isenção.

A muitos surpreendeu o terceiro concerto da OSB. Era um concerto

que eu esperava e que veio com a precisão matemática de uma operação algébrica. Reatadas as relações com a URSS, satisfeita, assim, uma das aspirações do povo, concedido ao bom gosto o prazer de dois concertos de música de fato, era inevitável o festival de música russa. Não, como desejávamos, com os melhores compositores russos: não havia tempo para isso, e urgia aproveitar a oportunidade fornecida pelo acontecimento transcendente. A quem recorrer. Ora, não estava ali Tchaikovski, pronto para ser usado. Vamos uma boa dose dele para o público. E vamos encher os bolsos! Muito bem. Mas a objeção é esta: as doses de boa música devem ser homeopáticas, dizem. Concedamos. Mas tivemos uma dose positivamente assustadora de música vulgar. E isso, senhores, é injustificável e faz trabalho maléfico: estimula e gratifica o mau gosto.

Szenkar vai nos dar um ou outro concerto bom, como um prêmio, e isso entre uma infinidade de concertos más pelo menos na nossa opinião. Infelizmente, ainda há quem apoie. E nada se pode fazer. Não cabem aqui elogios desmedidos ao maestro como os que se leram na imprensa nessas últimas semanas. Ele está ganhando seu dinheiro, honestamente. Está tratando de sua vida.

Elogios porque cumpre o seu dever por que faz o mínimo?

Além do mais, a OSB não é uma orquestra perfeita. Sol a batuta de Szenkar, por exemplo, tem, às vezes, a tendência para esbater o colorido, ou então para torná-lo opaco. De fato, a limpida e a precisão não são, de modo algum, virtudes especiais da orquestra — ou será defeito do regente? Nem sempre, diga-se logo, isso acontece, mas o suficiente para que possa ser notado. Quanto a Eleazar de Carvalho, é um maestro jovem e talentoso, porém que precisa de controlar um pouco mais a sua exuberância tropical, apurar o seu gosto, aperfeiçoar, enfim, o talento inato que não lhe falta. Isso, aliás, se nota, igualmente, nas suas composições que são anotações um tanto apressadas, de inspiração nem sempre muito feliz, sem serem aproveitadas com segurança. Em suma, ele tem o dom, mas ainda precisa dominar o meio. Pode-se dizer que, nele há um artista, mas não há um artesão. E isso, infelizmente, não nasce com o homem: conquista-se com trabalho, paciência e estudo. Temo que a impaciência do maestro não o leve muito adiante e o faça desperdiçar tanta coisa aproveitável — ou mais do que aproveitável — que, ele, inegavelmente possui — ROBERTO LYRA FILHO



Novo e Moderno Leite de Beleza LALAQUE

Base para o "Make-Up" à Hollywood

Para aplicação no Rosto, Colo, Braços e PERNAS

LALAQUE apresenta o seu novo e moderno Leite de Beleza — base indispensável para um "Make-Up" perfeito; — não engordura nem resseca a pele, devendo ser aplicado leve e uniformemente

com uma pequena esponja ou mecha de algodão. Esta aplicação, que se mantém inalterável por longas horas, deve ser feita sempre de cima para baixo e nunca em sentido contrário, ou circular.

Leite de Beleza LALAQUE



Nas cores:

- ★ Clara
- ★ Morena
- ★ Ocre
- ★ Bronzeada
- ★ Praiamar
- ★ Hawaiana



A VENDA EM TODO O BRASIL

**CABELLOS
BRANCOS**

CASPA

**Quêda
dos
Cabellos**

**JUVENTUDE
ALEXANDRE**



**Impossível
dormir!**

Qual a causa dessa terrível insônia que a aflige? Preocupações morais? Motivos de ordem física? Sejam quais forem as causas da insônia, esta encontrará remédio seguro em um ou dois comprimidos de ADALINA de Bayer.

ADALINA é um calmante inofensivo, de ação suave sobre o sistema nervoso; combate a insônia, permitindo um sono tranquilo e reparador, bem como um despertar natural.

ADALINA
BAYER

**CALMANTE DOS NERVOS
SUAVE E INOFENSIVO**

Agora muitos usam

DENTADURA POSTIÇA
com mais comodidade

FIXODENT, um pó alcalino (não ácido), de agradável sabor, mantém as dentaduras postizas firmes na boca. Para comer e falar com mais comodidade, experimente um pouco de FIXODENT sobre sua dentadura postiza. Não fica na boca nenhuma sensação pegajosa. Combate o "cheiro característico de dentadura" — perfuma o hálito.

Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário. Solicite amostras.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMER CANA
Av. Rio Branco, 114 - 1.º andar
Rio de Janeiro

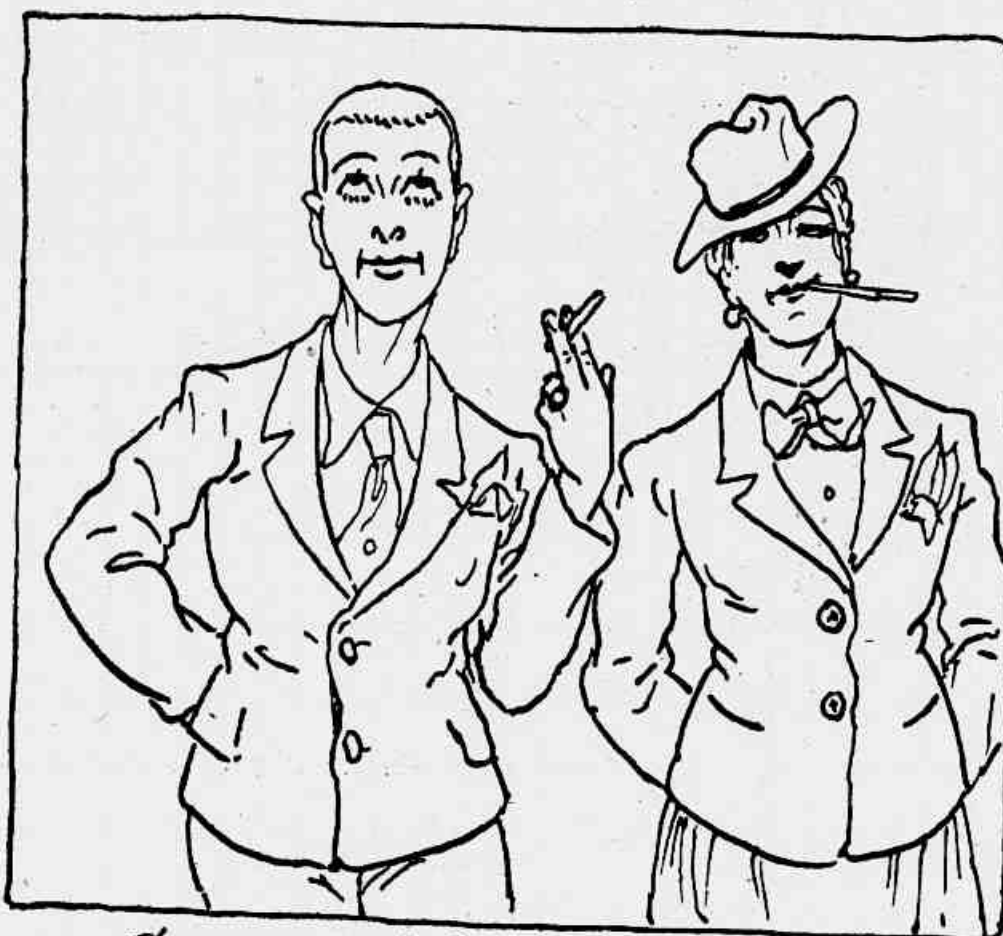
87-B

Espécies de gêneros



Gênero masculino ou barbado.

Gênero feminino ou "fraco".



Gênero epicêno ou neutro



Gênero alimentício.....



De 1ª necessidade? Não. É gênero livre no comércio generoso...



JESY BARROSA

RAUL

dissesse o nome, eu já conhecia tão bem a voz daquele valente.

CELESTE — Olhe essas calças, Maria. Eu já disse para ter cuidado com as suas expressões.

MARIA — Mas a senhora queria que eu dissesse que ele é moço? Desculpe a impressão, mas eu quando olho pra ele não consigo achar ele moço não, patroa.

CELESTE — Maria. Dispense a sua opinião.

MARIA — Está bem. Desculpe. A senhora quer mais alguma coisa?

CELESTE — Vá ao meu armário e apanhe a minha capa de peles.

MARIA — A senhora vai botar capa de pele com este calor?

CELESTE — Não se meta, Maria, e faça o que eu mandei.

(Passos)

MARIA — Pronto, está aí a capa, dona Celeste.

CELESTE — Tire as joias do estojo e faça um embrulho de todas elas e da capa.

(Campainha)

CELESTE — Vá ver quem é.

(Passos e porta)

MARIA — Faça o favor de entrar, dona Julita.

JULITA (entrando) — Ué... vai sair, Celeste? Tão cedo! Aonde vai você?

CELESTE — À casa do Jacob.

JULITA — Jacob? Quem é? Alguma nova conquista?

CELESTE — Não, Julita. A casa do Jacob é uma casa de penhor.

(Música)

LUIZ — Mas quem será esse homem misterioso, Rogério? E por que razão ele não se deu a conhecer? Por que teria ele fugido?

ROGÉRIO — Naturalmente para evitar complicações com a polícia. Com certeza ele se escondeu porque matou aquele homem. Para ter deixado você sem sentidos e ainda amarrado naquela estrada, foi porque viu algum carro aproximar-se e fugiu.

LUIZ — Quem será esse homem? Que mistério, hein?

ROGÉRIO — Mas você não reconhece esta letra?

LUIZ — Eu tenho uma idéia desta letra. Esta letra não me é estranha. Mas foi escrita com tanta pressa que a gente não sabe bem se é de homem ou de mulher.

ROGÉRIO — Felizmente que é diferentíssima da minha. Se tivesse qualquer semelhança era bem possível que a estas horas eu ainda estivesse detido naquela sala da delegacia.

LUIZ — Mas isto tudo é de enlouquecer.

ROGÉRIO — E' preciso reagir, meu amigo. Você assim acaba doente. Acaba neurastênico.

LUIZ — Mas você então retirou o caso da polícia?

ROGÉRIO — Sim. E tomei esta deliberação porque sabia ser esta a sua vontade.

LUIZ — Fez muito bem. Há muito tempo eu tinha perdido a esperança de reaver aqueles papéis.

ROGÉRIO — Em todo o caso você agora sabe que tem um protetor misterioso. Isto não o anima?

LUIZ — Sim. Ele deve ser meu amigo. Pelo que diz neste bilhete ele me conhece. Não foi alguém que me socorreu apenas por socorrer.

ROGÉRIO — Luiz. Deixe-me ler de novo este bilhete (pausa). "A quem encontrar este homem aqui na estrada devo dizer que ele é o doutor Luiz Vilela, químico muito conhecido no Rio de Janeiro. Ia ser metido dentro de um automóvel e estava sendo carregado por dois homens, assim como está: desacordado e todo amarrado. Foi preciso matar um dos bandidos. O outro fugiu. Sinto-me feliz de ter salvo o doutor Vilela, que é um homem de bem e de grande valor".

LUIZ — Mas quem seria esse homem, Rogério?

ROGÉRIO — Eu não sei. Eu não sei quem será.

(Intervalo)

CELESTE — Vou ao armário, João! 53 mil cruzeiros, minha irmã!

JULITA — Que é isso, Celeste? Acorreu na loteria?

CELESTE — Não, Julita. Você não se lembra de que outro dia eu fui à casa do Jacob?

JULITA — Lembro-me, sim. Armada de todas as suas joias e daquela esplêndida capa.

CELESTE — Pois é. Justamente. Deixei tudo lá para o Jacob avaliar e me emprestar algum dinheiro sobre o seu valor.

JULITA — Sim. E daí?

CELESTE — Pois bem: o Jacob telefonou hoje de manhã lá para casa e me disse que ele só me poderia emprestar vinte mil cruzeiros. Mas que se eu quisesse vender aquilo tudo ele me daria, pela capa e pelas joias, 50 mil cruzeiros.

JULITA — E você, idiota como sempre, vendeu?

CELESTE — Vendi, Julita.

JULITA — E é para me contar uma loucura dessas que você me entra aqui em casa feito uma doida?

CELESTE — Loucura, Julita? Mas você não sabe que eu estou cheia de dívidas e que a mesada que o Geraldo me dá não chega para as minhas despesas?

JULITA — Mas então, Celeste, você já gastou todo o seu dinheiro? Todo o seu capital?

CELESTE — Eu não tenho mais nada, Julita.

JULITA — E remata agora agora com esse negócio do Jacob?

CELESTE — E não foi uma salvação?

JULITA — Uma salvação? Um roubo, sua tola, um roubo, ouviu? Isto é o que foi.

CELESTE — Mas como, Julita? Que quer dizer?

JULITA — Celeste. Você se lembra daquele anel que o Geraldo lhe deu no dia em que vocês ficaram noivos?

CELESTE — Lembro-me.

JULITA — Você também o vendeu?

CELESTE — Vendi. Vendi todas as joias.

JULITA — Escute, sua idiota. Você não se recorda quanto custou aquele anel? Que nós até ficamos admiradas ao saber do seu preço?

CELESTE — Parece que foi vinte mil cruzeiros, não foi?

JULITA — E aquela pulseira que o Braga lhe deu o mês passado você também vendeu?

CELESTE — Vendi, Julita. Eu já não disse que vendi tudo?

JULITA — Você não foi perguntar no ourives o preço da pulseira logo no dia seguinte? Não se lembra de que fomos as duas perguntar?

CELESTE — E'. Fomos.

JULITA — E então, maluca, lembra-se do que o joalheiro nos disse?

CELESTE — Que ele não costumava fazer avaliações. Mas que aquilo devia ter custado, no mínimo, uns dez mil cruzeiros, não foi?

JULITA — E o colar de pérolas, o que você herdou da mamãe?

CELESTE — Devia valer uns dez também.

JULITA — E aquela placa de brilhantes, presente de Regina e Luiz quando você se casou?

CELESTE — Ora, aquilo era uma coisa sem importância.

JULITA — Pois olhe, a Mariazinha ganhou um igual outro dia, que o marido lhe deu.

CELESTE — E quanto custou?

JULITA — Oito mil cruzeiros, sua palerma.

CELESTE — Vendi também aquela esmeralda, que me custou cinco mil contos.

JULITA — E aquela pulseira de ouro que o Rogério lhe deu no dia de seu casamento?

CELESTE — Que deve valer mil cruzeiros?

JULITA — E aquele anel que tio Arnaldo lhe trouxe quando veio de Portugal?

CELESTE — Aquê eu não sei quanto podia valer. Não tenho a mínima idéia.

MANUEL — Sim, senhor delegado, e o mais depressa possível. O dr. Rogério seguiu sozinho. E a gente não sabe se ele pode encontrá-lo.

(Passos)

DELEGADO — Bem. Aí estão os homens. Pode seguir. Aí estão cinco dos meus melhores homens. Vejam lá, hein? Vamos ver se, afinal, a gente descobre alguma coisa nesse caso do invento do dr. Vilela.

MANUEL — Então vamos...

(Música)

(Automóvel na estrada)

HOMEM (gritando) — Estão vendo alguma coisa, vocês que vão aí na frente?

MANUEL (gritando) — Vejam. Aí vem um automóvel. Vem caminhando para cá. Estão vendo? Olhe... aí vem...

HOMEM (gritando) — Sim. Vamos esperá-lo.

MANUEL — Deve ser o carro do dr. Rogério. E' sim. Eu já estou vendo a placa. E' ele mesmo.

(Busina e carro freiando)

MANUEL — Dr. Rogério! Dr. Rogério.

ROGÉRIO — Venha até aqui, Manuel.

MANUEL — Já vou. Já vou, doutor...

(Passos)

MANUEL — Ué... mas isto é incrível! Mas como foi isto, doutor?

(Intervalo)

MANUEL — Mas como foi isto, dr. Rogério? O que foi que aconteceu? Que tem o dr. Luiz?

ROGÉRIO — Ele não está morto, não. Sossegue, Manuel. Ele está apenas narcotizado.

MANUEL — Narcotizado, doutor? Mas como foi que o senhor o encontrou?

COMISSÁRIO — Bravos, dr. Rogério! Muito bem!

MANUEL — Dr. Rogério, o dr. Luiz vai continuar assim desacordado? O senhor não vai socorrê-lo? Ele está tão branco!

ROGÉRIO — Não se assuste, Manuel. Isto é do narcótico. Ele não vai morrer por isto, não.

COMISSÁRIO — Fale então, doutor. Como foi que o senhor o encontrou?

ROGÉRIO — Eu encontrei o Luiz amarrado, amordaçado e narcotizado. Mas não foi só o Luiz que eu encontrei, sr. comissário. Ao lado dele estava um homem morto. Chegou a vez do senhor entrar em ação com seus homens. E' preciso ir buscar aquele cadáver. Eu me encarregarei de levar o Luiz para casa.

COMISSÁRIO — Mas onde foi isto, doutor?

ROGÉRIO — Vá seguindo no seu carro. Sempre em frente. Logo depois daquele bar que está fechado há uma grande fogueira. Logo adiante o senhor achará, à beira da estrada, o tal sujeito. Eu o coloquei bem no caminho para ser encontrado.

COMISSÁRIO — Escute, doutor. O senhor tem certeza mesmo que o homem estava morto?

ROGÉRIO — Tenho, sim senhor. Por que pergunta?

COMISSÁRIO — Sim, porque, às vezes, essa gente é perigosa. O senhor revistou o defunto?

ROGÉRIO — Revistei-o, sim, e nada achei. O homem, a não ser uma carteira com uns níqueis, nada mais tinha.

COMISSÁRIO — Mas quem o teria assassinado? Teria sido o dr. Luiz?

ROGÉRIO — Não creio, sr. comissário.

(Música)

ROGÉRIO — Manuel.

MANUEL — O que há doutor?

ROGÉRIO — Já molhei o Luiz. Fazer dele o dormir.

MANUEL — Está bem, dr. Rogério.

ROGÉRIO — Encontrei no seu bolso a carta que aquele bandido lhe enviou. Veja. Aqui está. Leia, Manuel.

MANUEL — Mas o senhor quer que eu leia? Eu posso ler, dr. Rogério?

ROGÉRIO — Pode, Manuel. Você é tão dedicado! Um criado como você deve ser considerado um amigo.

MANUEL — Então com licença, doutor (pausa).

ROGÉRIO — Leu?

MANUEL — Ah, então foi isto. Imagine!

ROGÉRIO — Eles garantiram ao Luiz que o levariam até à presença de Regina.

MANUEL — Foi por isso que ele saiu como um doido. Coitado do dr. Luiz!

ROGÉRIO — Afinal ele tem razão. O desaparecimento da Regina foi um golpe terrível.

MANUEL — Hum... ela faz tanta falta a todos nós, doutor. Ela era tão boa, a dona Regina!

ROGÉRIO — Eu também a estimava muito.

MANUEL — E' a Josefa, também, que foi embora. Ela era tão alegre, a Josefa!

ROGÉRIO — Deixe lá que você também sofreu o seu bocado, hein, Manuel? Você gostava da Josefa, não gostava?

MANUEL — Qual! Esse dr. Rogério tem cada uma!

ROGÉRIO — Mas não é verdade, Manuel? Você gostava dela, não gostava?

MANUEL — Gostava sim, doutor. E eu lhe confesso que era capaz de casar com ela. Mas ela preferiu o preto ao branco, não é?

ROGÉRIO — Que negócio de preto e branco é esse?

MANUEL — A Josefa gostava era do Zé Pedro. Dona Regina levou os dois porque já sabia disso.

ROGÉRIO — Ah, sim. Quer dizer então que a Josefa, de qualquer maneira, já estava perdida para você?

MANUEL — Infelizmente era isto mesmo, doutor.

(Campainha)

ROGÉRIO — Vá ver quem é, Manuel.

(Passos)

MANUEL (entrando) — E' o tal comissário que está aí, doutor.

ROGÉRIO — Mande-o entrar.

COMISSÁRIO — Desculpe incomodá-lo, doutor.

ROGÉRIO — À vontade. Que deseja o senhor?

COMISSÁRIO — O dr. Vilela vai melhor?

ROGÉRIO — Vai. Ele agora está descansando.

COMISSÁRIO — Pois bem, doutor, eu vim aqui para lhe dizer... bem... é bastante desagradável, não é? Mas o fato é que...

ROGÉRIO — Vamos. Diga logo de uma vez.

COMISSÁRIO — Não vê o senhor, não é... que... enfim, são os ossos do ofício, não é?

ROGÉRIO — Mas o que há, homem? Fale de uma vez.

COMISSÁRIO — E' que, infelizmente, dr. Rogério, eu tenho que o prender.

ROGÉRIO — Prender-me, a mim? Mas por que?

COMISSÁRIO — Afinal o senhor compreende. O senhor saiu à procura do seu amigo, não foi?

ROGÉRIO — Sim. Foi.

COMISSÁRIO — Achou o seu amigo, não foi?

ROGÉRIO — Sim. Foi.

COMISSÁRIO — Mas o senhor, depois de encontrá-lo, quando trouxe o seu amigo, deixou um homem morto em seu lugar, não foi?

ROGÉRIO — Ah... sim... o senhor, depois de ter suscitado do Luiz, suspeita agora de mim, não é? Pois bem, eu estou às suas ordens.

(Música)

LUIZ — Manuel.

MANUEL — Eu estou aqui, dr. Luiz.

LUIZ — Afinal, o que foi que me aconteceu? Eu estou com a minha cabeça tonta. Onde está o Rogério? Já foi embora? Ele não estava aqui?

MANUEL — Ele teve que sair, dr. Luiz.

LUIZ — Mas como me enganaram, hein, Manuel?

MANUEL — O senhor foi levado por aquela caria, não foi, doutor?

LUIZ — Como é que você sabe, Manuel?

MANUEL — O doutor Rogério me deu a carta para ler. Naturalmente ele a encontrou no seu bolso.

LUIZ — Um bom amigo o Rogério! Como foi que vocês me encontraram? Eu mesmo não sei contar nada; eu nem sei direito o que me aconteceu. Sei que eram dois homens; eles estavam parados juntos da tal fogueira. Eu desci do carro e fui ao encontro deles. Então eles me disseram que a Regina estava escondida numa fazenda ali perto, e fomos caminhando. Logo adiante, a poucos passos da tal fogueira, eles me seguraram e tentaram me subjugar. Entrei em luta com eles, e depois não sei o que me aconteceu.

MANUEL — Mas então eram mais de um, doutor?

LUIZ — Eram dois. Um era moreno e o outro, que estava com um chapéu largo e desabado, me pareceu um homem louro.

MANUEL — Então esse é o tal...

LUIZ — Você o conhece, Manuel?

MANUEL — Não, mas pretendo ir conhecer.

LUIZ — Onde? Você vai se encontrar com ele?

MANUEL — Não, doutor. Mas eu pretendo ir vê-lo amanhã bem cedo, se Deus quiser.

LUIZ — Mas onde, Manuel?

MANUEL — No necrotério, doutor.

LUIZ — No necrotério, Manuel? Que quer dizer?

MANUEL — Dr. Luiz. Esse homem louro, de quem o senhor falou, deve ser o mesmo que foi encontrado morto a seu lado.

LUIZ — Como? Que diz você?

MANUEL — O dr. Rogério encontrou o senhor amarrado, amordaçado e narcotizado ao lado desse homem que estava morto. Alguém abriu a cabeça dele com um tiro bem certeiro e liquidou o bicho de uma vez.

LUIZ — Mas que coisa horrível. Então foi alguém que veio em meu socorro?

MANUEL — É o que acha o dr. Rogério. Foi alguém que acudiu o senhor e o tirou, já desacordado, das mãos daqueles bandidos.

LUIZ — Quem seria, hein? O Rogério não desconfia de ninguém?

MANUEL — Quanto a isso o dr. Rogério não me disse nada.

LUIZ — Enfim... Ainda estou com vido e livre talvez de um aborrecimento maior. Em todo o caso foi bem triste o que se passou. Eu saí daqui tão animado. Eu estava convencido de que ia encontrar a Regina. Com que alegria eu transpus este portão, Manuel!

MANUEL — É, mas agora, por outra vez me desculpe, hein, doutor, mas eu acho que o senhor devia ter mais cuidado. O senhor não vê quanta coisa tem acontecido? Eu se fôsse o senhor, dr. Luiz, até me mudava desta casa.

LUIZ — Mudar-me desta casa? Nunca. Esta casa é o meu cofre. Eu guardo aqui um tesouro de recordações. Aqui ao menos eu tenho a impressão de que estou vendo a Regina em cada canto. A cada instante eu tenho a impressão de que a ouço falar.

VOZ DE REGINA — "Não vens dormir, meu querido? Olha. Já são onze horas".

LUIZ — Eu não poderia sair desta casa, Manuel. A cada momento me parece ver a Regina ressurgir. E' aqui, no escritório, é no laboratório. Em todo canto, Manuel.

VOZ DE REGINA — "Luiz. Vem respirar um pouco. Tu estás pálido, meu querido. Por que não saís desta sala abafada e sombria?".

LUIZ — Que saudade eu tenho da sua patroa, Manuel!

(Telefone)

LUIZ — Vai atender, Manuel.

MANUEL (ao telefone) — Alô. Sim. É o Manuel. Ah, é você? Sim. Que é que há? Como? Que é que você diz? Não diga, rapaz! Mas você tem certeza mesmo? Você viu bem? Que coisa, hein? Vou correndo contar ao dr. Luiz. Veja só. Aquêlo bandido, hein? Está bem. Até logo. Não bem.

LUIZ — Que há? O que foi, Manuel?

MANUEL — Imagine que o cozinheiro, o Joaquim, foi espiar o tal homem no necrotério e reconheceu o sujeito, doutor. Calcule quem era ele, doutor.

LUIZ — Quem era, Manuel?

MANUEL — Aquêlo tal jardineiro, que nunca mais apareceu. Aquêlo que atirou com a estatueta na cabeça do doutor Geraldo.

(Música)

ROGÉRIO — Estou às suas ordens, senhor delegado.

DELEGADO — Peço-lhe mil desculpas, dr. Rogério, mas eu tenho que cumprir o meu dever. O comissário Fidelis me sugeriu, aliás com justa razão, que bem podia ter sido o senhor o autor da morte daquele homem. De maneira que embora o seu crime — se o crime for seu, como parece... mas, como ia dizendo, embora o seu crime seja um crime quase simpático, eu me senti obrigado a convitá-lo a vir prestar declarações.

ROGÉRIO — Estou às suas ordens.

DELEGADO — Iniciemos então o inquérito. Senhor escrivão. Tome as notas. Fale, doutor. Conte-nos como se passaram as coisas. Inicie o interrogatório, senhor comissário.

COMISSÁRIO — Dr. Rogério Dantas. Como foi que o senhor encontrou o seu amigo dr. Luiz?

ROGÉRIO — Foi assim...

(Música)

DELEGADO — E onde está esta prova, doutor?

ROGÉRIO — Aqui está. Veja bem. Olhe bem, senhor delegado. Que não fique dúvida nenhuma.

DELEGADO — Senhor comissário, vá tomando nota. Isto é muito importante (pausa). Evidentemente, é uma coisa bem misteriosa. E'... E' um mistério, doutor. Mas onde foi que o senhor encontrou este bilhete?

ROGÉRIO — Pregado na gola do paletot de Luiz.

DELEGADO — E o senhor não conhece esta letra?

ROGÉRIO — Absolutamente, senhor delegado. Creio que agora me é permitido sair?

DELEGADO — Pois não, dr. Rogério. Se precisarmos de mais alguns detalhes o senhor será procurado novamente. O senhor não deve se afastar da capital.

ROGÉRIO — Perfeitamente, senhor.

(Música)

REGINA — Que é isso, Josefa? Você depois que casou anda só suspirando? Que se passa com você?

JOSEFA — Eu estou sentida com o Zé Pedro, Regi...

REGINA — Que é isso, Josefa?!

JOSEFA — Quero dizer: Heloisa.

REGINA — Isto mesmo, Josefa. Mesmo em casa, mesmo a sós comigo procure acostumar-se ao meu novo nome. Mas você ia dizendo...

JOSEFA — Zé Pedro, ou melhor, o José, não devia ter aceitado essa viagem. Logo agora, ele vai passar tantos dias fora!

REGINA — Mas que tantos dias são esses, Josefa? Uns três ou quatro dias é o que ele pode demorar. Hoje já é o terceiro dia. E' bem capaz de estar chegando por aí.

JOSEFA — O que ele queria era se apanhar no Rio. Ele não se lembra que pode ser visto pelo dr. Geraldo ou por outra qualquer dessas pessoas.

REGINA — O José é cauteloso. Ele não se deixará ver por ninguém.

JOSEFA — Hum... não sei não. Eu sei lá onde é que ele está andando a esta hora!

(Automóvel chegando)

REGINA — Será?

JOSEFA — Se for o Zé Pedro ele vai me ouvir, Regi...
Heloísa.

REGINA — Não lhe diga nada, Josefa. Ele deve estar cansado da viagem que fez.

JOSEFA — Eu sei que ele está cansado, mas não é de trabalho, não...

REGINA — Mas o que é isso, Josefa? Crimes? Ora que bobagem!

(Porta abre)

REGINA — Oh, Zé Pedro. Estávamos falando de você.

(Pausa)

JOSEFA — Bom dia ao menos, José Pedro.

(Passos)

ZÉ PEDRO — Bom dia.

(Pausa)

JOSEFA — Perdeu a fala, Zé Pedro? Vamos, fale.

(Silêncio)

JOSEFA — Vamos... que é que você tem? Fale...

ZÉ PEDRO — Dona Regina...

((Música de encerramento))

CAPÍTULO XI (Característica)

LOCUTOR — Rogério, depois de salvar o seu amigo Luiz, vai à delegacia prestar declarações, e mostra um bilhete que estava pregado no paletó de Luiz. De posse dessa prova, o delegado diz que é de suma importância esse detalhe do crime. Celeste cada vez mais se embrenha pela vida de dissipações, com as facilidades que encontra. Entretanto começa a se descontrolar, pois passa as noites ao lado das roletas. Em S. Vicente, na humilde casinhola de pescadores, apesar da grande renúncia, reina calma, pois a Luízinha, filhinha de Regina, foi o prêmio de todo aquele sacrifício. Todos daquela casa agora vivem para aquela menina. Há porém alguém que não está satisfeito. É Josefa, que reclama o procedimento de Zé Pedro. Acha que ele está demorando no Rio de Janeiro. Regina acha graça no ciúme de Josefa e a conforta. E o capítulo passado terminou quando Josefa dizia à sua patroa:

JOSEFA — Não, Regi... desculpe: Heloísa. Zé Pedro está metido lá na capital e nem se lembra da gente!

(Ruído de automóvel que chega)

REGINA — Você já estava falando de mais, Josefa. Aposto que é o Zé Pedro que está aí.

JOSEFA — Ah... também se for ele... vai me ouvir.

REGINA — Não faça isso, Josefa, o homem vem cansado da viagem.

JOSEFA — Tenha paciência, mas sem ouvir é que ele não fica. É preciso que ele não se esqueça de que tem mulher.

(Porta)

REGINA — Ora, bons olhos o vejam, Zé Pedro!

(Passos)

JOSEFA — E então, seu José Pedro?

REGINA — Calma, Josefa.

JOSEFA — Que cara é essa, Zé Pedro? Parece que viu assombração!

REGINA — É verdade, Zé Pedro. Você está com uma cara!

JOSEFA — Fale. Diga alguma coisa. Ao menos bom dia...

(Silêncio)

REGINA — Que tem você, Zé Pedro? Você viu qualquer coisa...

ZÉ PEDRO — Dona... Regina...

REGINA — Você não viu... não viu ninguém conhecido, não foi, Zé Pedro?

ZÉ PEDRO — Como? Que foi que a senhora disse?

REGINA — Eu perguntei se você não viu ninguém... alguma pessoa conhecida.

JOSEFA — Até parece que voltou meio surdo.

ZÉ PEDRO — Ora! Não aborreça, Zefinha. Você não compreende que está interrompendo a sua patroa? Mas o que foi mesmo que a senhora perguntou?

JOSEFA — Está vendendo só? Zé Pedro. Eu tenho fare... você não andou direito lá pelo Rio, José...

REGINA — Cale-se, Josefa. Você não deixa o seu marido falar.

JOSEFA — Conte logo de uma vez o que andou fazendo por lá.

REGINA — Não é o que você andou fazendo o que eu quero saber. Eu sei que você foi levando uns passageiros no seu carro. Eu sei que você foi para ganhar dinheiro. Você foi no seu serviço de chauffeur.

ZÉ PEDRO — Isto mesmo, dona Heloísa.

REGINA — Mas o que eu estava perguntando era se, por um acaso, você não teria visto ninguém.

ZÉ PEDRO (perturbado) — Bem, eu... eu não tive tempo de ver ninguém. Depois, a senhora compreende, não é? Eu... eu... não queria ser encontrado por nenhum conhecido. Não convinha, não é?

REGINA — Realmente, seria uma imprudência. Mas, por um acaso, mesmo sem ser visto, você poderia ter avistado alguém.

ZÉ PEDRO — Não. Eu não vi ninguém.

JOSEFA — Hum! Eu não estou acreditando muito nessa história, não. Pelo menos aquela assanhada da Leontina você havia de ter visto. Você havia de ter arranjado um jeitinho p'ra ver aquela mulata. Garanto que arranjou...

(Música)

CELESTE — Maria...

MARIA — Que deseja, madame?

CELESTE — Apanhe o meu estojo de joias...

(Passos)

MARIA — Onde quer que ponha, dona Celeste?

CELESTE — Deixe em cima da cama.

(Passos)

MARIA — Pronto. Aqui está. Deseja mais alguma coisa?

CELESTE — Ninguém telefonou para mim?

MARIA — Não.

CELESTE — Desde ontem, Maria?

MARIA — Ontem à noite, depois que a senhora foi para o casino, telefonou a dona Julita.

CELESTE — Que é que ela queria?

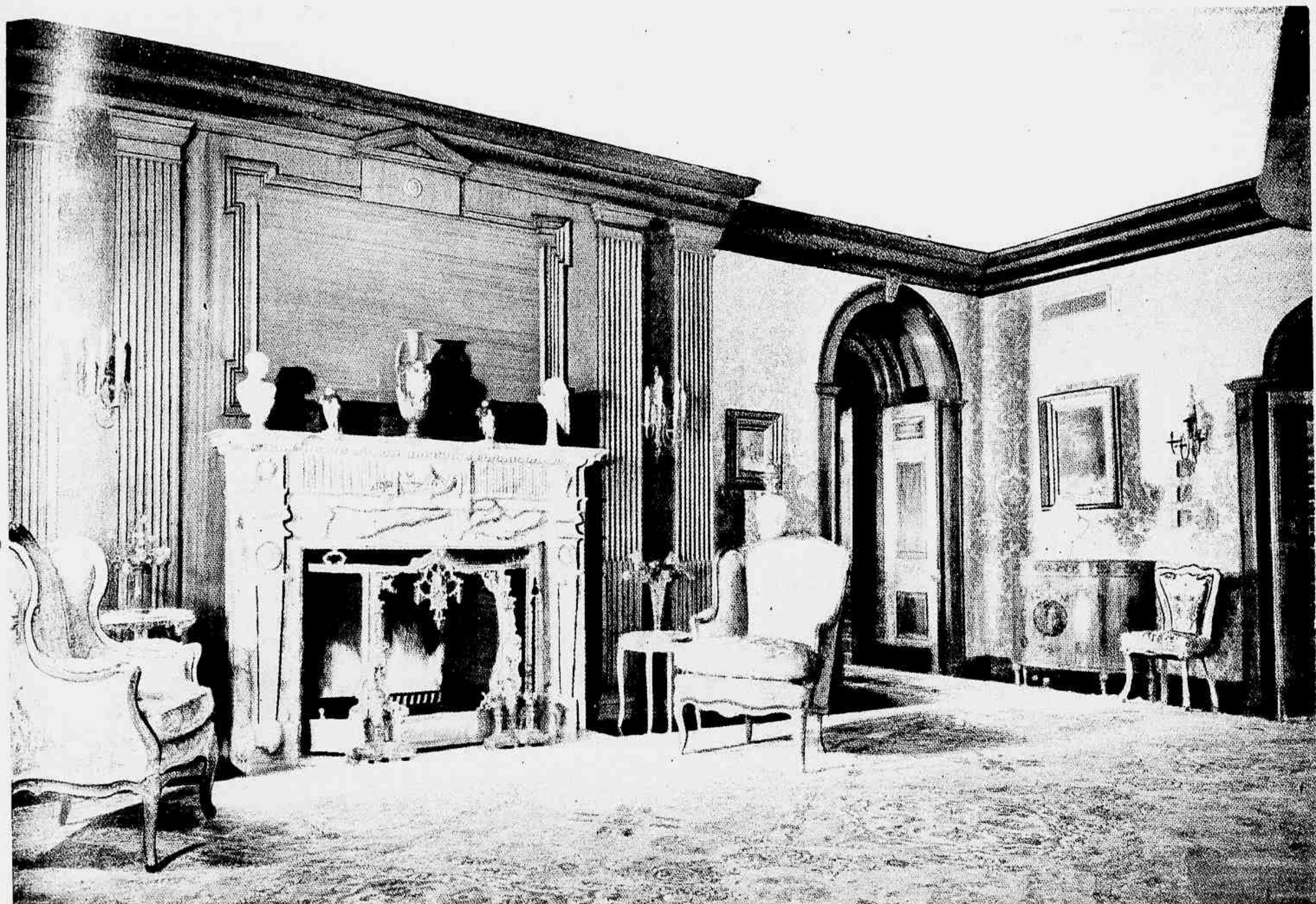
MARIA — Queria saber onde a senhora tinha ido.

CELESTE — E você disse, Maria?

MARIA — Eu não, patroa. A senhora não recomendou tanto p'ra eu não dizer a ela onde a senhora tinha ido?

CELESTE — Escute, Maria. Você tem certeza de que o Braga não telefonou?

MARIA — Tenho sim, madame. Mesmo que ele não



Sala de Estar Simples e Confortável

Oferecemos hoje aos nossos leitores um modelo de sala de estar, colhido numa residência norte-americana.

Como se pode ver pela fotografia, os poucos móveis que a ornamentam emprestam ao compartimento elegância e distinção, completados pela lareira que se encontra ao centro, tornando o ambiente confortável. Aqui fica, pois, mais uma sugestão.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ